

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES - ILA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

MARIANA BRIESE DA SILVA

GLOSSÁRIO DIGITAL DE BIBLIOTECONOMIA EM LÍNGUA BRASILEIRA DE
SINAIS (LIBRAS): UMA NECESSIDADE EMERGENTE PARA A INCLUSÃO
SOCIAL DO SURDO

Rio Grande

2023

MARIANA BRIESE DA SILVA

**GLOSSÁRIO DIGITAL DE BIBLIOTECONOMIA EM LÍNGUA BRASILEIRA DE
SINAIS (LIBRAS): UMA NECESSIDADE EMERGENTE PARA A INCLUSÃO
SOCIAL DO SURDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande - FURG como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Camila Lawson
Coorientador: Adail Sobral

Rio Grande/RS

2023

Ficha Catalográfica

S586g Silva, Mariana Briese da.
Glossário digital de Biblioteconomia em Língua Brasileira de
Sinais (LIBRAS): uma necessidade emergente para a inclusão social
do surdo / Mariana Briese da Silva. – 2023.
163 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande –
FURG, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande/RS,
2023.

Orientadora: Dra. Camila Lawson.

Coorientador: Dr. Adail Sobral.

1. Acessibilidade 2. Biblioteconomia 3. Ensino Superior
4. Inclusão 5. Glossário 6. Libras 7. Surdos I. Lawson, Camila
II. Sobral, Adail III. Título.

CDU 81'221.24:02(038)

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO nº 06/2023

No dia trinta e um de março de dois mil e vinte e três, através de videoconferência, realizou-se a defesa de dissertação da mestranda **Mariana Briese da Silva**, intitulada "**Glossário Digital de Biblioteconomia em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): uma necessidade emergente para inclusão social do surdo**". A sessão foi aberta às catorze horas pela Profa. Dra. Camila Lawson Scheifer (FURG), orientadora da dissertação e presidente da Comissão de Avaliação que também foi composta pelo Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral (coorientador – FURG), Profa. Dra. Márcia Carvalho Rodrigues (FURG) e Profa. Dra. Angela Nediane dos Santos (UFPel). Depois da apresentação, arguição e respostas, a Comissão decidiu que **APROVA** a mestranda neste requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de concentração em Estudos da Linguagem. Por recomendação da banca, o trabalho passou a ter como título "Glossário Digital de Biblioteconomia em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): uma necessidade emergente para inclusão social do surdo", conforme se verifica supra. Após, a presidente publicou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata.

Profa. Dra. Camila Lawson Scheifer (orientadora - FURG)
Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral (coorientador – FURG)
Profa. Dra. Márcia Carvalho Rodrigues (FURG)
Profa. Dra. Angela Nediane dos Santos (UFPel)

AGRADECIMENTOS

Tudo que vivi anteriormente me trouxe a esse momento, mas, em especial uma pessoa que foi um presente que a Biblioteconomia me deu para a vida, sem os puxões de orelha dela e os empurrões bem-intencionados, com toda a certeza, eu não estaria aqui. Obrigada Alissa, tanto pela ideia incutida em minha mente, quanto por insistir que eu escrevesse o projeto.

Márcia Rodrigues, uma das melhores professoras que a Biblioteconomia poderia ter, obrigada pela honra de trabalhar ao teu lado e aprender tanto contigo. Por também, insistir e acreditar nessa ideia. Obrigada por todo apoio.

O amor pela Libras me presenteou com pessoas incríveis, as quais me inspiro e admiro. A primeira delas, foi o professor William Silveira, com sua maneira única de ensinar, que me cativou logo nas primeiras aulas, e fez nascer em mim, o desejo de aprender mais sobre essa língua tão fascinante, fez nascer o sonho de ser tradutora-intérprete. Falando em tradutora-intérprete, a conheci um tempo depois, e esse encontro só me fez ter mais convicção do que eu desejava, dona de uma risada gostosa e que contagia, com quem me identifiquei de cara! Nara, obrigada por estar comigo nessa caminhada desde o momento da inscrição, torcendo, vibrando e sofrendo também.

Natasha, que é uma tradutora-intérprete encantadora, com toda a sua experiência enquanto CODA. Obrigada por todas as conversas, risadas, por me acolher sempre, pela nossa amizade que nasceu da Libras. Obrigada por tanto.

Cássia, que chegou para iluminar essa pesquisa quando me sentia perdida. E se transformou em uma amiga. Obrigada fazer parte desse trabalho e ajudar a torná-lo possível.

Obrigada Rene, por toda ajuda e suporte com o Thesa. E também, pelas conversas e trocas de ideias.

A "Tchurma" da Biblioteca que preenche minhas noites, que me transborda de amor e afeto. Obrigada por todas as risadas, DSI, e por me contagiarem com a felicidade de vocês quando eu mais precisava. Amo vocês!

Agradeço ao meu noivo Frederico, que segurou minha mão nos momentos mais difíceis dessa caminhada, por cuidar de mim todas as vezes que passei madrugadas estudando e dormia abraçada aos livros.

Aos meus sogros Edmilson e Cristina, pelo incentivo e apoio nos estudos.

Meus afilhados Emílio e Gabriel, que foram minha dose de serotonina diária e que sempre souberam como aliviar a pressão nos dias difíceis.

Aos presentes que levo do mestrado para a vida, Dominique e Veridiane, que felicidade a minha encontrar vocês e poder chamá-las de amigas! A caminhada teria sido muito mais árdua sem vocês para dividir os choros e as alegrias. Obrigada por todas as memórias que criamos ao longo desses dois anos.

E por último, agradeço a minha orientadora Camila Lawson e coorientador Adail Sobral por todo o aprendizado.

“Milagres acontecem quando a gente vai à luta”.

(Transição - O Teatro Mágico)

RESUMO

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é uma língua visuoespacial, utilizada oficialmente pelos surdos em sua comunicação no território brasileiro. No contexto de ensino de Biblioteconomia, mais especificamente de formação em nível superior de bibliotecários, constata-se uma falta de um diálogo entre as áreas de Biblioteconomia e de Libras. Isso repercute na ausência de materiais acessíveis que facilitem ao aluno surdo adentrar no campo de especificidade da Biblioteconomia. Frente a tal constatação, surge, então, o objetivo deste trabalho: elaborar um glossário de Biblioteconomia em Língua Brasileira de Sinais por meio das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) que procurasse facilitar o contato inicial de pessoas surdas com a área de Biblioteconomia, apresentando desta maneira um caminho para a formação em nível superior da pessoa surda, além de contribuir para o trabalho dos tradutores e intérpretes. Para tanto, parte-se de uma revisão teórica sobre o ensino de Libras no Brasil, o aluno surdo no contexto universitário e seus direitos, o ensino brasileiro de Biblioteconomia, os dicionários em Libras e, por fim, sobre os principais glossários *online* e ferramentas digitais em Libras. Em termos metodológicos, a pesquisa é caracterizada como um estudo de caráter descritivo e exploratório, de natureza qualitativa, feito por meio de levantamento bibliográfico. Para a construção do glossário, utilizou-se um *software* de busca de palavras recorrentes para a pesquisa em glossários da área de Biblioteconomia, chamado *Voyant Tools*, a partir do qual foram selecionados os termos que comporiam o glossário em língua de sinais, totalizando um material com 44 sinais-terminos. Para a criação dos sinais-terminos contamos com a participação de uma bibliotecária surda. Para a gravação dos vídeos dos sinais-terminos, com a participação de uma tradutora-intérprete universitária. O glossário foi disponibilizado por meio do software THESA da UFRGS. Também fizeram parte do glossário terminos em Libras já existentes que tivessem relação com o campo semântico biblioteconômico. Tendo em vista a proposição de glossário construída neste estudo, o trabalho busca contribuir para uma inclusão efetiva dos surdos no ensino superior de Biblioteconomia, assim como para a melhoria da qualidade do ensino superior à que essa parcela de alunos tem acesso. Reconhecemos, ainda assim, que há muito o que ser feito nesse sentido e que a luta por melhores condições de ensino para o surdo deve envolver não apenas aqueles pertencentes à comunidade acadêmica, mas a sociedade como um todo.

Palavras-chave: acessibilidade; Biblioteconomia; ensino superior; inclusão; glossário; Libras; surdos.

RESUMEN

La Lengua Brasileña de Señas (LIBRAS) es una lengua visuoespacial, utilizada oficialmente por los sordos en su comunicación en el territorio brasileño. No contexto da educação em Bibliotecologia, mais especificamente na educação superior de bibliotecários, existe uma falta de diálogo entre as áreas de Bibliotecologia e Libras. Esto repercute en la ausencia de materiales accesibles que faciliten el ingreso del estudiante sordo al campo específico de la Bibliotecología. Frente a esta constatación, entonces, surge el objetivo de este trabajo: desarrollar un glosario de Bibliotecología en Lengua de Señas Brasileña a través de las tecnologías digitales de información y comunicación (TDICs), que busca facilitar el contacto inicial de las personas sordas con el área de Bibliotecología, presentando así un camino para la educación superior de las personas sordas, además de contribuir al trabajo de traductores e intérpretes. Para eso, parte de una revisión teórica sobre la enseñanza de Libras en Brasil, el estudiante sordo en el contexto universitario y sus derechos, la enseñanza brasileña de Biblioteconomía, los diccionarios en Libras y, por fin, sobre los principales glosarios online y herramientas digitales en Libras. En términos metodológicos, la investigación se caracteriza como un estudio de carácter descriptivo y exploratorio, de naturaleza cualitativa, realizado a través de encuesta bibliográfica. Para la construcción del glosario, se utilizó un software de búsqueda de palabras recurrentes para investigación en glosarios del área de Bibliotecología, denominado Voyant Tools, a partir del cual se seleccionaron los términos que compondrían el glosario en lengua de signos, totalizando un material con 44 signos-términos. Para la creación de los signotérminos contamos con la participación de una bibliotecaria sorda. Para la grabación de los vídeos de los signotérminos, con la participación de un traductor-intérprete universitario. El glosario se puso a disposición a través del software THESA de la UFRGS. El glosario también incluyó términos existentes en Libras relacionados con el campo semántico de la bibliotecología. Considerando la propuesta de glosario construida en este estudio, el trabajo busca contribuir para una efectiva inclusión de los sordos en la enseñanza superior en Biblioteconomía, así como mejorar la calidad de la enseñanza superior a la que esta porción de estudiantes tiene acceso. Reconocemos, aún así, que hay mucho por hacer en este sentido y que la lucha por mejores condiciones de educación para los sordos debe involucrar no sólo a los pertenecientes a la comunidad académica, sino a la sociedad en su conjunto.

Palabras clave: accesibilidad; educación superior; inclusión; sordos; traductores-intérpretes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Alfabeto manual em Libras	18
Figura 2 – Alfabeto de Juan Pablo Bonet	24
Figura 3 - Configurações de mãos (CM)	29
Figura 4 - Ponto de Articulação (PA)	30
Figura 5 - Movimento (M).....	30
Figura 6 - Expressão facial e/ou corporal (EF/C).....	31
Figura 7 - Orientação (O)	31
Figura 8 - Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos	45
Figura 9 - Linguagem das mãos	45
Figura 10 - Dicionário Enciclopédico Trilíngue Língua de Sinais Brasileira	46
Figura 11 - Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em Suas Mãos. 3 volumes	47
Figura 12 - Imagem do pensamento LIBRAS	48
Figura 13 – Exemplos de sinais e uso de expressão facial	49
Figura 14 - Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais (3 volumes)	50
Figura 15 – Sinais ilustrados	51
Figura 16 - Exemplos de sinais sem utilizar da EF/C	52
Figura 17 - Dicionário de Libras Online INES.....	56
Figura 18 - Glossário de Libras da UFSC	57
Figura 19 - Tradutora Virtual Maya	58
Figura 20 - Abas “dicionário” e “educação”	59
Figura 21 - V Libras	60
Figura 22 - Alfabeto em Libras	60
Figura 23 - Números em Libras.....	61
Figura 24 - Aplicativo Sign Write	61
Figura 25 - Logo do Glossário.....	67
Figura 26 - Sinal-termo de regra (AACR).....	68
Figura 27 - AACR datilologia	69
Figura 28 - Sinal-termo acervo	70
Figura 29 – Sinal-termo arquivo.....	71
Figura 30 - Sinal-termo Norma (ABNT).....	72
Figura 31 - Datilologia ABNT 1	72

Figura 32 - Datilologia ABNT 2	73
Figura 33 - Sinal atraso.....	74
Figura 34 - Sinal-termo base de dados	75
Figura 35 - Bibliocanto.....	76
Figura 36 - Sinal bibliocanto	76
Figura 37 - Sinal de referência bibliográfica.....	77
Figura 38 - Sinal de lugar	79
Figura 39 - Sinal de biblioteca.....	80
Figura 40 – Cabeçalho de assunto	81
Figura 41 – Sinal de palavra.....	81
Figura 42 – Sinal palavra/foco.....	82
Figura 43 - Sinal palavra/tema.....	83
Figura 44 - Sinal de Capa	84
Figura 45 - Sinal conhecimento.....	85
Figura 46 - Sinal comunicação	86
Figura 47 - Sinal computador	87
Figura 48 - Classificação Decimal de Dewey	88
Figura 49 - Sinal classificação.....	88
Figura 50 - Datilologia CDD	89
Figura 51 - Sinal de classificação (CDU).....	90
Figura 52 - Datilologia CDU	91
Figura 53 - Copyright	92
Figura 54 - Sinal de direito	92
Figura 55 - Sinal autoral	93
Figura 56 - Catalogação Descritiva	94
Figura 57 - Sinal catalogação	94
Figura 58 - Sinal descrição/descritiva	95
Figura 59 - Sinal classificação.....	96
Figura 60 - Sinal bibliografia/ bibliográfica.....	97
Figura 61 - Sinal disseminação.....	98
Figura 62 - Sinal escolher.....	99
Figura 63 - Sinal de informação	100
Figura 64 - Datilologia DVD.....	101
Figura 65 - Sinal devolução.....	102

Figura 66 - Sinal empréstimo	103
Figura 67 - Sinal de estudo/estudar	104
Figura 68 - Sinal usuário	105
Figura 69 - Entrada secundária.....	105
Figura 70 - Sinal entrada	106
Figura 71 - Sinal secundária	107
Figura 72 - Sinal estante	108
Figura 73 - Ficha catalográfica.....	109
Figura 74 - Sinal livro.....	109
Figura 75 - Sinal ficha	110
Figura 76 - Sinal detalhe/detalhado	111
Figura 77 - Sinal indexação	112
Figura 78 - Sinal tema/assunto	113
Figura 79 - Sinal informação	114
Figura 80 - ISBN	115
Figura 81 - Datilologia ISBN 1	115
Figura 82 - Datilologia ISBN 2	116
Figura 83 - Sinal ISBN	117
Figura 84 - Sinal número	118
Figura 85 - Sinal livro.....	119
Figura 86 - Sinal multa	120
Figura 87 - Sinal multa (pagar).....	121
Figura 88 - Número de chamada	122
Figura 89 - Sinal de número	122
Figura 90 - Sinal termo número de chamada.....	123
Figura 91 - Palavra chave	123
Figura 92 - Sinal palavra	124
Figura 93 - Sinal chave.....	125
Figura 94 - Sinal periódico	126
Figura 95 - Sinal ponto	127
Figura 96 - Sinal acesso.....	128
Figura 97 - Sinal processamento	129
Figura 98 - Sinal técnico.....	130
Figura 99 - Recuperação da informação.....	131

Figura 100 - Sinal recuperar	131
Figura 101 - Sinal de Informação	132
Figura 102 - Renovação.....	133
Figura 103 - Repositório Digital Huet.....	134
Figura 104 - Sinal repositório.....	134
Figura 105 - Sinal digital.....	135
Figura 106 - Sinal revista	136
Figura 107 - Sinal reservar	137
Figura 108 - Sinal de serviço de referência	138
Figura 109 - Tabela Cutter	139
Figura 110 - Sinal tabela Cutter (lista)	139
Figura 111 - Sinal de Tabela Cutter (letra).....	140
Figura 112 - Sinal de Tabela Cutter (mais)	141
Figura 113 - Sinal de Tabela Cutter (número).....	142

LISTA DE SIGLAS

ASL - Língua Americana de Sinais

CM - Configuração de Mãos

CDD – Classificação Decimal de Dewey

CDU – Classificação Decimal Universal

DSI – Disseminação Seletiva da Informação

DVD- Digital Versatile Disk

EAD - Ensino a Distância

EF/ C – Expressão facial e/ou corporal

FENEIDA - Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

FURG – Universidade Federal do Rio Grande

IFLA - Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos

ISBN- Padrão Internacional de Numeração de Livro

ISO - Organização Internacional de Normalização

LAVID – Laboratório de Aplicações de Vídeo Digital

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

ME – Ministério da Economia

MEC - Ministério da Educação

M – Movimento

O - Orientação

ONU - Organização das Nações Unidas

PA- Ponto de Articulação

PPGL - Programa de Pós-Graduação em Letras

SGD – Secretaria de Governo Digital

TILS - Tradutor-intérprete de Língua de Sinais

TDICs- Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

UCS – Universidade de Caxias do Sul

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
<i>1.1 PANORAMA HISTÓRICO DA LÍNGUA DE SINAIS</i>	<i>23</i>
<i>1.2 OS SURDOS E A LÍNGUA DE SINAIS NO BRASIL.....</i>	<i>27</i>
2 O ALUNO SURDO A ÁREA DE BIBLIOTECONOMIA: GLOSSÁRIO DE LIBRAS COMO POSSIBILIDADE DE PROMOÇÃO DA INCLUSÃO	34
<i>2.1 A EDUCAÇÃO DE ALINOS SURDOS NO BRASIL: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO</i>	<i>35</i>
<i>2.2 O ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA</i>	<i>40</i>
<i>2.3 DICIONÁRIO OU GLOSSÁRIO?.....</i>	<i>43</i>
<i>2.3.1 TECNOLOGIAS DIGITAIS E ACESSIBILIDADE.....</i>	<i>52</i>
<i>2.3.2 GLOSSÁRIOS E OUTRAS FERRAMENTAS DIGITAIS</i>	<i>55</i>
3 METODOLOGIA.....	63
<i>3.1 COLABORADORES DA PESQUISA</i>	<i>65</i>
4 SINAIS-TERMOS DO GLOSSÁRIO	68
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
APÊNDICE	146
REFERÊNCIAS	151

1 INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a língua utilizada pela comunidade surda no Brasil, no entanto abrange não somente os surdos, mas todos que têm contato com eles, ou seja, familiares e amigos das pessoas surdas, tradutores-intérpretes. A Língua Brasileira de Sinais é reconhecida pela Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, como “[...] meio legal de comunicação e expressão” (BRASIL, 2002, Art. 1º). Da mesma forma, esta Lei define a Libras como uma

[...] forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002, Art. 1º).

A Libras é um sistema linguístico de modalidade visual-espacial e faz uso de todo o corpo, visto que utiliza de expressões faciais para se fazer compreender e para dar sentido ao que está sendo dito. Para ser possível comunicar-se em Libras, precisamos saber utilizar os parâmetros que compõem a língua, a saber: i) configuração de mãos (CM), que são as formas das mãos, fundamentais para fazer datilologia¹ - dependendo do sinal, as duas mãos podem ser usadas; ii) ponto de articulação (PA), que significa o lugar onde a CM é posicionada (pode ser posicionada no espaço neutro, à frente do corpo ou em alguma parte do corpo); iii) movimento (M), que corresponde ao modo como o sinal é realizado, que pode ou não apresentar movimento; iv) expressão facial e/ou corporal (EF/C), que são as expressões faciais e corporais, cuja execução é essencial para o entendimento do sinal; v) orientação/direção (O), que se refere à direção da palma da mão e se relaciona aos parâmetros anteriormente mencionados (SILVA, [2016]).

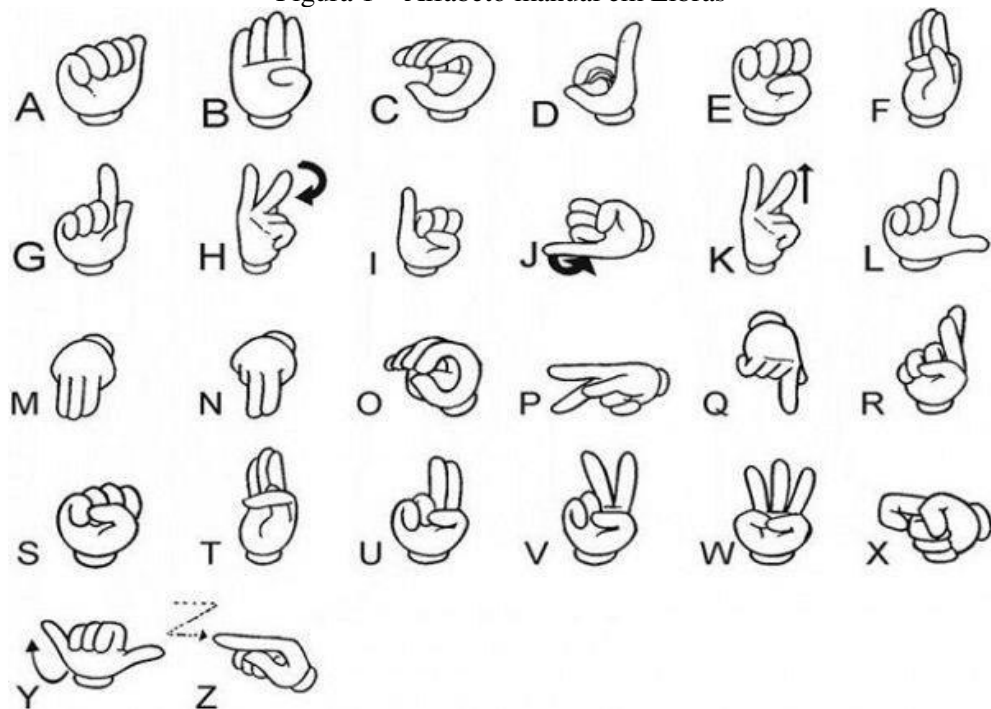
De acordo com Quadros e Silva (2017), há pelo menos 12 línguas de sinais, utilizadas por comunidades surdas no Brasil, dentre aldeias, comunidades isoladas e centros urbanos. Entretanto, a língua de sinais mais usada é a Libras, língua natural, composta por todos os elementos mínimos que a caracterizam como sistema linguístico, e que possui aspectos gramaticais, como fonologia, morfologia, sintaxe e semântica.

É importante ressaltar que a Libras não é universal, cada país possui sua(s) própria(s) língua(s) de sinais. Nesse sentido, Quadros e Karnopp (2004) asseveram que, assim como no português, a Libras apresenta o fenômeno de variação linguística, ou seja, apresenta ocorrências

¹ Datilologia é o empréstimo do português para a Libras, o uso do alfabeto manual.

de variantes em diferentes regiões do país. A seguir, a datilologia do alfabeto em Libras. (Figura 1).

Figura 1 – Alfabeto manual em Libras



Fonte: Dantas (2020)

Minha história com a língua de sinais surgiu durante a minha graduação no curso de Biblioteconomia, momento em que aprendi conceitos básicos de Libras. Isso foi em 2018, quando tive a oportunidade de cursar a disciplina optativa de Língua Brasileira de Sinais, que era uma disciplina anual, ministrada por um professor surdo. A cada sinal que aprendia, ficava fascinada e queria saber o porquê de todos eles, buscando aprender mais e mais. Assim, logo tornei-me uma espécie de “intérprete” da turma, já que estava sempre treinando os sinais e conversando em Libras. Depois do final da disciplina, continuei estudando Libras por meio de cursos *online*.

A partir dessa experiência, meus horizontes foram abertos, tanto para a aquisição de uma nova língua quanto para uma área que precisa ser explorada e inserida na Biblioteconomia – a Libras, uma vez que não se vê muitos bibliotecários que conheçam e/ou dominem essa língua. Consequentemente, meu olhar tornou-se mais sensível a tantas demandas latentes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), dentre elas, a necessidade premente de que o curso seja mais acessível e inclusivo.

Dentre essas demandas, destaco, a partir de estudos realizados na área biblioteconômica, em projeto do qual participo desde o ano de 2020, que visa ao desenvolvimento de um glossário tipológico ilustrado poliglota de marcas de proveniência bibliográfica, a inexistência de um glossário em Libras na área de Biblioteconomia. A partir da constatação dessa falta de diálogo entre a Biblioteconomia e a Libras, surgiu a proposta de elaboração de um glossário que tivesse o objetivo de facilitar o contato inicial entre as pessoas surdas e a área de Biblioteconomia, apresentando este campo específico do conhecimento como uma opção de formação em nível superior para o surdo.

Tendo em vista a constituição histórica dos currículos dos cursos de Biblioteconomia, a maioria dos profissionais bibliotecários desconhecem a língua de sinais e não sabem se comunicar por meio dela. Isso, por sua vez, restringe o acesso dos surdos a espaços de acesso de conhecimentos, como bibliotecas. É necessário, portanto, instrumentalizar as bibliotecas para receber o surdo. Especialmente em contextos de formação universitária, essa instrumentalização deveria ser parte de uma política institucional mais ampla para a inclusão social do surdo. Diante desse desafio, as tecnologias digitais da informação e comunicação colocam-se como recursos que, em razão do universo semiótico que abrem e das possibilidades de comunicação ubíqua que oferecem, interessam a propostas de inclusão social do surdo.

Os argumentos até aqui trazidos em defesa de uma educação (em Biblioteconomia) acessível à pessoa surda vão ao encontro do Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que “Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000” (BRASIL, 2005, *online*). O Decreto estabelece a inclusão da Libras como disciplina curricular obrigatória em cursos de formação de professores e de fonoaudiólogos; a formação de professor e instrutor de Libras; o uso e a difusão da Libras e da língua portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação; a formação do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa; a garantia da inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de escolas e classes de educação bilíngue.

Cabe destacar, entretanto, que, mesmo com a existência de legislação regulamentadora e de orientações que visam garantir aos surdos acesso à informação, é precária a capacitação dos profissionais da informação nesta área. Torna-se, desta maneira, necessária uma abordagem mais ampla da Língua Brasileira de Sinais nos cursos superiores de Biblioteconomia, uma vez que muitos profissionais bibliotecários não conhecem as “Diretrizes para Serviços de Bibliotecas para Surdos”, publicada no ano de 1991, pela Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA), que serve como elemento norteador na

implantação e adaptação dos serviços oferecidos pela unidade de informação a esse público. Pelo caráter internacional dessas diretrizes, é possível pensar nesse documento, “[...] como uma orientação para o desenvolvimento de diretrizes nacionais para serviços de biblioteca para usuários surdos, já que pode ser facilmente modificado para adequar-se às circunstâncias locais” (IFLA, 2000, p. 7).

De acordo com a Política Nacional da Educação Especial (BRASIL, 2007), do ponto de vista da educação inclusiva, que utiliza como fundamento os direitos humanos e o conceito de cidadania e tem como base a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (adotada pela Organização das Nações Unidas - ONU, em 2006), os Estados devem assegurar um sistema de educação inclusiva em todos os níveis de ensino, além de maximizar as possibilidades tanto do desenvolvimento acadêmico quanto do desenvolvimento social, resultando desta maneira na plena participação e inclusão do surdo na comunidade (BRASIL, 2007). Outro aspecto primordial é respeitar as diferenças linguísticas, sendo este o primeiro passo para que o aluno surdo possa se desenvolver plenamente (ONU, 2006).

Os surdos sinalizadores são aqueles que não se consideram deficientes, mas diferentes pela comunicação que utilizam. Portanto, há que se destacar que as questões ideológicas que envolvem a pessoa surda dizem respeito à diferença e não à deficiência. Tal compreensão respalda-se na própria natureza dos processos humanos de construção de significado.

Nesse sentido, interessa pensar a surdez como condição social. Isso implica reconhecer e desafiar os discursos que constroem a pessoa surda como alguém marcado pela falta em relação a pessoa ouvinte. Esse tipo de questão interessa a uma Linguística Aplicada que se proponha indisciplinar e crítica, nos termos de Moita Lopes (2006). Para o autor, a Linguística Aplicada procura possíveis soluções para problemas sociais. Ela é tomada como indisciplinar visto que “[...] deseja ousar pensar de forma diferente, para além de paradigmas consagrados, que se mostram inúteis e que precisam ser desaprendidos [...] para compreender o mundo atual (MOITA LOPES, 2009, p. 19).

Ferrari (2022), sob a ótica de uma linguística aplicada comprometida com questões sociais, afirma que, do ponto de vista discursivo, as pessoas com deficiência são frequentemente vistas com um olhar de pena, ou com “uma visão medicalizante” segundo a qual a deficiência é encarada como doença. Segundo a autora, se a pessoa está fora do padrão “normal”, logo é alguém que precisa ser consertado. Para Ferrari (2022), a deficiência não está no indivíduo, mas na sociedade, pois é ela que não oferece as devidas acessibilidades para a pessoa com deficiência.

Esta dissertação se insere na Área de Concentração em Estudos da Linguagem, na linha de pesquisa Língua(gem), Discurso e Ensino, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande (PPGL/FURG). A articulação desta proposta de estudo com a linha de pesquisa escolhida se dá na medida em que se busca, por meio da realização desta investigação, ampliar os horizontes da comunidade surda em relação ao conhecimento de novas áreas de estudo, neste caso a Biblioteconomia. Isso tem a ver com a democratização do ensino superior, na medida em que esse projeto se coaduna com políticas educacionais de inclusão da pessoa surda em esferas acadêmicas.

Com o nosso foco voltado às pessoas surdas que utilizam a Língua Brasileira de Sinais para se comunicar, busca-se, com esta proposta de estudo, facilitar o acesso do surdo aos assuntos da área e colaborar para a tradução dos termos pelo tradutor-intérprete de Libras, uma vez que, ao convencionar os sinais, não é preciso explicar o que significa determinada palavra soletrando a mesma toda vez que for necessária a sua tradução. Isso evita, em contrapartida, a excessiva repetição da datilologia da palavra. Espera-se, pois, contribuir para ampliar o leque de possibilidades de formação em nível superior da pessoa surda, e, com isso, promover a sua inclusão no ambiente acadêmico e profissional, além de auxiliar tradutores intérpretes de Libras e profissionais da área no acesso aos novos conceitos e sinais.

Tendo isso em mente, este trabalho teve como objetivo geral, a elaboração de um glossário de Biblioteconomia em Libras. Para os objetivos específicos, buscamos verificar a existência de sinais convencionados em Libras, no que tange a área da Biblioteconomia; fazer uma revisão bibliográfica sobre a educação das pessoas surdas, bem como acerca dos dicionários e glossários existentes da Libras. Em termos metodológicos identificamos em glossários de Biblioteconomia selecionados para estudo, os 25 termos mais usados na área de Biblioteconomia a fim de compor o glossário em Libras; além disso, agregou-se ao glossário termos já existentes em Libras, relacionados à Biblioteconomia, utilizando tais termos como base para a criação de novos sinais.

Para abarcar tais objetivos, este trabalho se divide em 5 capítulos. No primeiro capítulo é traçada uma introdução sobre a Libras, seus parâmetros e algumas das legislações que são pertinentes a essa língua. Na sequência, temos dois subcapítulos que oferecem um panorama histórico da língua de sinais, discorrendo sobre como a língua de sinais teve seu início no século XVI e rememorando a história dos surdos e os preconceitos por eles sofridos ao longo dos tempos. Já o segundo subcapítulo versa sobre o surgimento da língua de sinais no Brasil e sobre os responsáveis pela educação dos surdos brasileiros. O segundo capítulo trata da educação dos surdos no ensino superior, bem como da diferença na aquisição do português pelas pessoas

surdas em relação às ouvintes. Este capítulo divide-se em seis subcapítulos, o primeiro deles versa sobre as legislações e os direitos do aluno surdo, a necessidade de serem inclusas e repensadas práticas educacionais que atendam às necessidades dos surdos. No segundo, discorre-se sobre o ensino superior brasileiro de Biblioteconomia e sobre a capacitação para ofertar maior qualidade nos serviços oferecidos à comunidade. O terceiro subcapítulo trata sobre os glossários e dicionários impressos, que contribuem para diminuir a carência de sinais e buscam facilitar o acesso a termos e conceitos relacionados ao sinal ou palavra. Em seguida, o foco são as tecnologias e como elas oferecem aos surdos determinada autonomia, trazemos diversos exemplos de glossários *online* e outras ferramentas digitais que visam auxiliar não somente a Comunidade Surda, mas também ouvintes que já tem conhecimento da Libras ou querem aprendê-la. O quinto subcapítulo traz a discussão sobre a importância do tradutor-intérprete em transportar o conhecimento de uma língua a outra, além de expressar ideias das mais diferentes áreas do conhecimento. No sexto, discorre-se sobre a formação do tradutor-intérprete e sobre a lei que regulamenta a profissão. O capítulo três refere-se à metodologia do estudo. Com um subcapítulo, referente aos participantes da pesquisa. O quarto capítulo refere-se aos sinais-termos do glossário. Por fim, o último capítulo propõe uma retomada da proposta de estudo e tece algumas considerações sobre a proposta.

1.1 PANORAMA HISTÓRICO DA LÍNGUA DE SINAIS

A história dos surdos é marcada por preconceitos e julgamentos ao longo dos séculos. No século XV, por exemplo, utilizar a língua de sinais como meio de comunicação era algo proibido, prática inclusive passível de punição. A este respeito, outro exemplo são os surdos na Grécia, que eram vistos como incapazes. O filósofo Aristóteles acreditava que a linguagem é a condição que nos torna humanos e, como para ele os surdos não tinham uma linguagem, não poderiam ser considerados humanos. Essa crença que era comum da época fazia com que os surdos não tivessem direitos e, além de serem marginalizados, muitas vezes eram condenados à morte (SILVA; CAMPOS, 2017). Por conta dessa ideia errônea é que surgiram expressões como “surdo-mudo”, que é ainda usada nos dias atuais, uma vez que as pessoas acreditam que, por não falarem, os surdos também são mudos.

Na Roma Antiga, os surdos eram confundidos com deficientes mentais. Os romanos acreditavam que se o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus e a pessoa surda nascia imperfeita, logo, ela não tinha alma, e não poderia ser digna do Reino de Deus (SILVA; CAMPOS, 2017). Sendo assim, os surdos eram proibidos de usufruir de direitos legais, como fazer um testamento, por exemplo. Durante a Idade Média, a Igreja Católica acreditava que as almas dos surdos não podiam ser imortais, uma vez que eles não eram capazes de proferir oralmente seus sacramentos. Além de tudo isso, os surdos eram proibidos de se casar.

A língua de sinais tem os primeiros registros de seu uso a partir do século XVI. A sua origem se dá com o monge beneditino espanhol Pedro Ponce de Leon (1520-1548), que fazia uso da datilologia, da escrita e oralização como métodos de ensino. Ele também fundou uma escola de professores surdos. (INSTITUTO NACIONAL DE ENSINO, 2021)

Outro espanhol bastante conhecido foi o padre Juan Pablo Bonet (1573-1633), que defendia o ensino adiantado do alfabeto manual aos surdos. Bonet sugeria que cada palavra fosse trocada por um símbolo (Figura 2). Responsável pelo primeiro livro publicado sobre a educação dos surdos, “Reduccion de las letras y arte para enseñar a hablar a los sordos”, que veio a se tornar referência mundial (INSTITUTO NACIONAL DE ENSINO, 2021).

Figura 2 – Alfabeto de Juan Pablo Bonet



Fonte: Timetoast [2019]

Outra importante figura do ensino dos surdos, até mesmo considerado o “Pai dos surdos”, foi o abade Charles Michel De L’Épée (1712-1789), o primeiro a reconhecer a necessidade de usar sinais para o ensino, a partir de sua experiência de ensinar irmãs gêmeas surdas, que, até então, estavam sendo educadas através de gravuras (NOGUEIRA *et al.* 2017).

Resolveu ensinar linguagem pelos olhos, em vez de pelos ouvidos, apontando os objetos com uma mão e escrevendo o nome correspondente numa lousa, com a outra. [...] logo as meninas estavam lendo e escrevendo os nomes das coisas. No entanto, esse sistema não permitia maiores avanços, porque não contemplava nenhuma gramática, nem sentidos abstratos, essenciais para o ensino religioso, restringindo-se à nomeação de objetos presentes, visíveis, perceptíveis pelos sentidos. [...] porém, deu-se conta de que as meninas já deveriam possuir um sistema gramatical, pois elas se comunicavam entre si com muita fluência. (REILY, 2004, p. 115)

De L’Épée, depois de aprender os sinais, os adaptou e adicionou outros ao repertório então existente, desenvolvendo desta maneira um método para aproximar os sinais da língua francesa. Assim, os sinais ficaram conhecidos como Sinais Metódicos. O abade funda a primeira escola para surdos em 1775, onde tanto os professores quanto os alunos usavam os chamados Sinais Metódicos. “A proposta educativa da escola era que os professores aprendessem tais sinais para se comunicar com os surdos; eles aprendiam com os surdos e, com essa forma de comunicação, ensinavam o francês falado e escrito”. (NOGUEIRA *et al.* 2017, p.11). Assim, em 1776, De L’Épée publica a sua obra mais importante, intitulada, “A Verdadeira Maneira de Instruir os Surdos Mudos”, em que era possível encontrar as regras

sintáticas e o alfabeto manual inventado por Pablo Bonet (SCHLÜNZEN; BENEDETTO e SANTOS, [2012]).

Outros dois educadores que se destacaram, desta vez nos Estados Unidos, no início do século XVIII, foram Thomas Hopkins Gallaudet e Laurent Clerc (1815), ao unirem o léxico da língua de sinais francesa e a estrutura da língua francesa e adaptarem-na para o inglês, culminando nos primeiros esboços da Comunicação Total². Em 1817, fundam a primeira escola para surdos nos Estados Unidos, “Asilo de Connecticut para Educação e Ensino de pessoas Surdas e Mudas”. Com o sucesso imediato da escola, o resultado foi a inauguração de outras escolas de surdos pelos Estados Unidos, visto que quase todos os professores ou eram surdos, ou já eram fluentes em língua de sinais (INSTITUTO NACIONAL DE ENSINO, 2021; STROBEL, 2009).

Samuel Heinicke (1727-1790) era um dos pesquisadores que acreditavam no oralismo, como também era defensor do Oralismo Puro³. Ele criou uma escola para surdos, onde era **proibido** o uso da língua de sinais, do alfabeto manual ou da gesticulação espontânea. Para esse educador, os sinais eram altamente prejudiciais para o desenvolvimento da fala (modalidade oral). Heinicke também defendia que a criança surda deveria ser ensinada primeiramente a falar a língua oral-auditiva para, depois, poder ser ensinada a escrever (KUMADA, 2016 **grifo nosso**). A surdez, portanto, era vista como uma deficiência, como se fosse uma doença que precisava ser curada, “normalizada”, conforme já apontado.

Em 1864, é fundada por Edward Miner Gallaudet (1837-1917), filho de Thomas Hopkins Gallaudet, a “Universidade Gallaudet”⁴, sendo a primeira universidade a ter programas voltados para a população surda, fazendo uso da Língua Americana de Sinais (ASL). (STROBEL, 2009).

Em 1880, ocorreu um retrocesso na educação dos surdos e em sua autonomia, com o segundo Congresso Internacional de Educação dos Surdos, ou mais conhecido como Congresso de Milão, onde foi discutido o rumo da educação dos surdos. Eram mais de 160 especialistas,

² A Comunicação Total utiliza todos os modos linguísticos: gestos criados pelas crianças, língua de sinais, fala, leitura orofacial, alfabeto manual, leitura e escrita. (STROBEL, 2009)

³ O método oralista tinha como objetivo levar o surdo a falar e a desenvolver competência linguística oral, o que lhe permitiria desenvolver-se emocional, social e cognitivamente do modo mais normal possível, integrando-se, como um membro produtivo, ao mundo dos ouvintes (CAPOVILLA, 2000, p. 102).

⁴ A Universidade Gallaudet, anteriormente mencionada, atualmente conta com 1.800 alunos e oferece educação para surdos desde a escola primária até o doutorado. Abrangendo diversas áreas do conhecimento, a universidade disponibiliza mais de 60 opções de cursos, além de contar com um centro de educação continuada e graduação *online* e cursos *online* e híbridos com mais de 250 opções para escolher (GALLAUDET, 2022).

sendo a maioria destas pessoas ouvintes, que estavam falando pelos surdos, pela educação deles, em uma época em que julgavam a língua oral ser superior, ao passo que as línguas gestuais-visuais eram consideradas um atraso na evolução da linguagem. Por este motivo, o principal objetivo do Congresso foi erradicar o uso da língua de sinais, uma vez que a reinserção das pessoas surdas na sociedade estava intrinsecamente ligada ao método oralista, que estes profissionais acreditavam ser o melhor na educação de pessoas surdas. Eles também consideravam que “o uso simultâneo dos gestos e da oralidade prejudicava a leitura labial e a articulação das pessoas surdas, declarando tratar-se de um método puramente oral deveria ser adotado”. (CRISTIANO, 2020)

Esses especialistas ouvintes que adotavam tais ideias eram as mesmas pessoas que alegavam que “a mesma [a língua de sinais] destruía a capacidade da fala dos surdos, argumentando que os surdos eram “preguiçosos” para falar, preferindo a usar a língua de sinais” (STROBEL, 2009, p. 26). Um dos efeitos do Congresso foi que “a qualidade da educação dos surdos diminuiu e as crianças surdas saíam das escolas com qualificações inferiores e habilidades sociais limitadas” (STROBEL, 2009, p. 37). Foi preciso um século de muitas lutas e reivindicações para que as resoluções do Congresso de Milão fossem totalmente rejeitadas e os surdos viessem a conquistar o direito de se comunicar em sua própria língua, que quase foi extinta.

Já na década de 1970, na Suécia e na Inglaterra, foi observado que os surdos utilizavam ora a oralização, ora a língua de sinais. O que deu origem à filosofia bilíngue, que é a educação que se lança da utilização da língua de sinais como primeira língua ou L1 - no caso do Brasil, o português como L2, que seria a língua majoritária do país (INSTITUTO NACIONAL DE ENSINO, 2021).

A partir da década seguinte, todos os países começaram a adotar o bilinguismo, que defende que cada língua deve manter suas próprias características (Instituto Nacional De Ensino, 2021). Uma vez que foi necessário, passar por um processo de transição com relação aos modelos propostos anteriormente, como por exemplo, o método oralista, que acredita no aprendizado da língua oral, tendo como objetivo aproximar os surdos o máximo possível do modelo ouvintista. Ou ainda, o método bimodal ou combinado que defende o uso da língua oral, língua de sinais, treinamento auditivo, leitura labial e o alfabeto digital, entre outros recursos. Este método busca favorecer a língua majoritária, nesse caso o português, de modo que a língua de sinais acaba por ser desvalorizada e se torna como uma espécie de língua acessória. Como também, prejudica tanto a compreensão, quanto a apropriação de ambas as

línguas. Pois, “o uso bimodal desvirtua a ambas: não se fala nem Português nem se sinaliza Libras em plenitude” (WITKOSKI, 2011, p.53).

Atualmente as comunidades surdas tem defendido uma educação bilíngue em que a Libras é entendida como primeira língua dos surdos, e deve ser a língua de instrução na escola. Já a língua portuguesa, a partir desse entendimento, deve ser aprendida apenas na modalidade escrita. De acordo com Silva (2017) não é esperado que uma pessoa bilíngue domine as duas línguas em suas diferentes modalidades: oral, escrita ou sinalizada, ou ainda, em suas habilidades: compreensão oral e escrita, bem como, produção oral e escrita. Sendo assim, entende-se que a pessoa bilíngue irá desenvolver a fluência, conforme o uso e a necessidade das línguas em seu dia a dia. Os surdos podem fazer uso de ambas as línguas para múltiplas funções e em diversos contextos, aprimorando diferentes níveis de fluência. Destarte, não é preciso que o surdo domine a Libras e o português em todas as suas modalidades ou que desenvolva todas as habilidades para que seja considerado bilíngue (SILVA, 2017).

Levando em consideração todo esse contexto histórico, trazemos à luz o argumento de Hall (2006) segundo o qual a maioria das nações são constituídas de diferentes culturas, que somente foram “padronizadas” através de uma conquista violenta, assim, “cada uma dessas conquistas subjugou povos conquistados e suas culturas, costumes, línguas e tradições, e tentou impor uma hegemonia cultural [...]”. (HALL, 2006, p.16). De acordo com esse pensamento, devemos lembrar que, por muito tempo, os surdos foram obrigados a aprender a língua oral-auditiva, sendo impedidos de utilizar a língua de sinais. Isso, por sua vez, na perspectiva de Hall (2006), pode ser lido como um gesto histórico de violência simbólica contra o surdo, que sempre foi visto como um sujeito à margem de uma sociedade em que o ouvinte representa a modelo hegemônico.

1.2 OS SURDOS E A LÍNGUA DE SINAIS NO BRASIL

No Brasil, a educação dos surdos tem início em 1855, com a chegada do francês Ernest Huet, ou também chamado de Eduardo Huet (1822-1886), professor surdo, que foi aluno no Instituto Nacional de Surdos de Paris, com experiência de mestrado e cursos em Paris. Ele veio ao Brasil a convite do imperador D. Pedro II, com o intento de abrir uma escola para pessoas surdas (STROBEL, 2009).

Em 1857, é fundada a primeira escola para surdos no Rio de Janeiro, o “Imperial Instituto dos Surdos-Mudos”, atualmente, “Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)”. Acontece, então, uma “mistura da língua de sinais francesa com os sistemas já usados pelos surdos de várias regiões do Brasil, a Libras (Língua Brasileira de Sinais)” (STROBEL, 2009, p. 24).

A partir de 1960, por meio da pesquisa de William Stokoe (1919-2000) intitulada “*Sign Language Structure: an outline of the visual communication system of the American deaf*”, surgem pesquisas tanto em relação às línguas de sinais como sobre a aplicação dessas línguas na vida do surdo (GOLDFELD, 2001). Stokoe, em sua pesquisa, propõe um “esquema linguístico”, apresentando uma análise descritiva da língua de sinais americana, separando-o em três principais parâmetros: configuração de mãos, ponto de articulação e movimento. Vários estudos se seguiram aos de Stokoe, entre eles destaca-se estudos realizados no Brasil que sugeriram a inclusão de mais dois parâmetros na análise descritiva das línguas de sinais, são eles: a orientação das mãos e expressões faciais (QUADROS; KARNOPP, 2004), que são os 5 parâmetros das línguas de sinais vistos anteriormente.

Nas primeiras pesquisas linguísticas sobre a Libras no Brasil, eram apontadas 46 configurações de mãos (FERREIRA; LANGEVIN, 2010). Atualmente são descritas por Quadros (2019) 79 configurações de mãos (figura 3).

Figura 3 - Configurações de mãos (CM)



Fonte: Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) [2022]

Os dois sinais representados na figura 4 têm a mesma CM, entretanto, se diferenciam por causa do ponto de articulação: o primeiro é realizado próximo à testa (aprender); o segundo, próximo à boca (laranja).

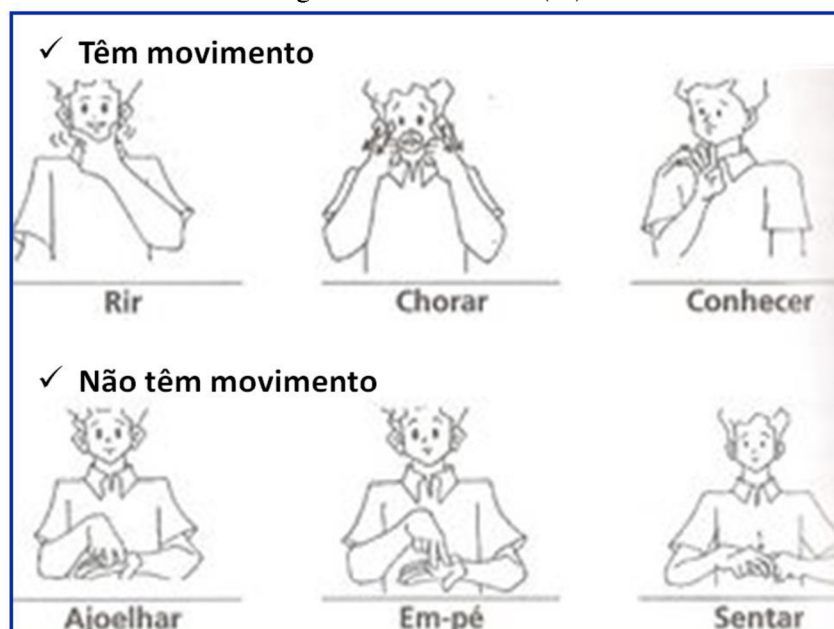
Figura 4 - Ponto de Articulação (PA)



Fonte: FÉLIX (2010)

Conforme Ferreira-Brito (1995), o movimento é um parâmetro bastante complexo, já que existem diferentes tipos de movimento (Figura 5), como por exemplo: movimento interno da mão, movimento do pulso e movimento direcional no espaço.

Figura 5 - Movimento (M)



Fonte: FÉLIX (2010)

De extrema importância, a expressão facial e/ou corporal dá sentido ao que dizemos, por exemplo, na figura 6, temos o sinal de triste ou tristeza, então precisamos fazer uma expressão facial (nesse caso de tristeza) que transmita o que queremos dizer.

Figura 6 - Expressão facial e/ou corporal (EF/C)



Fonte: SILVA [2016]

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), a orientação é o parâmetro que indica a direção para qual a palma da mão aponta quando realizamos o sinal. São enumerados seis tipos de orientação de mãos, são eles: para cima e para baixo, para dentro (em direção ao corpo de quem está realizando o sinal) e para fora, para os lados. (Figura 7).

Figura 7 - Orientação (O)



Fonte: FÉLIX (2010)

Essa descrição fonológica serve para mostrar como são formados os sinais. Entretanto, cada uma dessas “partes” não é realizada em separado, visto que a sinalização é simultânea. Os parâmetros fonológicos servem para descrever os sinais, mas quando estão em uso, eles acontecem simultaneamente.

Cabe destacar também que a construção de frases na Libras é diferente do português, pois a língua de sinais possui suas próprias regras. Conforme VALVERDE (1990, p. 106 *apud* ROSA 2006, p. 82)

Se compararmos com o português, observamos que em Libras não usamos artigos, preposições, conjunções, porque esses elementos estão “dentro” do

sinal. Modos e tempos verbais, sufixos e prefixos, são produzidos por movimentos das mãos no espaço, em várias palavras. Seria também impossível pensar em traduzir ao “pé da letra” uma frase sinalizada, para outra língua qualquer. (Por exemplo: em inglês, perguntamos: How old are you? (“quanto velho você é?”). Em português, corresponde a: “quantos anos você tem?”. Em Libras, sinalizamos: mão direita em “Y”, tocando de leve com o dedo mínimo na altura do lado direito do peito, e uma expressão facial da pergunta).

Em 1977, é criada a Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos (FENEIDA), sendo composta apenas por pessoas ouvintes envolvidas com a temática surda, visto que havia a necessidade de uma organização que representasse as pessoas surdas em caráter nacional. Entretanto, era preciso que as pessoas surdas fossem ouvidas e tivessem poder de decisão. Por isso, em 1983, surge a Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos, que assume a presidência da instituição, e a reestrutura. A partir dessa comissão, surge, em 1987, a fundação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) (STROBEL, 2009).

Levando em consideração o contexto histórico dos surdos, é importante salientar que a noção de identidade e de cultura surda se baseiam na compreensão da surdez como uma diferença, conforme vem sendo reiterado neste trabalho. Isso significa pensar o surdo como pertencente a uma minoria linguística que faz uso de outra língua, ou seja, da língua de sinais, formando assim uma comunidade específica com a qual ele se identifica.

Sacks (2010, p. 105) diz que:

[...] a língua de sinais é para os surdos uma adaptação única a outro modo sensorial; mas é também uma corporificação da identidade pessoal e cultural dessas pessoas. Ou seja, o fato de incorporar esta língua nos diversos âmbitos sociais informacionais, é uma forma de inclusão natural e coerente com a prática da mediação coletiva e cultural de cada ser.

Os surdos que vivenciam identidades ligadas à língua de sinais e à experiência surda (FERNANDES, TERCEIRO, 2019), enquanto grupo social organizado politicamente, não se definem como “deficientes auditivos”, “portadores de necessidades”, mas sim, como pessoas que se diferem de forma cultural e linguística na sociedade (WRIGLEY, 1996). Afinal, sejamos surdos ou ouvintes, somos permeados por múltiplas identidades e culturas.

Strobel (2008, p. 24) define cultura surda como “ [...] o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição de identidades surdas”. A esse respeito, cabe destacar que podem existir diferentes tipos de identidade surda, que se desenvolvem de

acordo com a experiência social e cultural que são vivenciadas pelo surdo. A literatura faz referência a pelo menos cinco tipos de identidade manifestada pelos surdos, que iremos explicar a seguir:

Identidade flutuante - o surdo assume o papel de deficiente e comporta-se de modo a tentar superar sua perda auditiva.

Identidade inconformada - o surdo se sente inferior ao ouvinte.

Identidade de transição - o surdo tem contato com a comunidade surda, mas esse contato é tardio. Dessa forma, não se encontra plenamente em nenhum dos dois mundos.

Identidade híbrida - é aquela em que o surdo perdeu a audição ao longo da vida e aprendeu a Língua de Sinais como uma segunda língua. Conservando, dessa forma, seu pensamento traçado na língua oral, mas reconstrói suas relações sociais amparadas na língua visual.

Identidade surda - se forma por meio do desenvolvimento das experiências em Língua de Sinais. Nesse contexto os surdos se assumem como surdos, como sujeitos visuais e culturais, sendo vistos como capazes, diferentes, mas NÃO inferiores aos ouvintes.

(ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, 2016, p.14, **grifo nosso**)

A formação de identidade ocorre constantemente por meio dos espaços com os quais os surdos têm contato com outros surdos. Nesse sentido, Arcoverde (2006, p. 253) afirma que “a identidade de uma pessoa é formada como parte integrante de um grupo, a partir dos contatos com grupos, pois é no meio social que ela pode encontrar modos de se auto identificar, principalmente, pelas relações propiciadas pelo contato linguístico”. Assim sendo, é nesse meio linguístico e social que se estabelecem e se fortalecem a(s) identidade(s) surda(s).

2 O ALUNO SURDO A ÁREA DE BIBLIOTECONOMIA: GLOSSÁRIO DE LIBRAS COMO POSSIBILIDADE DE PROMOÇÃO DA INCLUSÃO

De acordo com o Censo Escolar feito em 2021, no Brasil foram registrados na educação básica, 21.891 estudantes surdos, 38.990 com deficiência auditiva e 578 alunos com surdocegueira (INEP, 2022a, p. 30). Em comparação ao Censo da Educação Superior, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 2021, no Brasil o número de estudantes matriculados em cursos superiores era de 2.592 estudantes surdos, 7.910 com deficiência auditiva e 318 alunos com surdocegueira (INEP, 2022b, p. 71). Percebemos uma drástica diminuição do número de alunos surdos que ingressam no ensino superior.

Segundo Pfeilsticker *et al.* (2004), a maioria dos surdos nasce em famílias ouvintes. Segundo os autores, as questões genéticas são a minoria dentre as causas da surdez. Rubéola, meningite e falta de oxigênio no parto são os fatores mais apontados para que as crianças nasçam surdas. Em função da incompreensão e resistência dos pais ouvintes em relação à surdez, muitas crianças sofrem as consequências da aquisição tardia da Libras, pois os pais nutrem a expectativa de que os filhos irão ouvir e falar como eles. Aparelhos auditivos, implantes cocleares e sessões com fonoaudiólogos são algumas das estratégias que os pais buscam para a normalização dos filhos. No entanto, nem todos os surdos têm sucesso nessa empreitada, ou melhor, só uma minoria tem. Após várias tentativas frustradas e muitas resistências, alguns pais se rendem à oferta da língua de sinais para os filhos.

Há uma diferença significativa entre as crianças ouvintes que desde cedo têm contato com a língua portuguesa e as crianças surdas que não têm interações linguísticas na Libras precocemente. Segundo Skliar (1998), “95% das crianças surdas são filhas de pais ouvintes que desconhecem ou rejeitam a língua de sinais”. Raramente as crianças surdas são filhas de pais surdos ou têm pessoas sinalizantes ao seu redor que possam vir a estimular a aquisição e/ou aprendizado da língua de sinais desde a infância.

Entretanto, há uma similaridade muito grande entre filhos ouvintes de pais ouvintes e filhos surdos de pais surdos. Conforme argumentam Negrelli e Marcon (2006, p. 105):

[...] ao fazer estudos comparativos considerando uma criança surda, filha de pais surdos, ou ainda uma criança surda que teve oportunidade de interações significativas com a língua de sinais precocemente, Fernandes (2004) pôde constatar que os desenvolvimentos linguístico e cognitivo dessas crianças não estão prejudicados, seguindo as mesmas etapas e qualidades de uma criança ouvinte.

Levando em conta esses fatores, a maior parte das crianças surdas adquirem a Libras tardiamente. Nesses casos, as questões subjetivas, abstratas e cognitivas (dentre outras), que são desenvolvidas a partir da aquisição da linguagem, ficam comprometidas, demandando um esforço ainda maior dos espaços escolares para recuperar tais perdas (TERRA-FERNANDES, 2018).

Conforme aponta Santana (2016) o letramento dos surdos é escasso, já que se forma por meio de poucos hábitos de leitura e escrita. Uma vez que não existe a preocupação em fazer desse objeto algo prazeroso, ou ainda, algo funcional no momento que é apresentado ao surdo (GUARINELLO, 2007). Por não haver esse incentivo ao hábito da leitura e muito menos a diferentes tipos de materiais de leitura, é um árduo trabalho construir hipóteses e percepções sobre as diferenças entre a escrita e a fala. O que culmina na dificuldade em relação ao letramento acadêmico das pessoas surdas (GUARINELLO, 2007).

Ainda que a inclusão do aluno surdo seja assegurada por lei, como visto anteriormente, Freitas e Eulálio (2020) entendem ser necessário investir na formação de professores para que uma política de inclusão se efetive de fato. Para os autores, “os professores precisam de formação sobre como lidar com essa nova realidade da universidade e os alunos precisam de maiores ações para que possam solucionar suas dificuldades” (FREITAS E EULÁLIO 2020, p.43). Somente com o início de ações e de mudanças é que poderemos vislumbrar uma inclusão que seja efetiva tanto na escola quanto na universidade. Não podemos desconsiderar, como pontua Skliar (2005, p. 27, **grifo nosso**), que “usufruir da Língua de Sinais é um **direito** do surdo e não uma concessão de alguns professores e escolas”.

2.1 A EDUCAÇÃO DE ALINOS SURDOS NO BRASIL: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO

O Ministério da Educação busca desenvolver diversas políticas educacionais visando uma educação de qualidade para todos os alunos. “O movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação” (BRASIL, 2007, p. 1). Tal movimento mundial, visa a construção de políticas públicas que promovam a igualdade e uma educação de qualidade, além de inclusiva. No que se refere às dificuldades que são enfrentadas no sistema de ensino, fica claro que é preciso

confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las, a educação inclusiva assume espaço central no debate acerca da sociedade

contemporânea e do papel da escola na superação da lógica da exclusão. A partir dos referenciais para a construção de sistemas educacionais inclusivos, a organização de escolas e classes especiais passa a ser repensada, implicando uma mudança estrutural e cultural da escola para que todos os alunos tenham suas especificidades atendidas (BRASIL, 2007, p.1).

A Constituição Federal Brasileira de 1988 traz como um dos seus objetivos fundamentais “a educação como um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988, Art. 205), além de estabelecer a “igualdade de condições de acesso e permanência na escola” como um dos princípios para o ensino” (BRASIL, 1988, Art. 206, inciso I). Existem mundo afora diversas políticas afirmativas que visam garantir propostas educacionais abrangentes à diversidade, culminando em acordos internacionais.

Na Tailândia, em 1990, acontece a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, onde foi criada Declaração Mundial de Educação para Todos, que dentre seus objetivos destaca proporcionar educação básica para todos, sendo assim, “é necessário universalizá-la e melhorar sua qualidade, bem como tomar medidas efetivas para reduzir as desigualdades” (UNICEF, 1990). Para que essa educação se torne igualitária, é preciso oportunizar e manter “um padrão mínimo de qualidade da aprendizagem”, assumindo um compromisso de superar tanto as discrepâncias educacionais quanto “os preconceitos e estereótipos de qualquer natureza” (UNICEF, 1990).

Em 1994, ocorre na Espanha a Conferência Mundial de Educação Especial, onde é elaborada a Declaração de Salamanca que estabelece alguns princípios norteadores para a educação de qualidade para o surdo. Segundo essa declaração, “aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades”, ou seja, a escola deve adaptar-se às demandas dos alunos (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1994, p.1). A declaração também reconhece a importância da língua de sinais como meio de comunicação dos surdos, garantindo, desta maneira, que os surdos tenham acesso ao ensino “em sua língua nacional de signos” (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p.7). Além de prezar pela língua materna do estudante surdo, tal iniciativa visa uma aprendizagem significativa do aluno surdo.

Em 1999, a Convenção da Guatemala afirma que:

[...] as pessoas portadoras de deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que outras pessoas e que estes direitos, inclusive o direito de não ser submetidas a discriminação com base na deficiência,

emanam da dignidade e da igualdade que são inerentes a todo ser humano; (ESTADOS UNIDOS, 1999, s.p. *online*).

No Brasil, o Decreto nº 3.956/2001 define como discriminação toda a diferenciação ou exclusão com base na deficiência que venha a impedir ou anular o exercício dos direitos humanos e liberdades fundamentais. Esse Decreto, além de refletir na educação, exige uma reinterpretção da educação especial, que busca excluir barreiras que impeçam o acesso à escolarização (BRASIL, 2007).

No ano de 2003, o Ministério da Educação (MEC) implementa o Programa Educação Inclusiva, que visa o direito à diversidade com o intuito de apoiar a transformação dos sistemas de ensino dentro dos sistemas educacionais inclusivos, com vistas a promover um amplo processo de formação tanto de gestores quanto de educadores nos municípios brasileiros. O decreto busca garantir o direito de acesso à escolarização de todos, bem como ofertar atendimento educacional especializado e garantir a acessibilidade (BRASIL, 2007).

Quando os surdos se aprofundam no contato com a Libras, é possível perceber o quanto acabam ficando limitados a poucos campos de estudos, pois não há materiais o suficiente que sejam adaptados, traduzidos ou pensados para que as pessoas surdas consigam desenvolver suas habilidades e conhecimentos, ou, ainda, aprofundar-se sobre determinados temas. Em vista disso, os glossários técnicos de diversas áreas, a exemplo o glossário proposto na presente pesquisa, têm papel importante de facilitar o contato com diferentes campos de estudo. Assim, contribuem para promover o desenvolvimento progressivo da capacidade de aprendizado do surdo dentro de um campo disciplinar específico. Nesse sentido, tanto as leis como os documentos supracitados encarregam-se de garantir os direitos dos alunos surdos, e, assim, contribuem, pouco a pouco, para a construção de uma nova mentalidade nas Universidades.

Ainda sobre os direitos dos surdos, é importante destacar, na legislação brasileira, além da mencionada Lei n. 10.436/2002 e do já referido Decreto Federal nº 5.626/2005, os seguintes instrumentos jurídicos:

a) a Lei n.º 12.319, de 1º de setembro de 2010, que regulamenta a profissão de tradutor e intérprete de Libras no Brasil (BRASIL, 2010); e

b) o Decreto n.º 7.611, de 17 de novembro de 2011, que determina sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado.

Do ponto de vista da educação inclusiva, é preciso que a educação especial faça parte da proposta pedagógica do ensino regular, desta forma, promovendo o atendimento às necessidades educacionais dos alunos surdos. Conforme orienta a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2007, p.9):

A educação especial direciona suas ações para o atendimento às especificidades desses alunos no processo educacional e, no âmbito de uma atuação mais ampla na escola, orienta a organização de redes de apoio, à formação continuada, a identificação de recursos, serviços e o desenvolvimento de práticas colaborativas.

Estudos no campo da educação especial chamam a atenção para as definições e classificações utilizadas para especificar ou categorizar qualquer que seja a deficiência, transtorno, distúrbios, dentre outros. Isso porque, em razão da dinâmica social, deve-se levar em consideração que “as pessoas se modificam continuamente, transformando o contexto no qual se inserem” (BRASIL, 2007, p.9). Logo, é essencial a criação de ambientes heterogêneos e dinâmicos para diminuir situações de exclusão e promover a aprendizagem dos alunos (BRASIL, 2007).

A presença do tradutor-intérprete em sala de aula visa tornar os conteúdos acadêmicos acessíveis aos alunos surdos. O empenho do tradutor-intérprete é justamente o de fazer com que tais conteúdos sejam compreensíveis e façam sentido para o aluno surdo.

A figura do tradutor-intérprete vem para somar dentro de sala de aula, já que o processo de ensino-aprendizagem do surdo torna-se mais produtivo, uma vez que esse aluno se sente mais seguro. O aluno surdo, graças ao tradutor-intérprete, além de ter a possibilidade de compreender melhor o que está sendo ensinado pelo professor, passa também a ser melhor compreendido pelo professor e demais alunos. Com isso, ganha melhores condições para se desenvolver, o que acaba por auxiliar em seu aprendizado da língua portuguesa (falada e/ou escrita) (PORTAL EDUCAÇÃO, 2020).

Nesse sentido, Santos e Lacerda (2015) explicam que o tradutor-intérprete da língua de sinais precisa estar atento ao nível de compreensão do seu interlocutor, aproximando-se da realidade dele, buscando que o surdo tenha completo acesso à informação. Como explicado pelos autores, isso não significa que o TILS irá inferiorizar o surdo ou explicar como se ele fosse incapaz, mas sim que a explicação será adequada ao seu contexto linguístico. Para Sobral (2008, p. 132):

o intérprete tem de ser um profissional capaz de entender quando deve dizer o que a quem e de que maneira, a depender de onde ele esteja e quem esteja envolvido. Daí minha afirmação de que interpretar em Libras também é dizer o “mesmo” a outros, ou seja, dizer uma coisa de acordo com a situação em que se diz, com a intenção de quem diz e com as características daquele a quem se diz.

Lacerda, Santos e Caetano (2013), abordam questões que se referem à metodologia de ensino para alunos surdos e suscitam alguns aspectos extremamente relevantes. Um dos aspectos levantados pelas autoras é a importância de o TILS ter acesso com antecedência ao conteúdo de aula, visando facilitar sua atuação e oferecer uma boa interpretação. Quando o tradutor-intérprete é incluído na participação do planejamento das aulas, não de uma maneira a interferir nas escolhas dos professores, mas com o intuito de ampliar a visão dos mesmos no que se refere a aspectos da metodologia de ensino que se adequem ao(s) surdo(s) em sala de aula, seu trabalho torna-se mais significativo e efetivo. O intérprete conhece as dificuldades e questões relacionadas à surdez, logo, pode, em conjunto com os educadores, propor ideias, sugestões, e contribuir para o desenvolvimento de materiais pedagógicos visuais. Isso beneficia tanto professores quanto os alunos, sejam esses alunos surdos ou ouvintes.

Outro aspecto importante destacado por Lacerda (2006) é a inserção, em muitos casos, de somente um aluno surdo que faz uso da Libras em sala de aula. Por ser Libras uma língua diferente da língua dos demais alunos, o aluno surdo, isolado em seu contexto linguístico, acaba por perder diversas informações relativas à, aprendizagem e interações sociais entre os colegas, uma vez que, esse aluno surdo poderá interagir apenas se o intérprete estiver presente, o que resulta em um ambiente pobre em termos de trocas simbólicas com colegas e professores. Isso nos leva a refletir sobre a importância do TILS em sala de aula, assim como sobre a importância de colegas e professores aprenderem a língua de sinais para poderem interagir com o aluno surdo em sua língua materna, de modo que, a longo prazo, a comunicação deixe de ser dependente da tradução do TILS.

Por meio da parceria entre professores e o Tradutor-Intérprete de Língua de Sinais (TILS), as práticas educacionais em sala de aula, portanto, precisam ser repensadas, de forma a atenderem às necessidades do aluno surdo. Ao atentarmos para as metodologias utilizadas, para além das questões envolvendo o currículo, podemos constatar que as práticas acadêmicas podem ser bastante inacessíveis, mesmo com a presença do intérprete em sala de aula (LACERDA; POLETTI, 2004). A respeito do intérprete, é preciso destacar que, além dele ser alguém fluente nas línguas envolvidas no processo de tradução, usualmente é também alguém envolvido com a comunidade surda, assim como tem muito conhecimento sobre as dificuldades do dia a dia dos surdos, as formas de compreensão e estratégias comunicativas que melhor se adaptam às necessidades do aluno surdo (SANTOS, 2014).

2.2 O ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA

A Profissão de Bibliotecário, desde 1962, é regulamentada pela Lei n. 4.084, segundo a qual:

O exercício da profissão de Bibliotecário, em qualquer de seus ramos, só será permitido: a) aos Bacharéis em Biblioteconomia, portadores de diplomas expedidos por Escolas de Biblioteconomia de nível superior, oficiais, equiparadas, ou oficialmente reconhecidas. b) aos Bibliotecários portadores de diplomas de instituições estrangeiras que apresentem os seus diplomas revalidados no Brasil, de acordo com a legislação vigente. [...] (BRASIL, 1962, Art. 2).

De acordo com a página institucional do Conselho Regional de Biblioteconomia da 4ª Região, dentre as atribuições o profissional bibliotecário estão:

[...] desenvolver atividades de organização, tratamento, análise e recuperação de informações em diversos níveis e suportes físicos, por meios manuais e automatizados, com vistas ao atendimento das necessidades informacionais de todos os segmentos da sociedade, ao avanço científico-tecnológico e ao desenvolvimento social do país. (CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA - 4ª REGIÃO, 2021, *on-line*).

Para Mota e Oliveira (2011, p. 99), “é importante que o profissional busque capacitação contínua, possua senso crítico, seja criativo, ousado, curioso, investigativo, empreendedor, proativo, dinâmico, político [...]”. Corroborando a afirmação dos autores, a demanda de trabalho do profissional bibliotecário exige que o mesmo seja cada vez mais atuante e esteja em constante atualização, tanto em relação às novas tecnologias digitais da informação e comunicação, quanto ao se mostrar disposto a desenvolver novas habilidades para provocar mudança e melhoria no seu local de trabalho, concomitantemente, proporcionando maior qualidade dos serviços oferecidos à comunidade.

O surdo vem com diversas defasagens em seu ensino e aprendizagem, desde a educação básica, e quando ingressa no ensino superior encontra mais desafios, porque apesar de existir leis e decretos que assegurem a sua inclusão no ensino superior, os currículos dos cursos ainda não são desenvolvidos pensando no sujeito surdo.

Com isso em mente, foi feito um levantamento das grades curriculares de cursos de Biblioteconomia da região sul do Brasil, foram pesquisadas as seguintes universidades:

- a) Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
- b) Universidade de Caxias do Sul (UCS)
- c) Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
- d) Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
- e) Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
- f) Universidade Estadual de Londrina (UEL).

A partir desse levantamento realizado foi possível constatar que das seis universidades pesquisadas, apenas as três primeiras universidades ofertam a disciplina de Libras no curso de Biblioteconomia

A FURG oferta a disciplina optativa de Libras I, no terceiro semestre do curso, sendo uma disciplina que tem 72h aulas e possui 4 créditos, que aborda os aspectos gerais tanto sobre a identidade quanto sobre a cultura surda, e também se encarrega da estrutura e gramática da língua de sinais brasileira. Já no quarto semestre, é ofertado Libras II, como disciplina optativa do currículo. Esta disciplina também de 4 créditos e 72h aulas, discorre sobre as características básicas da fonologia, além de auxiliar os alunos na prática, em relação ao uso da Libras em situações do cotidiano, ensinando vocabulário, morfologia, sintaxe e semântica (Universidade Federal do Rio Grande, 2023).

Na UCS, o curso de Biblioteconomia é ofertado pelo Ensino a Distância (EAD). Não foi possível obter detalhes em relação a ementa da disciplina, uma vez que o site disponibiliza apenas uma observação ao final de sua grade curricular dizendo que o acadêmico do curso de Biblioteconomia poderá cursar Libras e escolher se a disciplina equivalerá a atividades complementares ou à disciplina eletiva (Universidade de Caxias do Sul, 2023).

Na UFRGS, a Libras é ofertada como optativa, sem estar localizada em um semestre específico, sendo dividida em Libras 1 e 2. Libras 1 possui 2 créditos e 30h de carga horária, abordando em sua ementa os aspectos linguísticos da língua de sinais, identidades e cultura surdas, assim como a história das comunidades surdas, além de abarcar políticas linguísticas e educacionais para os surdos. Libras 2, também sem semestre específico determinado, com carga horária de 45h e 3 créditos. A sua ementa compreende noções de espaço e tempo em Libras, as línguas de sinais utilizadas nas comunidades surdas e produções culturais de pessoas surdas e para pessoas surdas (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2023). Na UEL, de acordo com a ementa disponibilizada pelo *site*, não é ofertada a disciplina de Libras (Universidade Estadual de Londrina, 2023).

Como já citado neste trabalho, o Decreto nº 5626/05 dispõe da inclusão da Libras enquanto disciplina curricular, sendo **obrigatório** em todos os cursos de Licenciatura, tanto nos

cursos de nível médio, como magistério, por exemplo, quanto nos cursos superiores, como no de Pedagogia e de Educação Especial, que são cursos de formação de professores, e também no de Fonoaudiologia. Já nos demais cursos de educação superior e profissional, a Libras se constitui como disciplina curricular **optativa**, a partir de 2005, que foi quando ocorreu a publicação do Decreto (BRASIL, 2005, **grifo nosso**).

É perceptível que os cursos de Biblioteconomia estão buscando ofertar a disciplina de Libras, visto que os profissionais da informação no exercício de sua profissão têm contato com todas as pessoas - e isso inclui as pessoas surdas. Os surdos necessitam de uma comunicação direta com os profissionais que os atendem. O bibliotecário ao conhecer e dominar a Libras, está exercendo seu papel enquanto mediador da informação, além de contribuir para inclusão de fato do usuário surdo nesse ambiente de informação que é a biblioteca (IFLA, 2000).

Na área da Biblioteconomia, no entanto, destaca-se a publicação, em 1991, das “Diretrizes para Serviços de Bibliotecas para Surdos”, pela IFLA. Esse documento visa orientar as bibliotecas com a implantação de serviços para usuários surdos, além de ser facilmente modificável para adaptar-se às circunstâncias de cada local e, assim, tornar possível o desenvolvimento de diretrizes nacionais para serviços de biblioteca para usuários surdos (IFLA, 2000).

O documento da IFLA sugere, em suas primeiras diretrizes, a capacitação dos funcionários da biblioteca para que possa haver uma comunicação efetiva com o surdo. Para tanto, recomenda o treinamento total ou parcial da equipe da biblioteca e propõe que, ao selecionar a equipe envolvida na prestação de serviços para os usuários surdos, “[...] as bibliotecas procurem empregar pessoas que têm credibilidade dentro da comunidade surda” (IFLA, 2000, p. 13). Isso significa que “[...] as bibliotecas podem contratar um ou mais profissionais bibliotecários surdos ou membros não profissionais da equipe devem ter responsabilidades por seus serviços à comunidade surda, seja em tempo integral ou parcial” (IFLA, 2000, p. 13).

A ausência de sinais em Libras para termos de áreas específicas, é um problema enfrentado por tradutores intérpretes e os professores surdos dos mais diferentes campos disciplinares. Em que pese a área de Biblioteconomia, é inexistente uma formação em Libras que torne viável o desenvolvimento acadêmico e profissional do aluno surdo na área biblioteconômica. Tal constatação se deu a partir de levantamento bibliográfico em busca de glossários de termos específicos da área em diferentes bases de dados, a saber: Base de Dados

Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci)⁵, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)⁶, Portal de Periódicos CAPES⁷, SCIELO⁸ e Repositório Digital Huet⁹, sendo esta última uma base de dados voltada especificamente para produções científicas e culturais sobre a Libras, visando agregar na educação de surdos no Brasil. Para esse levantamento, as palavras-chave utilizadas em cada uma das bases de dados foram: Biblioteconomia e Libras. Em nenhuma das bases de dados supracitadas foram encontrados trabalhos que proponham qualquer interface entre a Biblioteconomia e a Libras. Tal resultado aponta para um nicho que buscamos preencher, ainda que de maneira incipiente, com a proposta de criar um glossário em Libras para a área de Biblioteconomia, o que constitui o cerne do presente estudo.

2.3 DICIONÁRIO OU GLOSSÁRIO?

Os glossários são antigos, remontando três milênios, na época dos egípcios, gregos, babilônios e chineses. Multiplicaram-se abundantemente na Idade Média, desenvolvendo-se através da “prática da decodificação e interpretação de textos gregos e latinos na escola” (NUNES, 2006, p. 47). Conforme Auroux (2008, p. 19), a listagem de palavras é “a técnica mais elementar que é a base de todo dicionário”. A lista de palavras “[...] está indubitavelmente na origem dos dicionários”. Deste modo, podemos inferir que as listas de palavras foram a origem dos glossários que, por sua vez, resultaram em dicionários.

De acordo com o conceito apresentado por Capovilla *et al.* (2017, p.1400), glossário é

[...] Lista alfabética de termos de um determinado domínio de conhecimento com a definição destes termos. Tradicionalmente, um glossário aparece no final de um livro e inclui termos citados que o livro introduz ao leitor ou são incomuns. Ex: de um modo geral, um glossário contém explicações de conceitos relevantes de um certo campo de estudo ou ação.

Antigamente, os surdos sinalizavam e não registravam os sinais¹⁰, o que resultou numa perda em termos lexicais. Todavia, a sistematização e o registro tanto gráfico quanto descritivo

⁵ <https://www.brapci.inf.br/>

⁶ <https://bdtd.ibict.br/vufind/>

⁷ <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php?>

⁸ <https://www.scielo.br/>

⁹ <http://repositorio.ines.gov.br/ilustra/>

¹⁰ Cabe salientar que o registro das línguas de sinais só aconteceu de forma efetiva recentemente, por meio da filmagem dos sinais (que só foi possível depois da invenção da filmadora e só se popularizou após a invenção dos smartphones), bem como por meio de sistemas de escrita de sinais, que foram

de sinais surgiu pela primeira vez na história da humanidade no contexto da constituição da vida monástica na Idade Média (REILY e REILY, 2003). De acordo com Sofiato e Reily (2012, p.12), na virada do século V, são criadas duas ordens monásticas que instituem o Voto do Silêncio visando auxiliar os religiosos a manter o clima reflexivo e de oração durante todo o tempo, desta forma, criando uma barreira para impedir a entrada de “palavras mundanas”. Nas comunidades beneditinas, todos trabalhavam, com isso, uma linguagem de sinal surge como alternativa para a comunicação das tarefas diárias.

Reily e Reily (2003) deduziram que as formas de alfabeto manual foram inventadas no contexto das salas dos mosteiros, onde eram feitas as cópias dos livros manuscritos (códices), no desempenho das escrituras (cópias) de textos (os evangelhos e outros textos bíblicos, breviários, saltérios, hinários, textos clássicos, além de documentos não religiosos como títulos de propriedade, doações, testamentos, documentos de contabilidade da abadia) e outros que eram empregados para acompanhar a liturgia pelos monges copistas. Para fins didáticos (para ensinar os noviços) e com enfoque missionário, para transmissão a outros mosteiros que iam aflorando, listas de sinais foram registradas e copiadas nas salas dos mosteiros.

Os glossários e dicionários de Libras tem como proposta registrar os sinais já existentes. Dessa forma, o glossário tem como intuito facilitar as pesquisas dos conceitos e sinais, além de tornar mais rápido encontrar a definição dos termos e conceitos que se relacionam com determinado sinal e/ou determinada palavra (FRIEDRICH, 2019). Concomitantemente servem para apoiar o surdo e deixá-lo mais seguro e confortável utilizando a sua língua materna.

Sofiato (2005) nos esclarece que inúmeros autores construíram obras impressas com a representação da Libras, mencionando dentre eles, Flausino José da Costa Gama, que era surdo e aluno do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, hoje em dia, Instituto Nacional de Educação de Surdos. Em 1875, Flausino José da Costa Gama publicou o primeiro dicionário de língua de sinais no Brasil, intitulado “Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos” (Figura 8). Nele são apresentados 382 sinais e desenhos dos respectivos sinais. Em 1969, Eugênio Oates, publicou o dicionário “Linguagem das mãos” (Figura 9), apresentando 1.258 sinais e suas respectivas fotografias.

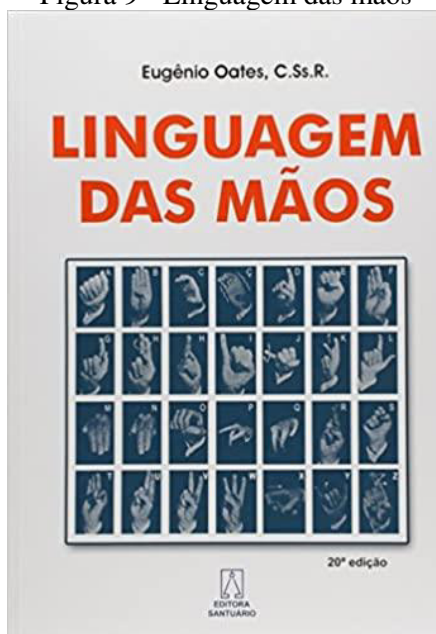
criados somente a partir da década de 1980, como por exemplo, o *signwriting*. Antes disso era comum encontrar desenhos dos sinais, os quais, entretanto, nem sempre conseguiam expressar todos os parâmetros fonológicos da língua de sinais.

Figura 8 - Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos



Fonte: Museu Imperial [2022]

Figura 9 - Linguagem das mãos



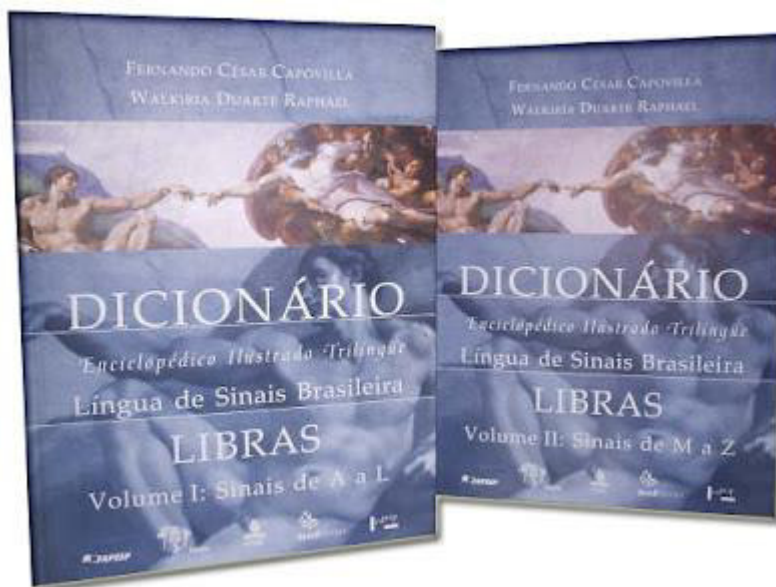
Fonte: Oates (c2023)

Esses dois livros, durante décadas, foram os materiais mais usados por instrutores surdos para que ensinassem sua língua. Segundo Felipe (2000), ao atentarmos para o fato dessas obras de referência fazerem uso de fotografias e/ou desenhos de sinais da Libras, contendo também explicações dos desenhos e/ou sinais, encontramos uma possível justificativa para uma das metodologias que se utiliza nos dias atuais para ensinar Libras, a qual consiste essencialmente na apresentação de sinais e tradução desses sinais.

Alguns outros dicionários de Libras bastante conhecidos são: Dicionário “Comunicando com as mãos”, que apresenta 574 sinais e desenhos lineares dos sinais, ilustrado por Judy

Esminger em 1987. Em 2001, César Capovilla e Walkíria Duarte Raphael publicaram o “Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua de Sinais Brasileira”, onde são apresentados 9.500 sinais e desenhos lineares dos sinais, como também a escrita de sinais (*Signwriting*).

Figura 10 - Dicionário Enciclopédico Trilíngue Língua de Sinais Brasileira



Fonte: Campos (2010)

Atualmente, o maior deles em termos de apresentação de léxico, e que vem a ser referência no assunto, é o dicionário de Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em Suas Mãos, do ano de 2017, dos autores, Fernando César Capovilla, Antonielle Cantarelli Martins, Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo. A obra é composta por três volumes, que contam com mais de 13 mil sinais, abrangendo desde áreas como medicina, geografia e tecnologia da informação. De acordo com Friedrich (2019, p. 39), o dicionário “é o resultado da coleta de sinais com surdos e usuários de Libras, como primeira língua, de quase todo o território brasileiro, principalmente das regiões Nordeste, Sul e Centro-oeste”.

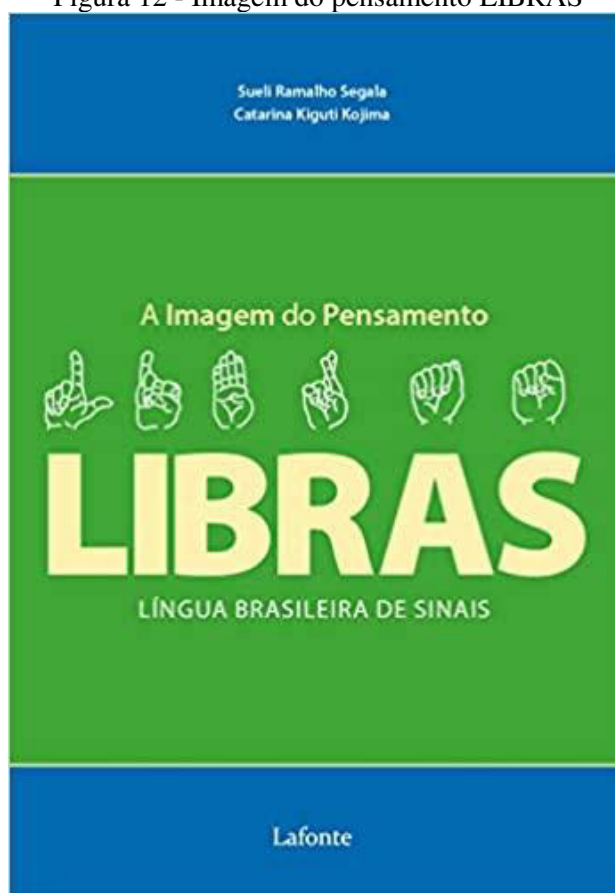
Figura 11 - Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em Suas Mãos. 3 volumes



Fonte: Capovilla *et al* (2022)

Uma obra que não poderia ficar de fora desse compilado é “A imagem do pensamento” (Figura 12), de autoria de Sueli Ramalho Segala e Catarina Kiguti Kojima, do ano de 2020. Importante ressaltar que Sueli Ramalho é surda, bilíngue falante da Libras e do português, professora e especialista em Libras e inclusão de pessoas surdas, tanto na área educacional quanto empresarial (SEGALA, 2019). Essa obra é resultado “de um trabalho de décadas na busca de possibilidades de inserção dos surdos na sociedade” (SEGALA; KOJIMA, 2020). Com o intuito de maximizar a inserção dos surdos na sociedade, torna-se necessário **capacitar** a sociedade para **entender a importância** dessa inserção, dessa forma, sensibilizando-a em relação à **necessidade** de um ambiente mais acolhedor para os surdos nas escolas, no mercado de trabalho e em todos os níveis de relações sociais (SEGALA; KOJIMA, 2020, **grifo nosso**).

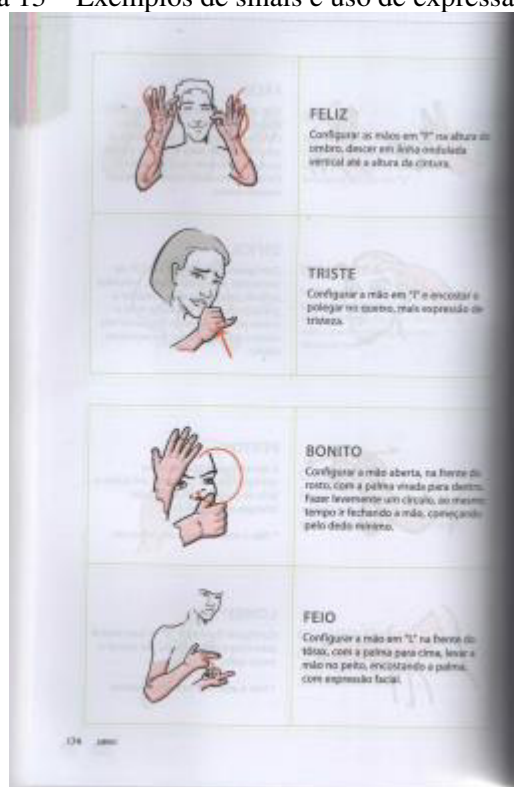
Figura 12 - Imagem do pensamento LIBRAS



Fonte: SEGALA E KOJIMA (c2022)

Com esse objetivo em mente, Segala e Kojima (2020) lançam um exemplar de volume único, que é diferenciado em termos do método de apresentação e organização dos sinais, visto que a obra foi pensada para facilitar o aprendizado e a prática da Libras, quer o leitor seja surdo ou não. A obra é dividida em 8 capítulos, que são organizados por tópicos, o que torna mais fácil o manuseio e familiaridade com a obra, já que a lateral do livro é separada por cores, de forma que cada capítulo corresponde a uma cor diferente. O volume traz exemplos de diversos sinais em Libras em diferentes configurações de mãos e explica cada um dos parâmetros da Libras. A obra também mostra, na “prática”, os diversos sinais, fazendo uso de setas de movimento, a explicação de como fazer o sinal logo ao lado. Um diferencial do livro é que utiliza em seus desenhos as expressões faciais, o que facilita a compreensão do sinal, até mesmo para os iniciantes na língua de sinais. (Figura 13). Encontramos no livro capítulos que tratam de adjetivos plurais e coletivos, verbos no infinitivo e no gerúndio, bem como frases simples e compostas. Também são cobertos assuntos básicos como, alimentos/bebidas, animais, calendário, cores, documentos, profissões, dentro outros.

Figura 13 – Exemplos de sinais e uso de expressão facial



Fonte: Segala e Kojima (2020)

Conforme argumentam Segala e Kojima (2020), a representação das expressões faciais, nesta obra “é a nossa contribuição inestimável no fundamental processo de inclusão, tão almejado por surdos, seus familiares, professores e todo o ser humano que valorize o respeito aos semelhantes, sobretudo quando são diferentes” (SEGALA; KOJIMA, 2020).

Outra obra impressa que visa contribuir para o aprendizado da Libras é o conjunto de livros ilustrados de língua brasileira de sinais (Figura 14).

Figura 14 - Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais (3 volumes)



Fonte: Honora (2022)

Separados por assuntos como: lugares, comidas, instrumentos musicais, raças de animais, dentre vários outros, a obra esclarece de maneira visual os sinais, trazendo não somente como fazer o sinal e sua explicação ao lado, mas também ilustrações que dão contexto ao sinal, conforme vemos na figura 15.

Figura 15 – Sinais ilustrados

Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais

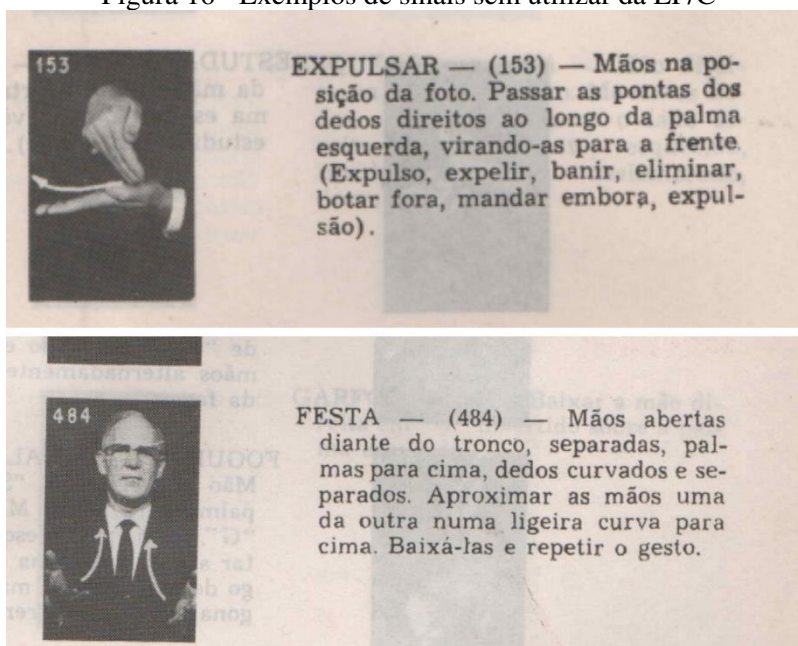
		<p>CM: braço esquerdo esticado com palma aberta PA: tocando o mínimo esquerdo no braço direito M: dedizar O: para baixo</p>
		<p>CM: mão direita com palma para dentro PA: tocando a testa M: arco O: para baixo, tocando a mão esquerda aberta à frente</p>
		<p>CM: mão direita em 'U' com palma para baixo PA: tocando com a ponta do polegar na palma esquerda aberta M: girar o pulso O: para cima</p>
		<p>CM: mão direita aberta com dedo polegar e médio em formato da letra 'C' PA: tocando o pulso esquerdo pelos dedos polegar e médio M: sem movimento O: sem orientação</p>
		<p>CM: mão direita com ponta dos dedos unidos PA: tocando a base da mão esquerda em 'C' com palma para a direita M: aproximar O: para baixo E: em seguida, fazer o sinal de flor (mão em 'U' tocando a ponta do nariz, para cima)</p>

30

Fonte: Honora (2020)

Em alguns dos dicionários impressos, no entanto, é possível constatar alguns pontos específicos que dificultam tanto a leitura quanto a execução dos sinais, como por exemplo: a visualização das mãos, mais especificamente dos dedos (detalhes dos dedos nos sinais); ângulos dos desenhos das mãos, representação dos movimentos das mãos, os quais por vezes não são bem claros. Além disso, pelo fato de os desenhos serem lineares, poucas vezes é apresentado o corpo inteiro, de modo que comumente é dado destaque apenas para as partes que são tidas como relevantes para a produção do sinal. De um modo geral, os dicionários também não trazem qualquer representação facial que corresponda ou se relacione ao sinal. Frequentemente, a figura que é utilizada como referência aparece sem o rosto ou cabeça. Quando as expressões faciais estão presentes nos dicionários impressos, no entanto, acompanham apenas alguns sinais (SOFIATO E REILY, 2014).

Figura 16 - Exemplos de sinais sem utilizar da EF/C



Fonte: Oates [1983]

Para exemplificar alguns desses pontos, temos a figura 16. A parte superior da imagem traz o sinal de “expulsar”, mostrando apenas o movimento das mãos, sem revelar o restante do corpo ou até mesmo a expressão facial para o sinal. Já a parte inferior da figura 16 traz o sinal de “festa”, em que podemos constatar uma expressão facial séria. No entanto, a palavra que está sendo representada nos remete, muitas vezes, à alegria, à comemoração ou ao gesto de festejar.

2.3.1 TECNOLOGIAS DIGITAIS E ACESSIBILIDADE

A presença e o uso das tecnologias digitais da informação e comunicação provocam-nos novas formas de construir sentido sobre o mundo, isto é, novos letramentos. Para Masny (2012), não há como desvencilhar os letramentos da nossa vida cotidiana, visto que os letramentos têm a ver com nossos fazeres, nossas atitudes e nossas escolhas no que se refere à forma como utilizamos a linguagem no mundo social.

Em virtude das tecnologias digitais, a forma de trabalhar, a maneira de nos relacionar com as pessoas e a maneira de estudar foram se modificando nos últimos anos. O Ensino a Distância (EAD), por exemplo, especialmente no cenário pós-pandemia, se tornou parte da nossa vida acadêmica. A presença ubíqua das tecnologias digitais em nosso cotidiano tornou-se algo natural, de modo que por vezes não percebemos o quanto dependemos dessas tecnologias para a realização de atividades rotineiras.

Coll e Monereo (2010, p. 46) pontuam que a tecnologia ubíqua "se refere à progressiva interação dos meios informáticos nos diferentes contextos de desenvolvimento dos seres humanos, de maneira que não são percebidos como objetos diferenciados". Tendo em vista que as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação permeiam o nosso cotidiano e, assim, provocam mudanças nas formas de interagir e construirmos sentido sobre o mundo, de acordo com Delors *et al.* (1998), o relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a educação para o século XXI recomenda que a educação seja organizada da seguinte forma:

A educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: ***aprender a conhecer***, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; ***aprender a fazer***, para poder agir sobre o meio envolvente; ***aprender a viver juntos***, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente ***aprender a ser***, via essencial que integra as três precedentes (DELORS *et al.*, 1998, p. 90, **grifo nosso**).

Delors *et al.* (1998) compreendem que para o desafio que é formar pessoas na educação, as tecnologias digitais seriam indispensáveis enquanto instrumentos mediadores para a educação a ser desenvolvida ao longo da vida das pessoas. Os quatro saberes descritos acima estão, na verdade, conectados em diversos pontos, visto que as práticas relativas a cada um deles se permeiam.

Para Kenski (2003), as tecnologias digitais da informação e comunicação, ao provocarem mudanças na natureza e formas de interação e comunicação, possibilitam o surgimento de novas maneiras de aprender em diferentes contextos. Nesse sentido, interessamos o conceito de letramento digital como prática de construção de sentido mediada por tecnologias digitais. Lemke (2010) nos propõe pensar no que ele chama de “letramentos multimidiáticos”, ou seja, um conjunto de competências culturais utilizado para construir sentidos sociais reconhecíveis por meio do uso de tecnologias. Ainda de acordo com Lemke (2010) todo o letramento é multimidiático porque jamais produzimos significados apenas utilizando à língua em si mesma, uma vez que há sempre uma realização visual ou vocal que carrega significado não linguístico, como o tom de voz ou o estilo da ortografia. Esse conceito alude a uma nova mentalidade e cultura, propondo uma nova forma de sermos e estarmos no mundo (SCHEIFER; REGO, 2020).

Kenski (2003) afirma que através do acesso “às redes digitais se torna possível realizar intercâmbios e novas formas de cooperação com outras pessoas e instituições em todo mundo, para ensinar e aprender”. No que tange as pessoas surdas, as tecnologias digitais oferecem

possibilidades de interação social, como também, recursos midiáticos e semióticos que contribuem para incentivar a autonomia e independência dos sujeitos surdos. Conforme Arcoverde (2006, p. 254):

As oportunidades de comunicação oferecidas pelas tecnologias digitais permitem novas possibilidades de interagir e de aprender com muitos outros, diferentes e singulares, que se somam, compartilham e coexistem na imensa diversidade que institui a sociedade em rede.

As tecnologias digitais oferecem ao sujeito surdo oportunidades para que ele possa compartilhar vivências e particularidades, interagindo e criando espaços para a interatividade. No digital, a comunicação social tende a não levar em conta o aspecto físico dos sujeitos, na medida em que não se apoia necessariamente em referenciais materiais e corpóreos. Logo, o meio digital, em virtude da sua natureza, se faz propício a práticas para o acolhimento da diferença. Corroborando, Nascimento e Santos (2016, p. 31) argumentam que:

[...] as mudanças tecnológicas contribuíram para a disseminação do conhecimento e para a transformação da sociedade no que se refere à inclusão social, pois as tecnologias, com os diferentes recursos desenvolvidos, possibilitam a autonomia das pessoas com e sem deficiência, surdas ou ouvintes.

Logo, as tecnologias digitais, podem colaborar para diminuir a exclusão das pessoas surdas das mais diversas instâncias sociais, desde que sejam promovidas as mediações adequadas. Nesse sentido, Lemke (2010) nos diz que o processo de construção de significado abarca duas dimensões: a tipológica e a topológica, as quais se complementam. A dimensão *tipológica* do significado diz respeito à língua, falada ou escrita, e envolve signos linguísticos, grafemas, fonemas, *etc*, ou seja, as categorias da língua que se distinguem por tipo, dentre as quais situamos o sinal convencionado em Libras. Já a dimensão *topológica* diz respeito à percepção visual e à gesticulação espacial, distinguindo-se por grau, e envolve, por exemplo, o ato de dançar ou desenhar. Segundo Lemke (2010), o significado topológico expande os horizontes e as possibilidades de significação que a língua em seu formato tipológico não pode alcançar. Esses argumentos tornam possível compreender que o surdo, ao utilizar Libras, mobiliza e explora de maneira alternativa em relação à pessoa não surda as dimensões tipológicas e topológicas da língua.

Campello (2007) e Martins (2009), sob a ótica da **semiótica imagética**, um campo de estudo relativamente novo, que busca explorar a visualidade, argumentam que a forma do surdo construir significado sobre o mundo vai além do uso de gestos ou mímicas para abarcar a

utilização de signos em língua de sinais, que buscam explorar as características visuais da Libras, como por exemplo: o uso dos braços, as expressões faciais e corporais. Trata-se de uma língua que faz uso do corpo por inteiro, o que na perspectiva semiótica imagética, torna a significação mais ampla (CAMPELLO, 2007; MARTINS, 2009).

Enquanto experiência visual¹¹ (SKLIAR, 1998), a surdez torna necessário levar em consideração as especificidades do sujeito surdo. Por este motivo, torna-se imprescindível que toda e qualquer informação seja dada na língua de sinais, língua das pessoas surdas, o que pode acontecer através de tradutores-intérpretes ou até mesmo diretamente em Libras, por pessoas fluentes nesta língua, com o intuito de tornar acessível a aprendizagem da pessoa surda, seja em *lives*, palestras, materiais digitais, entre tantas outras situações do mundo virtual, bem como do mundo real. É de suma importância também que tais tradutores- intérpretes conheçam muito bem tanto a língua de sinais quanto o público surdo (SOFIATO, 2019). Atualmente existem alguns recursos digitais que buscam facilitar a comunicação português-Libras por meio de intérpretes virtuais, como é o caso do VLibras e Hand Talk, que veremos mais adiante.

Para Schopenhauer (1992, p.34):

Quando estamos aprendendo a língua visomanual, utilizada pelas comunidades surdas brasileiras, nos deparamos com um problema, que é entender cada conceito sinalizado. Não podemos apenas aprender os sinais da LIBRAS e sim adquirir conceitos. Caso contrário, nós nunca entenderemos o sentido do que é falado por meio das mãos, se primeiro traduzirmos palavra por palavra na língua portuguesa. Mais difícil que aprender o sentido dos sinais, ou decorá-los, ou memorizá-los, é aprender como um surdo aprende, ou seja, entender a mente e o pensamento do sujeito é mais complicado que entender sua língua.

Em resumo, as tecnologias digitais podem promover o reconhecimento da comunidade surda, valorizando sua língua e cultura, além de proporcionar ao surdo acesso à informação, mais segurança e independência (GOETTERT, 2019).

2.3.2 GLOSSÁRIOS E OUTRAS FERRAMENTAS DIGITAIS

¹¹ a experiência visual dos surdos envolve, para além das questões linguísticas, todo tipo de significações comunitárias e culturais, exemplificando: os surdos utilizam apelidos ou nomes visuais; metáforas visuais; imagens visuais, humor visual; definição das marcas do tempo a partir de figuras visuais, entre tantas outras formas de significações. Ou seja, desloca-se o significado da surdez enquanto perda auditiva para a compreensão da surdez a partir de suas marcas idiossincrásicas: a surdez significada como experiência visual, a presença da Língua de Sinais, a produção de uma cultura que prescinde do som, entre outras. (SKLIAR, 2001 *apud* LEBEDEFF, 2014)

No campo de ensino e aprendizagem de Libras, o trabalho com tecnologias digitais ganha destaque no que se refere à produção de materiais de ensino digitais. Daremos destaque aqui aos glossários e dicionários digitais. Como forma de ilustrar o que tem sido produzido e situar a presente proposta, a seguir, traremos alguns exemplos de glossários *online*, entre outras ferramentas digitais, que buscam auxiliar tanto a Comunidade Surda quanto ouvintes que já sabem Libras ou querem aprendê-la.

O Instituto Nacional de Educação de Surdos oferece um dicionário bilíngue (Português/Libras) formado por mais de 8 mil sinais, podendo ser ordenados alfabeticamente, por assunto ou de acordo com a configuração de mãos (CM). Ao encontrar a palavra desejada, como, por exemplo, biblioteca, nos é fornecido o **assunto** a que a palavra está relacionada, qual **configuração de mão** utilizada para sinalizar, o **vídeo** do sinal, o **significado** da palavra, um **exemplo** da palavra em uma frase, em seguida, o exemplo da mesma frase dita em Libras, como também é informada a **classe gramatical** da palavra, sua **origem** e uma imagem da mesma (figura 17).

Figura 17 - Dicionário de Libras *Online* INES

The screenshot shows the 'Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 - 2011' interface. At the top, it says 'LIBRAS Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 - 2011'. Below this is a search section with a 'Busca' box containing 'Palavra' selected and 'biblioteca' entered. To the right, there's an 'Ordem' section with 'Alfabetica', 'Por assunto', and 'Mão' options, and a list of letters 'A - B - C - D - E - F - G - H - I - J - K - L - M - N - O - P - Q - R - S - T - U - V - W - X - Y - Z'. The main content area is divided into several sections: 'Assuntos' (NENHUM), 'Palavras' (BIBLIOTECA), 'Mão' (image of a hand sign), 'Vídeo' (video of a person signing), 'Acepção' (Local onde livros de diversos tipos e conteúdos são expostos de forma organizada, segundo critérios especializados, para consulta do leitor; coleção de livros.), 'Exemplo' (A biblioteca é para ler livros, não pode fazer barulho.), 'Exemplo Libras' (BIBLIOTECA ENFILEIRAD@ SÓ LER LIVRO BARULHO NÃO-PODER.), 'Imagem' (BIBLIOTECA logo), 'Classe Gramatical' (SUBSTANTIVO), and 'Origem' (nacional). The footer contains the 'Acessibilidade Brasil' logo and website 'www.acessobrasil.org.br', and 'créditos libras em cd'.

Fonte: Acessibilidade Brasil (2011)

Outro glossário muito conhecido é o da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que é composto por mais de 700 sinais em Libras, dividindo-se entre as áreas de arquitetura, ciências biológicas, cinema, informática, letras/ Libras, literatura e psicologia. É possível

pesquisar através da configuração de mãos, localização (em que parte do corpo o sinal é feito) e movimento, por exemplo, se os movimentos são circulares, se são à frente do corpo, entre outros. Além de oferecer a opção de busca de termos em português ou em inglês. Na figura 18, temos a palavra *software* como exemplo. Nela, podemos ver quais CM são utilizadas para sinalizar a palavra, assim como a localização do sinal e o movimento, sendo possível ver o sinal por meio do vídeo.

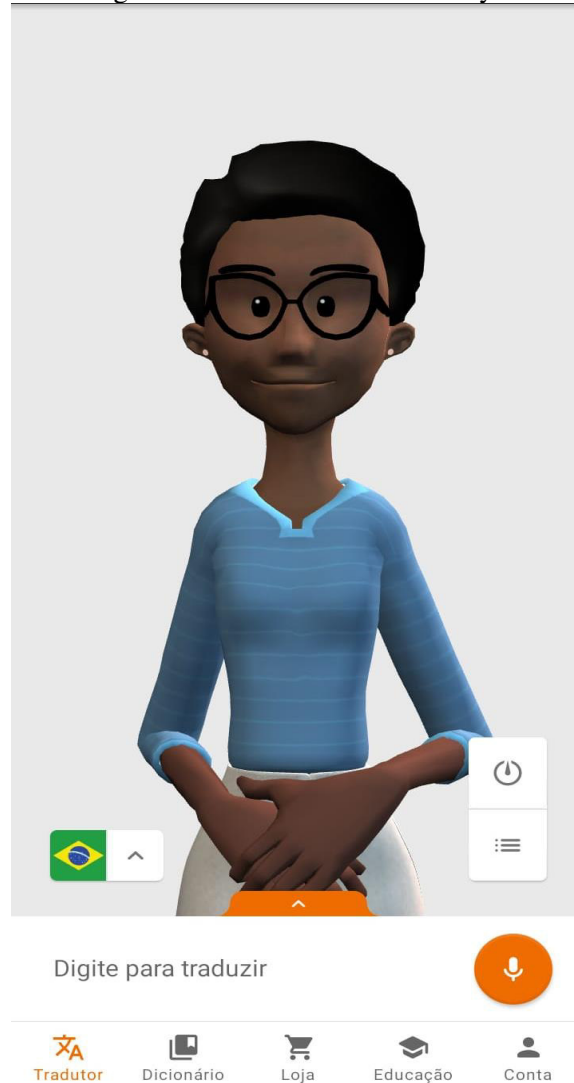


Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2022)

O aplicativo *Hand Talk* é um dicionário gratuito que busca ajudar no aprendizado e entendimento da língua de sinais por meio de inteligência artificial. O aplicativo conta com suporte para Língua Americana de Sinais e para Língua Brasileira de Sinais. O dicionário virtual possui uma aba chamada “educação” que contém vídeos curtos ensinando sinais sobre os mais variados temas, os quais nos levam diretamente à plataforma do *Youtube*. Interessante ressaltar que o *Hand Talk* possui dois tradutores virtuais, o Hugo e a Maya. (figura 19). Os tradutores do aplicativo não fazem somente o sinal, mas também, a expressão facial, que é essencial para a Libras, para transmitir o que se está querendo dizer. Já na aba “dicionário”, são reunidos diversos assuntos e divididos em mais de 20 categorias, como por exemplo: estados e regiões, dias, meses e estações do ano, transporte, dentre vários outros. (figura 20). O dicionário possibilita curtir e compartilhar os sinais pesquisados, além de repetir o sinal quantas vezes for necessário, podendo aumentar ou diminuir a velocidade da tradução, assim como, girar o

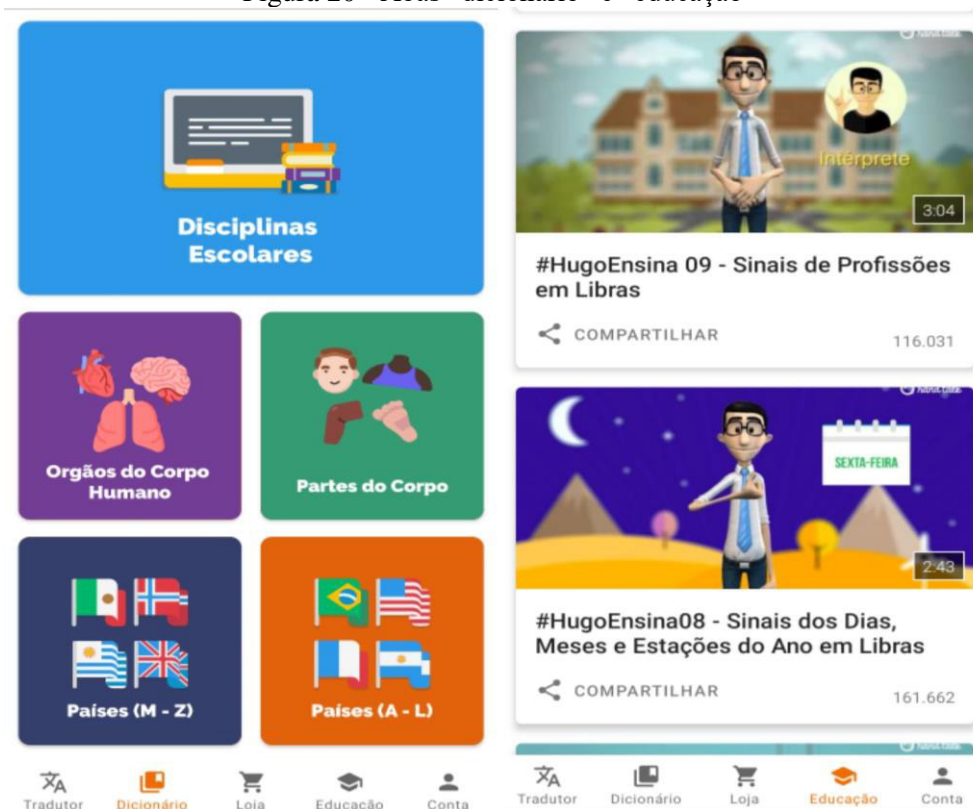
tradutor virtual para qualquer lado, para visualizar melhor o sinal de um determinado ângulo, por exemplo. Outras funcionalidades do aplicativo são: pesquisar as traduções recentes, adicionar traduções aos favoritos e acessar o dicionário de modo *off-line*.

Figura 19 - Tradutora Virtual Maya



Fonte: Hand Talk (2022)

Figura 20 - Abas “dicionário” e “educação”



Fonte: Hand Talk (2022)

O V Libras (figura 21) é um conjunto de ferramentas gratuitas, que torna o navegador da *web* acessível a pessoas surdas. O V Libras traduz do Português para Libras conteúdos digitais, como: texto, áudio e vídeo. O V Libras é o resultado de uma parceria entre o Ministério da Economia (ME), por meio da Secretaria de Governo Digital (SGD), e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), através do Laboratório de Aplicações de Vídeo Digital (LAVID)” (MINISTÉRIO DA GESTÃO E DA INOVAÇÃO EM SERVIÇOS PÚBLICOS, 2023). A tela do V Libras fica sobreposta à tela do navegador, de modo que, após selecionar a parte do texto para a qual se deseja a tradução para Libras, é possível, ver na tela as opções para pausar e parar a tradução, e, também, decidir qual a velocidade da tradução.

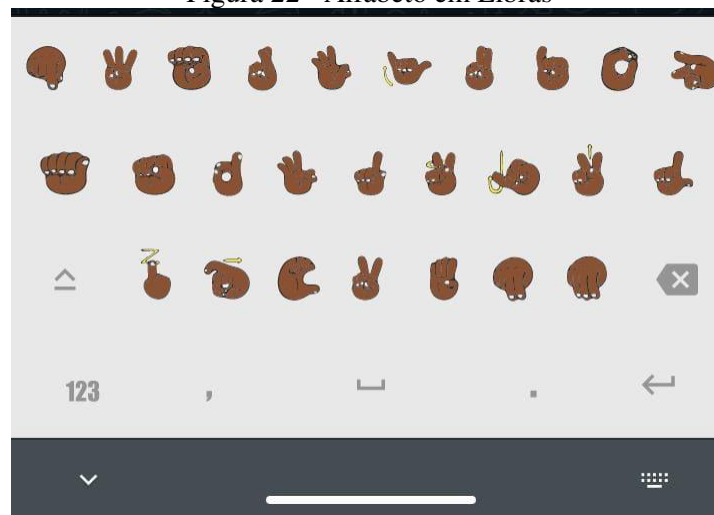
Figura 21 - V Libras



Fonte: SUITE V LIBRAS (2016)

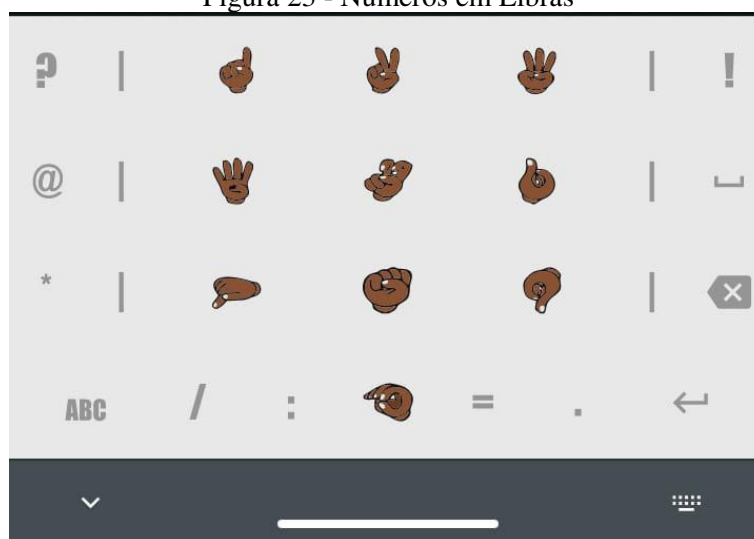
Tec Libras é uma ferramenta digital que consiste em um teclado em Libras, que visa facilitar a comunicação dos surdos e ouvintes, além de ser uma ótima ferramenta pedagógica, para quem está aprendendo Libras ou até mesmo para quem já é fluente. Abaixo, podemos ver a interface do aplicativo relativa à opção de teclado, que, quando selecionada, substitui as letras e números por sua respectiva datilologia em Libras (Figuras 22 e 23).

Figura 22 - Alfabeto em Libras



Fonte: Tec Libras (2022)

Figura 23 - Números em Libras



Fonte: Tec Libras (2022)

Já o *SWSignWriter* é uma ferramenta relacionada à escrita de sinais: o *sign writing*¹². Esse aplicativo traduz palavras e frases em diferentes idiomas, para a escrita de sinais em diversas línguas de sinais, não somente a Libras.

Figura 24 - Aplicativo Sign Write



Fonte: SWSignWriter (2022)

¹² *SignWriting* é um sistema que permite ler e escrever qualquer língua de sinais sem a necessidade de tradução para uma língua oral. Ela expressa os movimentos, as formas das mãos, as marcas não-manuais e os pontos de articulação através de símbolos que são combinados para formar um sinal específico da língua de sinais (CRISTIANO, 2020).

Por meio desses diferentes exemplos de ferramentas digitais, podemos constatar que as “[...] tecnologias favorecem novas formas de interação social, novos estilos de vida, modificando a visão acerca da tecnologia no que diz respeito à sua importância, utilização e papel social” (ADAMS *et al.*, 2013, p.60). Cabe ressaltar que todas as ferramentas apresentadas têm acesso e/ou *download* gratuito, o que é um dado importante no que se pensa no uso desse tipo de recurso em contextos educacionais. Reiteramos que as tecnologias digitais, por oferecerem ricos recursos de som, imagem e vídeo, dentre outros, facilitam o trabalho com a dimensão topológica do significado e, por essa razão, são interessantes ao trabalho com a língua visuoespacial que é Libras.

3 METODOLOGIA

A pesquisa proposta segue uma abordagem qualitativa, o que quer dizer que “o ambiente natural é fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuições de significados” (PRODANOV E FREITAS, 2013, p. 128).

É uma pesquisa aplicada, pois “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigida à solução de problemas específicos” (KAUARK, MANHÃES E SOUZA 2010, p. 26). Isto é, a construção de um glossário em Biblioteconomia em Libras.

Reitero, que como uma forma de construir o aporte teórico desse estudo foi realizada uma pesquisa em diferentes bases de dados, como: Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci); Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); Portal de Periódicos CAPES; SCIELO; e Repositório Digital Huet, sendo esta última uma base de dados voltada especificamente para produções científicas e culturais sobre a Libras, ao pesquisar pelas palavras-chave, Biblioteconomia e Libras em cada uma dessas bases, não encontrei qualquer trabalho relativo à união de Libras e Biblioteconomia.

Sob o ponto de vista dos objetivos, esta é uma pesquisa exploratória e descritiva. De acordo com (GIL 1991, p. 28), uma pesquisa exploratória tem por finalidade buscar desenvolver uma maior familiaridade em relação a um problema específico, de modo a explícito. Nos termos do autor, a pesquisa exploratória envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Sobre o caráter descritivo da pesquisa, Prodanov (2006, p.53) afirma que “em sua forma mais simples, as pesquisas descritivas aproximam-se das exploratórias, quando proporcionam uma nova visão do problema”. Quanto aos procedimentos técnicos, nesse tipo de estudo, foi adotada inicialmente a pesquisa bibliográfica, a qual proporcionou a construção do aporte teórico.

Para a elaboração do glossário de Biblioteconomia em Libras, foco deste estudo, a metodologia adotada realizou as seguintes etapas, após realizado levantamento bibliográfico e construção inicial de referencial teórico:

a) Escolha dos principais termos relativos à Biblioteconomia: a seleção dos termos se deu, a partir dos seguintes glossários de Biblioteconomia:

- “Ciência da informação”, que está vinculado ao software de acesso aberto Tesouro Semântico Aplicado (THESA)¹³;
- Glossário de termos *biblioteconômicos* (Biblioteca AE Barcelos)¹⁴;
- Glossário da Área de Organização e Tratamento da Informação

Esses glossários foram submetidos à análise do software *Voyant Tools*¹⁵, que permitiu identificar quantitativamente os termos em Biblioteconomia mais recorrente nesses materiais, dos quais foram selecionados 25 termos ao total: Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT); Código de Regras de Catalogação Anglo- Americanas (AACR); base de dados; bibliografia; cabeçalho de assunto; Classificação Decimal de Dewey (CDD); Classificação Decimal Universal (CDU); copyright; catalogação descritiva; classificação bibliográfica; Disseminação Seletiva da Informação (DSI); empréstimo; estudo de usuário; entrada secundária; ficha catalográfica; indexação de assunto; Número Internacional Normalizado do Livro (ISBN); número de chamada; repositório digital; recuperação da informação; serviço de referência; palavra- chave; ponto de acesso secundário; processamento técnico; tabela de Cutter. Dado o período de tempo do Mestrado, optamos pela quantidade de 25 termos, visto que, é um trabalho minucioso e que se faz necessário tempo hábil para a criação dos sinais, descrição dos mesmos e gravação dos vídeos referente aos sinais-termos.

b) Listagem de termos afins da área de Biblioteconomia existentes em Libras, com base no meu conhecimento enquanto bibliotecária e estudante da língua de sinais. O glossário utiliza termos em Libras já existentes que façam parte do universo biblioteconômico, contando com 19 sinais, os quais serviram de base para a criação dos novos sinais. Os termos selecionados foram: arquivo, atraso, bibliocanto, biblioteca, capa, conhecimento, comunicação, computador, DVD, devolução, empréstimo, estante, informação, livro, multa, periódico, renovação, revista, reservar.

c) definição dos termos selecionados por meio de dicionários da área de biblioteconomia. As definições dos termos em português foram obtidas a partir de dois dicionários técnicos especializados, a saber: “Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico”, de Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão (2008) e “Dicionário de Biblioteconomia e

¹³ <https://www.ufrgs.br/tesauros/index.php/thesa/terms/64/B>

¹⁴ <https://bibliotecadaesb.webnode.pt/apoio-ao-estudo/glossario-de-termos-biblioteconomicos/>

¹⁵ *Voyant Tools* é uma ambiente *web* de leitura e análise de textos digitais. Disponível em: <https://voyant-tools.org/>

Arquivologia”, de Murilo Bastos da Cunha e Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti (2008), ambos reconhecidamente relevantes na área da Biblioteconomia.

d) registro dos termos no software livre THESA, que ficará disponível gratuitamente, através do link: <https://www.ufrgs.br/thesa/public/th/2>

e) revisão do glossário (SILVA; SILVA, 2015 *apud* KRIEGER; FINATTO, 2004).

Os termos selecionados e as suas definições/conceitos foram registrados tomando por base a seguinte estrutura de fichamento: 1) Termo em português; 2) Sigla do termo (quando existente); 3) Termo existente em Libras; 4) Definição do termo em língua portuguesa (extraída de dicionários técnicos especializados); 5) Remissivas (termos conexos); 6) Registro em vídeo do termo criado em Libras pelo surdo. 7) Fontes citadas.

3.1 COLABORADORES DA PESQUISA

Navegando nas redes sociais, por seguir alguns perfis de Biblioteconomia e de pessoas surdas, encontrei Natasha, que, para minha surpresa e felicidade, é a primeira Bacharel em Biblioteconomia surda que vim a conhecer. Tentei contato com a mesma pelas redes sociais e *e-mail*, mas sem sucesso. Logo, fez-se necessário um “plano B”. Inicialmente foi constituído um grupo formado por uma tradutora-intérprete que atua na FURG, chamada Rafaela¹⁶; uma professora surda que também atua na FURG, chamada Adriana; e um surdo que trabalha na justiça federal de Porto Alegre. Devido à demanda de trabalho dos participantes, e por nenhum deles ser da área de Biblioteconomia, não conseguimos encontrar pausas em suas agendas para encontros. Ou seja, o grupo também não funcionou.

Depois de todas essas tentativas, e tendo meses se passado, recebi uma mensagem da Natasha nas redes sociais. Trocamos, então, número de telefone, e, ao fazer o convite para participar do glossário, o aceite dela foi imediato. Natasha e eu nos reunimos esporadicamente, virtualmente, de agosto de 2022 a janeiro de 2023. Nesses encontros, conversamos muito, para nos conhecermos e para trocarmos ideias e experiências sobre o curso de Biblioteconomia e sobre o projeto de construção do glossário. Inicialmente, trocamos ideias e sugestões sobre sinais para os termos biblioteconômicos. Na sequência, Natasha me mandou os vídeos de cada sinal individualmente.

¹⁶ Os nomes referidos no trabalho são fictícios, uma vez que buscou-se preservar a identidade dos participantes.

Em vista da formação da participante Natasha e da sua condição de surda formada em Biblioteconomia, foi essencial a sua colaboração para a construção e sinalização do glossário. Por ser surda, Natasha pôde opinar de forma mais legítima em relação aos termos já selecionados, tendo sido autorizada a acrescentar e/ou descartar os termos que quisesse, além de poder inserir livremente algum outro termo que, em sua percepção, fosse imprescindível. Ela também compartilhou comigo um pouco mais sobre suas experiências como aluna, sua relação com os tradutores-intérpretes e os “sinais convencionados” entre eles em sala de aula. Os relatos de Natasha relativos à sua experiência com a área corroboram com o fato de não se ter materiais acessíveis em Libras para a área de Biblioteconomia.

Em vista de muitas vezes ter dúvidas de como melhor sinalizar determinados sinais-termos, já que podiam ser confundidos e/ou bem parecidos com outros sinais-termos, contei com o auxílio de um amigo Bibliotecário e professor de Libras chamado Frederico, com o qual mantive contato por *Whatsapp* e por vídeo chamada. O auxílio de Frederico, sugerindo ideias de sinais, foi produtivo no processo, uma vez que Natasha e eu muitas vezes não tínhamos mais ideias de como poderia ser criado o sinal de determinado termo biblioteconômico sem que ficasse repetitivo ou confuso.

Para a participação na construção dos termos do glossário, foi enviado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice) a cada colaborador. Os critérios de participação foram: ser surdo universitário ou ser tradutor-intérprete universitário, ser da região Sul.

Após a etapa de construção dos sinais, a TILS Rafaela gravou em vídeo os sinais-termos em Libras individualmente para que, posteriormente, fossem digitalmente disponibilizados. Para disponibilizar digitalmente os termos do glossário e seus respectivos vídeos, foi utilizado um *software* livre, criado por Rene Faustino Gabriel Junior, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, chamado, Tesouro Semântico Aplicado (THESA), que funciona de maneira gratuita, podendo ser acessado por qualquer usuário da *internet*.

Para trazer uma identidade visual personalizada para este glossário, foi elaborado, juntamente com uma tradutora-intérprete chamada Nara, que também é *designer*, uma logo para os vídeos inseridos no THESA (Figura 26). Neste logo, o livro enquanto tecnologia faz referência à forma de materializar o pensamento humano, e o glossário como a tradução da Língua Portuguesa para a Libras. Sendo assim, esse conhecimento é transformado de uma Língua oral auditiva, para a língua visual-espacial que é a Libras.

Figura 25 - Logo do Glossário



Fonte: Elaborado por Natasha Holz (2023)

Em relação aos termos, foram selecionados nos buscadores 25 termos para os quais os sinais foram construídos. A esses, foram acrescentados 19 termos já existentes em Libras, relacionados ao universo biblioteconômico, totalizando um glossário com 44 termos.

A seguir serão apresentados os termos e sua descrição, segundo os dicionários da área de Biblioteconomia, e em seguida, descrito brevemente cada um dos sinais-termos.

4 SINAIS-TERMOS DO GLOSSÁRIO

Os sinais-termos foram selecionados por meio dos três glossários mencionados anteriormente, fizemos uso de dois dicionários reconhecidamente relevantes na área biblioteconômica, são eles: “Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico”, de Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão (2008) e “Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia”, de Murilo Bastos da Cunha e Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti (2008).

1 AACR

Código de Catalogação Anglo-Americanas, cuja primeira edição é conhecida por AACR1 e a segunda por AACR2 (FAR-PER p. 71)¹⁷.

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 26 - Sinal-termo de regra (AACR)



Fonte: A autora (2023)

¹⁷ As definições dos termos de Biblioteconomia foram extraídas de dois dicionários da área. Optamos por utilizar ambas referências de forma abreviada, já que se repetem no decorrer do glossário.

Mão esquerda com a palma na vertical e aberta, virada para frente. Mão direita em “R”, dedos médio e indicador cruzados com o indicador à frente, na posição horizontal, tocando a palma da mão esquerda repetidas vezes, de cima até embaixo (figura 26).

Figura 27 - AACR datilologia



Fonte: A autora (2023)

Para representar o sinal de AACR, utilizamos a datilologia, como podemos constatar na figura 27, estão representadas as letras “A” (imagem à esquerda) com a mão fechada e o polegar encostado ao lado do indicador, com a palma para a frente, que se repete duas vezes. Em seguida, é apresentada a letra “C”, mão com os dedos curvados e unidos (imagem ao centro). E, por fim, a letra “R” (imagem à esquerda) é apresentada com os dedos médio e indicador cruzados com o indicador à frente, com a palma voltada para frente.

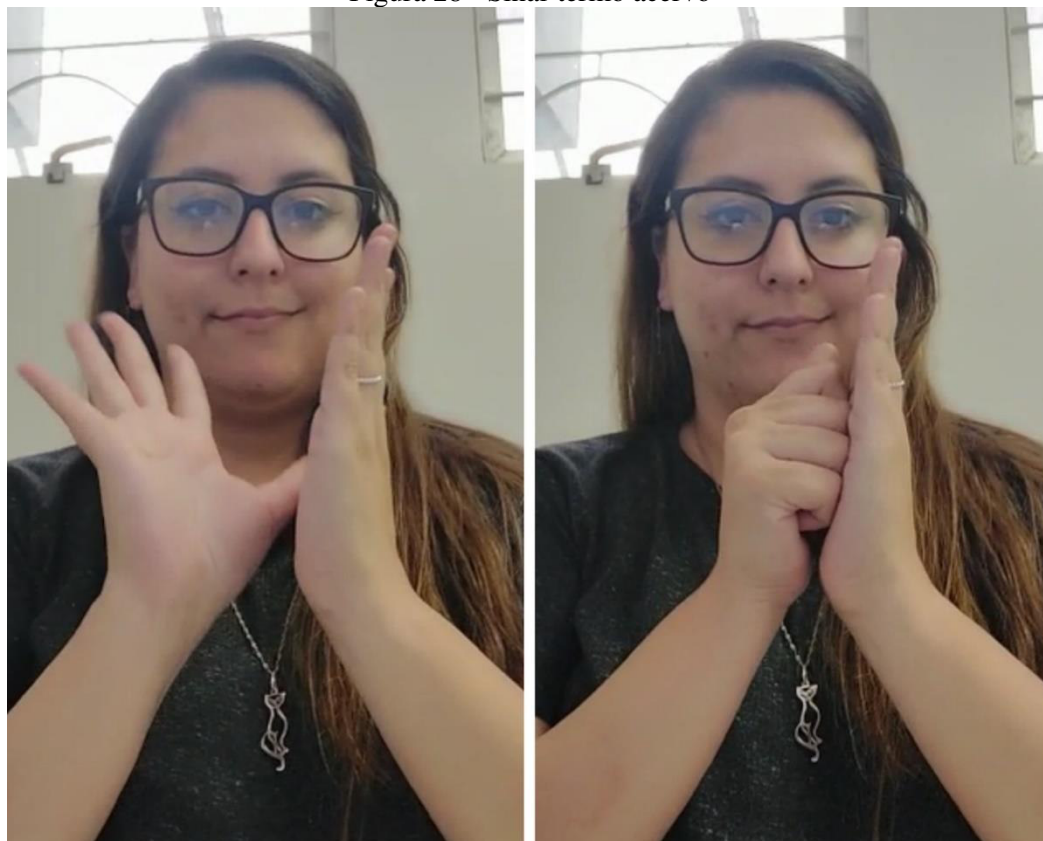
2 Acervo

Conjunto de bens culturais que foram acumulados ao longo dos anos, por herança ou tradição. Aquilo que faz parte de um património (FAR-PER p. 26).

Conjunto de documentos conservados para o atendimento das finalidades de uma biblioteca: informação, pesquisa, educação e recreação; (CUN-CAV p. 2).

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 28 - Sinal-termo acervo



Fonte: A autora (2023)

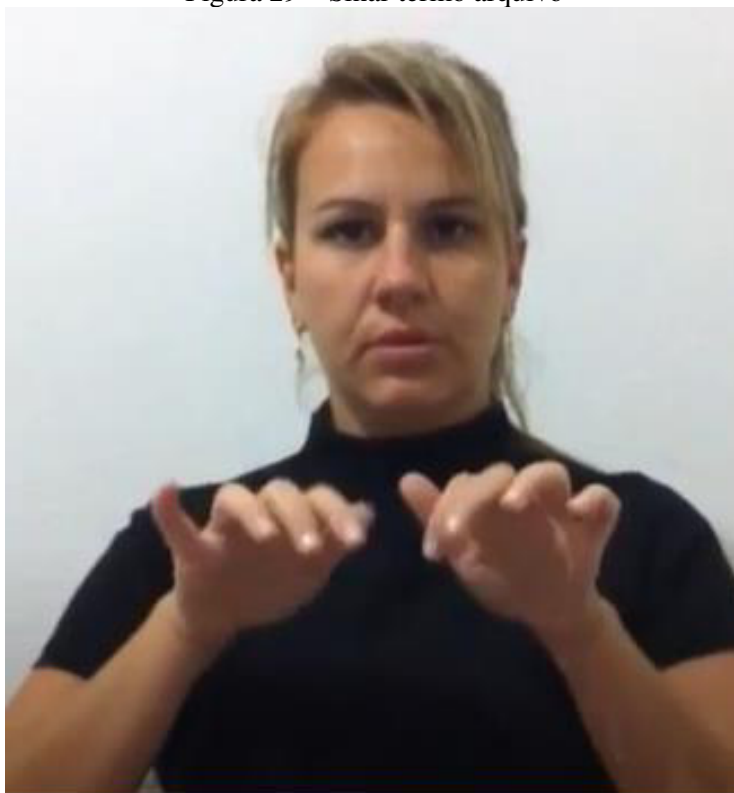
Mão esquerda aberta com a palma na vertical; a mão direita aberta e em movimento circular, fechando junto à palma da mão esquerda (figura 28).

3 Arquivo

Conjunto de documentos, quaisquer que sejam suas datas, suas formas e seus suportes físicos, produzidos ou recebidos por pessoa física ou jurídica, ou por instituição pública ou privada, em decorrência de suas atividades (CUN-CAV p. 24).

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 29 – Sinal-termo arquivo



Fonte: SPERB (2015)

Mãos na horizontal abertas, palma para baixo, dedos separados e apontando para frente, movendo-as para frente, e alternando os dedos (figura 29).

4 Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)

Associação civil sem fins lucrativos, que promove a elaboração de normas técnicas e fomenta seu uso nas diversas áreas, mantendo-as atualizadas, apoiando-se na experiência técnica e estudos de laboratório. Representa o Brasil nas entidades internacionais de normalização técnica (CUN-CAV p.53).

A seguir a descrição do sinal-termo:

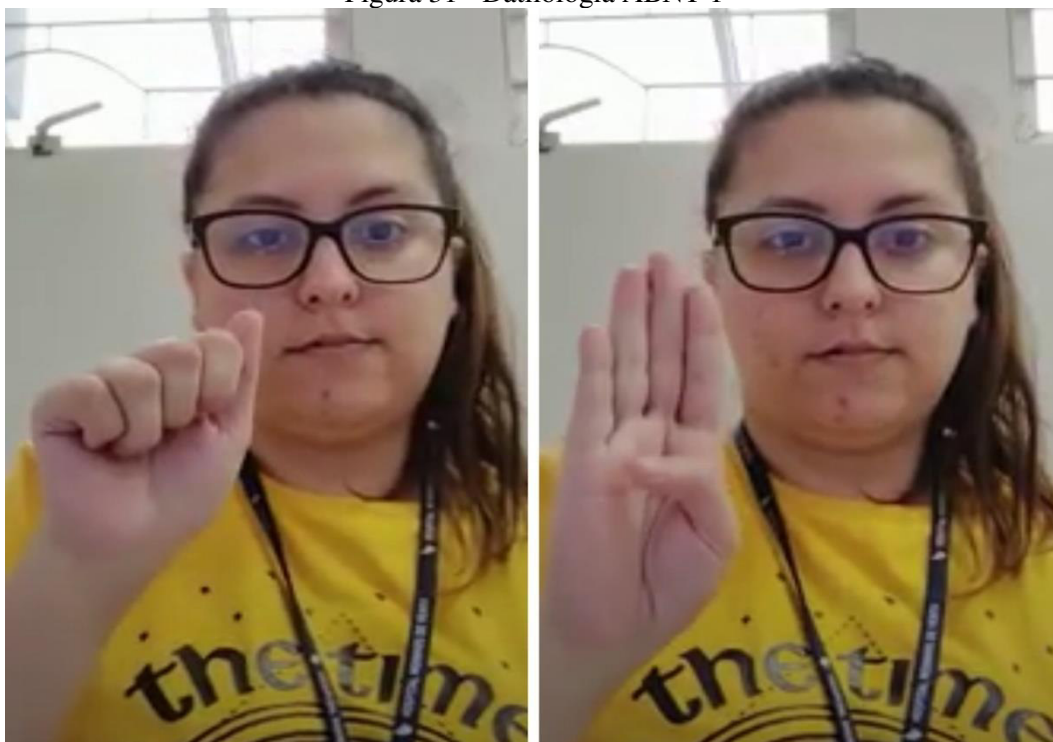
Figura 30 - Sinal-termo Norma (ABNT)



Fonte: A autora (2023)

A mão direita em “N” com os dedos indicador e médio estendidos e juntos, os demais dedos dobrados; a mão esquerda aberta com a palma voltada para frente. a mão em “N” na posição horizontal, tocando a palma da mão esquerda repetidas vezes (figura 30).

Figura 31 - Datilologia ABNT 1



Fonte: A autora (2023)

Figura 32 - Datilologia ABNT 2



Fonte: A autora (2023)

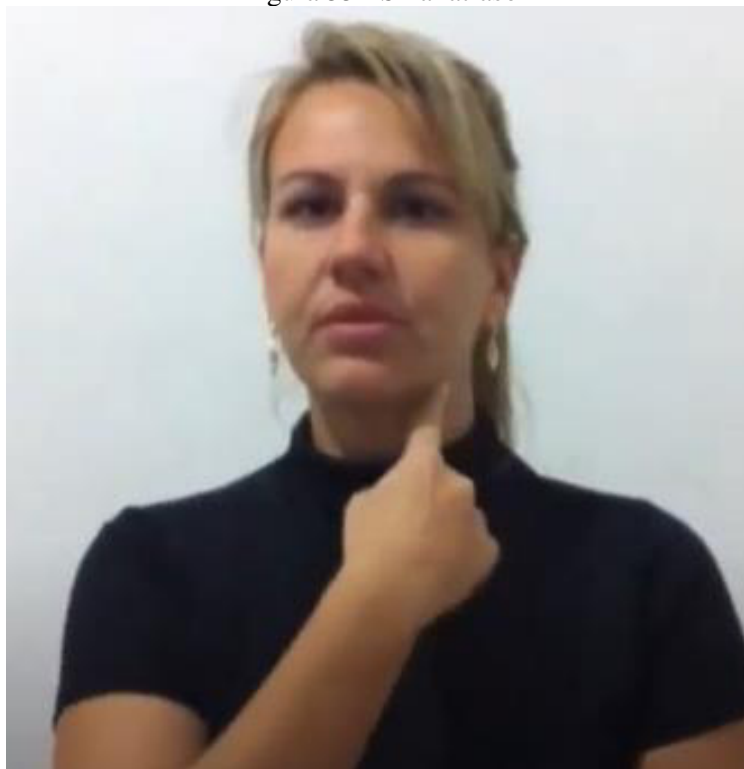
Para representar o sinal de ABNT, utilizamos a datilologia, como podemos constatar nas figuras 31 e 32. Na figura 31 estão representadas as letras “A” (imagem à esquerda) com a mão fechada e o polegar encostado ao lado do indicador, com a palma para a frente. A letra “B” (imagem à direita) é apresentada com a mão aberta com os dedos apontados para cima e unidos com a palma para a frente, enquanto o polegar fica dobrado tocando a palma da mão. Já na figura 32, estão representadas letras “N” (imagem à esquerda) com os dedos indicador e médio estendidos e juntos apontados para baixo, os demais dedos dobrados. A letra “T” (imagem à direita) é apresentada com os dedos mínimo, anelar e o médio apontados para cima, o dedo indicador permanece flexionado apontado para a frente e o dedo polegar encostado do lado de dentro do dedo indicador.

5 Atraso

[...] um livro retido pela pessoa que o levou por empréstimo e que ultrapassou o prazo previsto (FAR-PER p. 776).

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 33 - Sinal atraso



Fonte: SPERB (2015)

Mão direita com o indicador estendido, fazendo o movimento em linha reta, passando pelo pescoço (figura 33).

6 Base de Dados

Os dados contidos numa base de dados são fundamentalmente de três tipos: bibliográficos, estatísticos e de texto completo, circunstância que está na origem das suas designações específicas.

Coleção ou compilação de informações armazenadas num suporte magnético, acessível por computador. As bases de dados podem conter apenas referências e, nesse caso, designam-se *referenciais* ou conter dados ou textos completos e então designam-se *fonte*. Conjunto de unidades de informação (registros) do mesmo tipo, organizadas sob forma normalizada ou não, armazenadas num computador numa das diversas formas legíveis por programas correspondentes a aplicações distintas, de modo a facilitar a evolução independente dos dados e dos programas; nesse conjunto todos os registros estão inter-relacionados por algum determinador comum e é a partir dele que se criam os ficheiros legíveis por máquina; essa

informação pode ser apresentada em *CD-ROM*, videodisco *CD-I* (disco compacto interativo) e em linha (FAR-PER. 129-130).

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 34 - Sinal-termo base de dados



Fonte: A autora (2023)

Mão esquerda aberta com a palma na vertical; a mão direita em formato de “garra” movimenta-se em círculos (figura 34).

7 Bibliocanto

Objeto que serve para manter livros de pé sobre uma mesa ou qualquer superfície horizontal (FAR-PER p. 63).

Jogo de duas peças, que podem ser trabalhadas artisticamente e que se colocam de um lado e do outro de um conjunto de livros para os manter de pé sobre uma mesa ou outra superfície plana (FAR-PER p.82).

Figura 35 - Bibliocanto



Fonte: Tebel Suprimentos (2019)

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 36 - Sinal bibliocanto



Fonte: SPERB (2015)

Ambas as mãos abertas, a mão direita na vertical e a esquerda na horizontal, encostando uma na outra, na base do punho e movendo-se para o lado. Conforme a figura 36.

8 Bibliografia

Como produto, documento secundário, que apresenta uma lista de referências bibliográficas segundo uma ordem específica e contendo elementos descritivos de documentos, de modo a permitir a sua identificação; pode apresentar-se quer sob a forma de um documento autónomo, repertório bibliográfico, quer sob a forma de um documento ou de uma parte de um documento. Como parte do documento é geralmente colocada no fim, onde se consigna a lista de obras consultadas para o redigir; é em geral ordenada alfabeticamente, por autores ou por títulos de obras; referências bibliográficas (FAR-PER 139).

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 37 - Sinal de referência bibliográfica



Fonte: Vini Libras (2022)

Mão direita em “B”, mão aberta com os dedos apontando para cima e unidos com o dorso da mão para frente, polegar dobrado tocando a palma da mão. Enquanto a mão esquerda,

fica à frente da mão direita, fazendo o sinal de ‘muitos’¹⁸ e tocando repetidas vezes o dorso da mão, de cima para baixo, indicado itens elencados em uma lista (figura 37).

9 Biblioteca

Qualquer colecção organizada de livros e de publicações em série e impressos ou de quaisquer documentos gráficos ou audiovisuais disponíveis para empréstimo, consulta ou estudo, criada com determinados fins de utilidade pública ou privada.

Organismo ou parte de uma organização cujo objetivo principal é organizar colecções, atualizá-las e facilitar, através de pessoal especializado, o acesso a documentos que respondam às necessidades dos utilizadores nos aspectos de informação, educação ou lazer (FAR-PER p. 145).

A seguir a descrição do sinal-termo:

¹⁸ Mãos na horizontal com as palmas para cima e os dedos separados, unir as pontas dos dedos de cada mão, repetidas vezes. Este é o sinal de muitos em Libras.

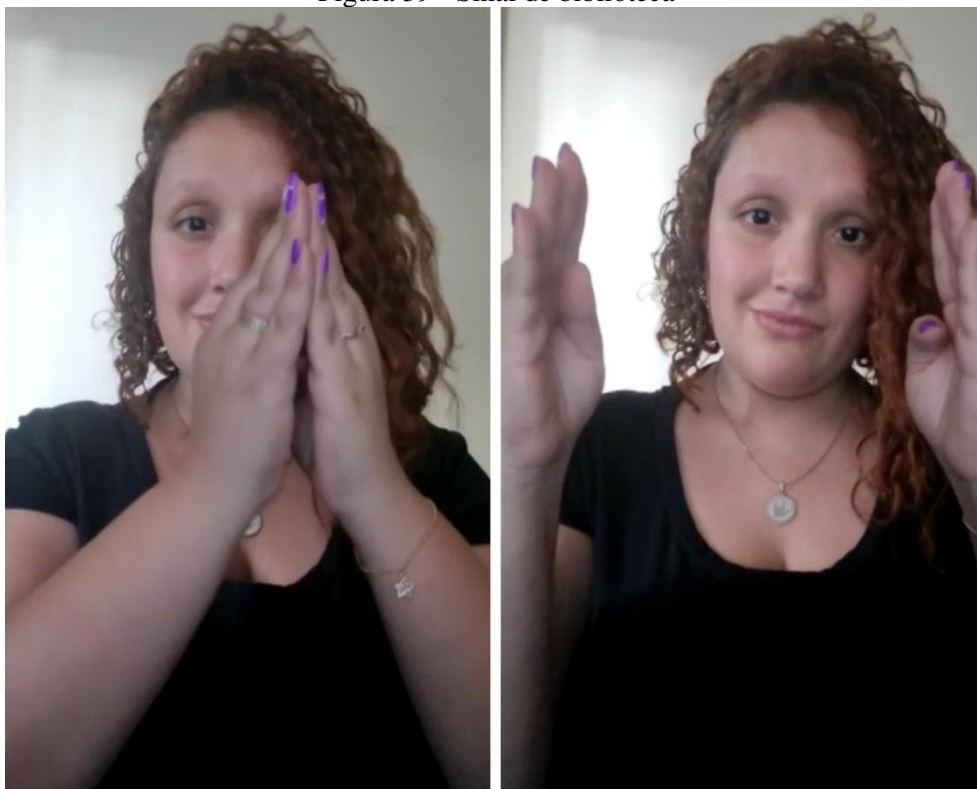
Figura 38 - Sinal de lugar



Fonte: A autora (2023)

Mãos na horizontal e fechadas, apenas os dedos indicador e polegar, curvados formando a letra “C”, perto um do outro. As mãos movem-se para baixo. Este é o sinal de lugar (figura 38).

Figura 39 - Sinal de biblioteca



Fonte: A autora (2023)

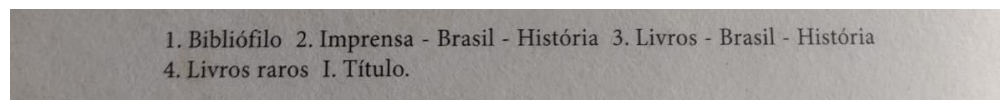
Mãos em “B”, mão aberta com os dedos apontados para cima e unidos, com o polegar tocando a palma da mão. Nesse caso, as palmas das mãos ficam uma de frente para a outra, conforme a figura 39. As mãos movem-se rapidamente para lados opostos, balançando para frente e para trás.

10 Cabeçalho de assunto

Palavra ou conjunto de palavras representando o ou os assuntos contidos num livro, documento, *etc.* Ponto de acesso de um registro bibliográfico constituído por uma palavra ou frase que representa o tema do trabalho ou trabalhos que estão contidos no documento (FAR-PER 177). Conforme podemos ver na figura 40.

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 40 – Cabeçalho de assunto



Fonte: A autora (2022)

Figura 41 – Sinal de palavra



Fonte: A autora (2023)

Mão esquerda na vertical fechada, dedos polegar e indicador curvados, apontando para cima. Este é o sinal de palavra (figura 41).

Figura 42 – Sinal palavra/foco



Fonte: A autora (2023)

Com a mão esquerda ainda fazendo o sinal de palavra. A mão direita fica na horizontal, a palma aberta, virada para dentro e dedos juntos. Movimento de apontar para o sinal de palavra. Para dar a ideia de foco e/ou focar (figura 42).

Figura 43 - Sinal palavra/tema



Fonte: A autora (2023)

A mão esquerda mantém o sinal de palavra, enquanto a mão direita faz sinal de “aspas” no ar, para indicar tema e/ou assunto (figura 43).

11 Capa

Parte exterior de um documento, seja de que matéria for destinada a protegê-lo; pode conter o título da obra, o nome do autor e do editor, a data, *etc* (FAR-PER p. 197).

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 44 - Sinal de Capa



Fonte: A autora (2023)

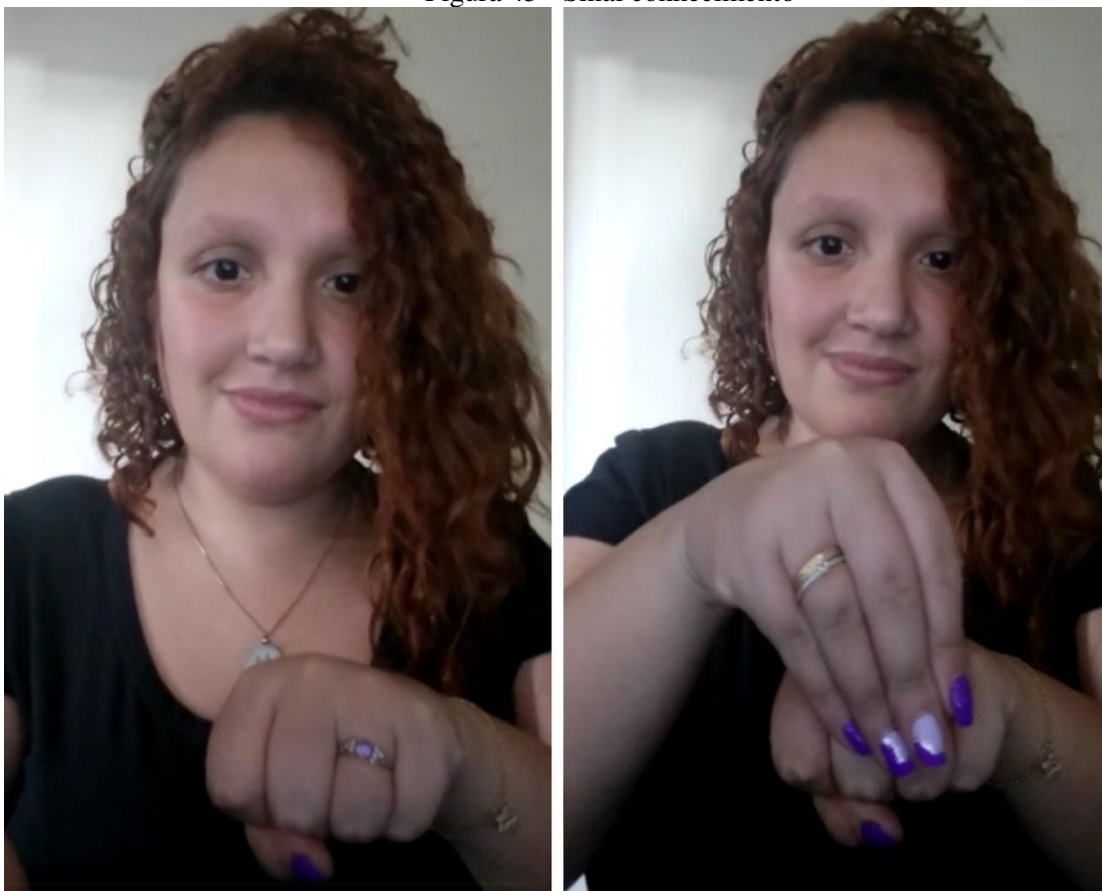
Mãos abertas com os dedos unidos, com a palma das mãos voltadas para dentro. Mão direita fica na vertical, enquanto a mão esquerda fica na horizontal e toca o dorso da mão direita de cima para baixo (figura 44).

12 Conhecimento

Resultado do ato de conhecer, ato pelo qual o espírito apreende um objeto. Conhecer é ser capaz de formar a ideia de alguma coisa; é ter presente no espírito. Isso pode ir da simples identificação (conhecimento comum) à compreensão exata e completa dos objetos (conhecimento científico) (CUN-CAV p. 101).

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 45 - Sinal conhecimento



Fonte: A autora (2023)

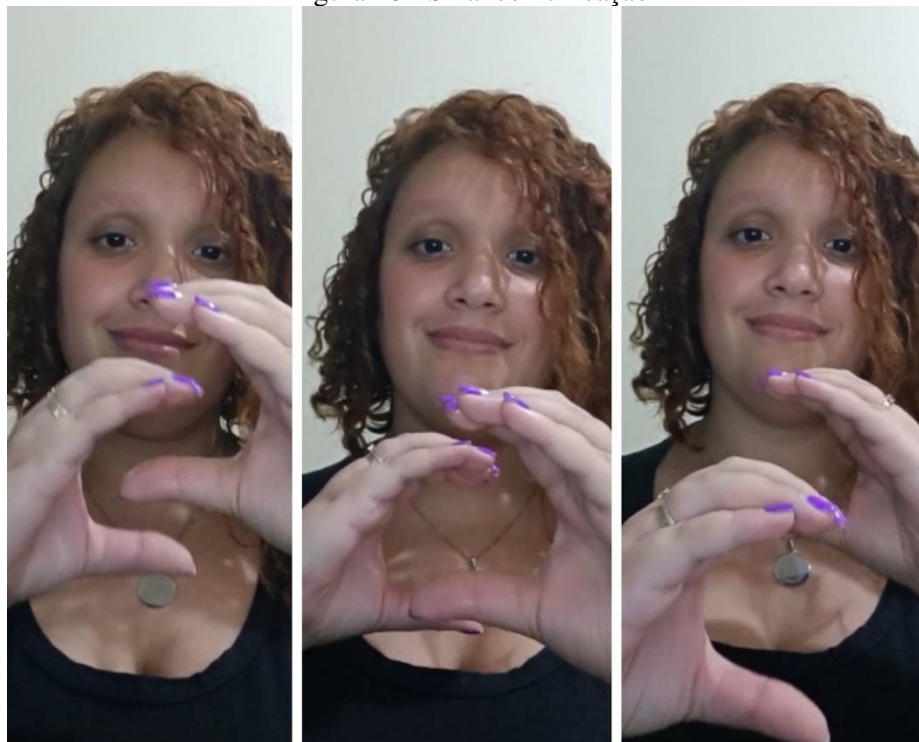
Mão esquerda em “S”, mão fechada com o polegar à frente dos demais dedos, a palma virada para baixo. Mão direita em “C”, fica mais à frente e vem para trás ao encontro da mão esquerda, enquanto os dedos unidos movimentam-se ao encontro do polegar, ao mesmo tempo em que tocam a mão esquerda, sugerindo a ideia de trazer o conhecimento para a mente e/ou cérebro, representado pela mão esquerda (figura 45).

13 Comunicação

Transferência de significados por meio de transmissão de sinais. Transmissão da informação através de mensagens. Meio através do qual se transmitem as coisas; Conversação (FAR-PER p.294)

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 46 - Sinal comunicação



Fonte: A autora (2023)

Mãos em “C”, com os dedos curvados e unidos. Uma das mãos mais alta que a outra porque um “C” vai ficar dentro do outro (figura 46 à esquerda), fazendo movimento para frente e para trás, alternando as mãos. Enquanto a mão esquerda está na frente, a direita estará atrás e vice-versa, conforme podemos constatar na figura 46 nas imagens do centro e da direita.

14 Computador

Máquina eletrônica que tem capacidade de receber informações, submetê-las a um conjunto específico e pré-determinado de operações lógicas ou matemáticas, e fornecer o resultado dessas operações (FAR-PER p.293)

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 47 - Sinal computador



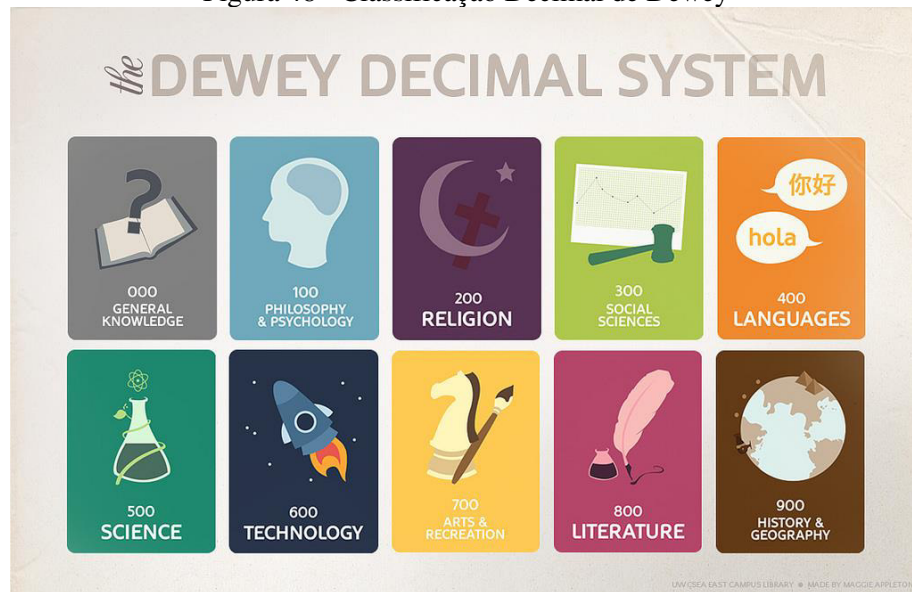
Fonte: A autora (2023)

Mãos em “X” vertical, mão com o dedo indicador curvado e os demais dedos fechados, palmas voltadas para frente. As mãos movem-se em círculos verticais, aproximando-se (figura 47).

15 Classificação Decimal de Melvin Dewey (CDD)

Primeira classificação bibliográfica conhecida; constituída por uma introdução, tabelas e índice, tinha como novidade o facto de atribuir números decimais aos livros e não às estantes, possuir uma especificação de assuntos detalhada e um índice relativo. Divide o conjunto dos conhecimentos humanos em dez grandes classes, cada uma designada por um índice numérico compreendido entre 000 e 999, representando cada índice um aspecto particular do assunto no interior de cada classe (FAR-PER p.258-259). Conforme a figura 48.

Figura 48 - Classificação Decimal de Dewey



Fonte: Tacoma Library (2016)

A seguir a descrição do sinal-termo:

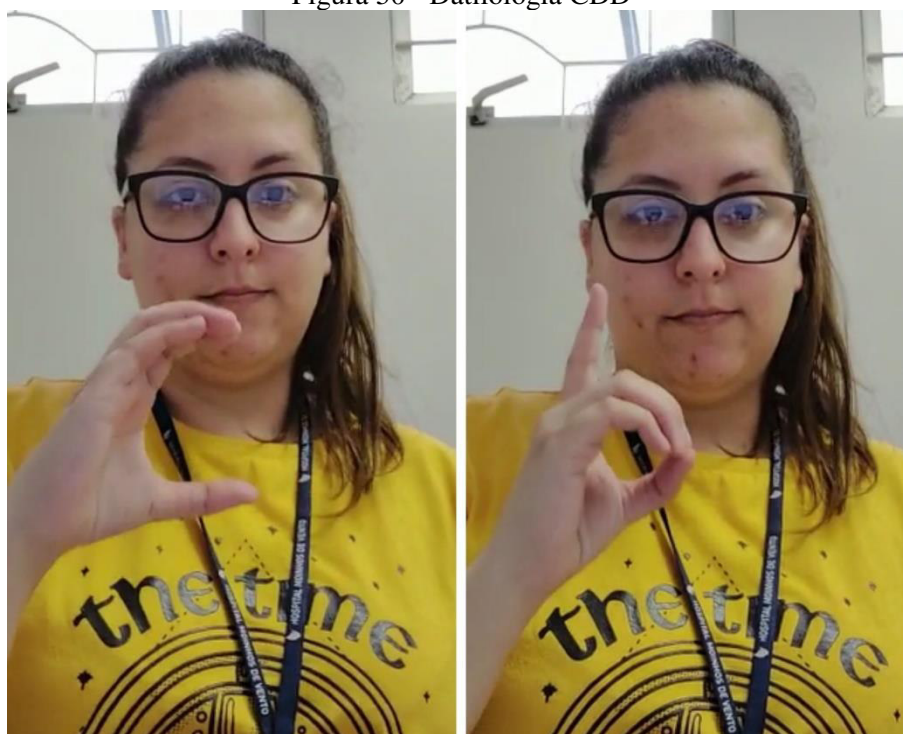
Figura 49 - Sinal classificação



Fonte: A autora (2023)

A mão esquerda em “C”, mão com os dedos curvados e unidos; a mão direita fechada ‘dentro’ do “C”, conforme a figura 49 (lado esquerdo). Em seguida, a mão direita abre-se e movimenta-se para baixo, de acordo com a figura 49 (lado direito).

Figura 50 - Datilologia CDD



Fonte: A autora (2023)

Utilizamos a datilologia para especificar a qual classificação nos referimos, que neste caso seria a CDD. Logo, podemos ver na figura 50 as letras “C” (lado esquerdo), mão com os dedos curvados e unidos; e “D” (lado direito) mão com o indicador apontado para cima, enquanto os outros dedos formam um círculo. Uma letra é feita ao lado da outra, sendo que o “D” repete-se duas vezes.

16 Classificação Decimal Universal (CDU)

Diz-se da classificação bibliográfica em que os assuntos são divididos em dez grandes classes, cada uma delas repartida em dez divisões, cada divisão em dez secções, cada secção em outras dez e assim indefinidamente, o que permite designar-se cada assunto de forma simples e individual; foi preparada por P. Otlet e Henri La Fontaine a partir da classificação decimal de Dewey; é o exemplo-tipo de uma classificação enciclopédica (FAR-PER p.259).

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 51 - Sinal de classificação (CDU)



Fonte: A autora (2023)

A mão esquerda em “C”, mão com os dedos curvados e unidos; a mão direita fechada ‘dentro’ do “C”, conforme a figura 51 (lado esquerdo). Em seguida, abre-se a mão direita, movimentando-a para baixo, de acordo com a figura 51 (lado direito).

Figura 52 - Datilologia CDU



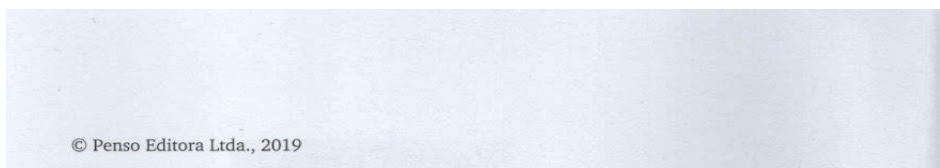
Fonte: A autora (2023)

Utilizamos a datilologia para especificar a qual classificação nos referimos, que, neste caso, seria a CDU. Logo, podemos ver na figura 52 as letras “C” (lado esquerdo), mão com os dedos curvados e unidos; “D” (no meio da figura 52) mão com o indicador apontado para cima, enquanto os outros dedos formam um círculo; e por último a letra “U”, mão com os dedos indicadores e médios apontados para cima, esticados e juntos, demais dedos dobrados; palma voltada para frente. Faz-se uma letra ao lado da outra, como que se estivesse escrevendo em uma linha.

17 Copyright

[...] direito de tirar cópias, por extensão direito de ser o único produtor ou vendedor de um livro, jogo, filme ou registro durante um determinado período de tempo. Propriedade literária ou artística. ° Reserva de direitos de autor. Protegido pelo registro de propriedade autoral. Direitos de autor. Direito de reprodução (FAR-PER p.320). Conforme, exemplo da figura 53.

Figura 53 - Copyright



Fonte: A autora (2022)

Figura 54 - Sinal de direito



Fonte: A autora (2023)

Mão direita em “D”, com o indicador apontado para cima e os demais dedos em formato de círculo. A mão em “D” desce em linha reta ao lado do corpo (figura 54).

Figura 55 - Sinal autoral



Fonte: A autora (2023)

Mão esquerda aberta na horizontal, com a palma voltada para cima. A mão direita em “A”, mão fechada, com o polegar encostado ao lado do indicador. A palma da mão volta-se para cima, enquanto o dorso da mão direita passa pela palma da mão esquerda (figura 55).

18 Catalogação descritiva

Operação de processamento documental, que diz respeito à identificação e descrição formal de um documento, assegurando a sua identificação precisa, bem como a definição dos pontos de acesso a essa descrição, com registro dessas informações em suporte considerado adequado, distinta da determinação do tema e da escolha da forma dos cabeçalhos de assuntos ou indexação. Ao identificar e descrever o documento tem como finalidade imediata distingui-lo dos outros (FAR-PER p. 223). Como podemos ver, na figura 56.

Figura 56 - Catalogação Descritiva

S586b	SILVA, Mariana Briese da
<p>A BIBLIOTECA ESCOLAR NO MODO PLAY: incentivando a gamificação através das mecânicas de jogos / Mariana Briese da Silva, Renata Braz Gonçalves. – Rio Grande: FURG, 2019.</p> <p>68 p. ; il. color. 21 cm</p> <p>Monografia apresentado como pré-requisito para obtenção do título bacharel em Biblioteconomia na Universidade Federal do Rio Grande – FURG</p> <p>Orientação: Profª. Drª. Renata Braz Gonçalves</p> <p>Biblioteca escolar. 2. Biblioteca multinível. 3. Jogos.</p> <p>4. Gamificação. I. Gonçalves, Renata Braz.</p>	
CDU: 027.8	

Fonte: A autora (2022)

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 57 - Sinal catalogação



Fonte: A autora (2023)

Mão esquerda estendida e na vertical, enquanto a mão direita está configurada em “C”, mão com os dedos curvados e unidos, balançando para frente e para trás enquanto afasta-se a mão da palma da mão esquerda (figura 57).

Figura 58 - Sinal descrição/descritiva



Fonte: A autora (2023)

Mão esquerda aberta com os dedos espalmados, e a palma para dentro. A mão direita com os dedos médio e polegar tocando-se, a cada vez que passam por um dos dedos da mão esquerda (figura 58).

19 Classificação bibliográfica

Sistema de classificação destinado a ordenar material bibliográfico. Método para arrumar documentos nas estantes. Distribuição dos documentos segundo uma determinada ordem estabelecida por um sistema (FAR-PER p.257).

Exemplos de acordo com a CDU:

82-93 Classificação correspondente a literatura infanto juvenil

869.0 (81) Classificação correspondente a literatura brasileira

820-31 Classificação correspondente a Literatura inglesa - Romance

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 59 - Sinal classificação



Fonte: A autora (2023)

A mão esquerda em “C”, mão com os dedos curvados e unidos; a mão direita fechada ‘dentro’ do “C”, conforme a figura 59 (imagem à esquerda). Em seguida, abre a mão direita e a movimentada para baixo, de acordo com a figura 59 (imagem à direita).

Figura 60 - Sinal bibliografia/ bibliográfica



Fonte: A autora (2023)

Mão direita em “B”, mão aberta com os dedos apontando para cima e unidos com o dorso da mão para frente, polegar dobrado tocando a palma da mão. A mão esquerda permanece à frente da mão direita, fazendo o sinal de ‘muitos’ e tocando repetidas vezes, o dorso da mão, de cima para baixo, como que indicando uma lista (figura 60).

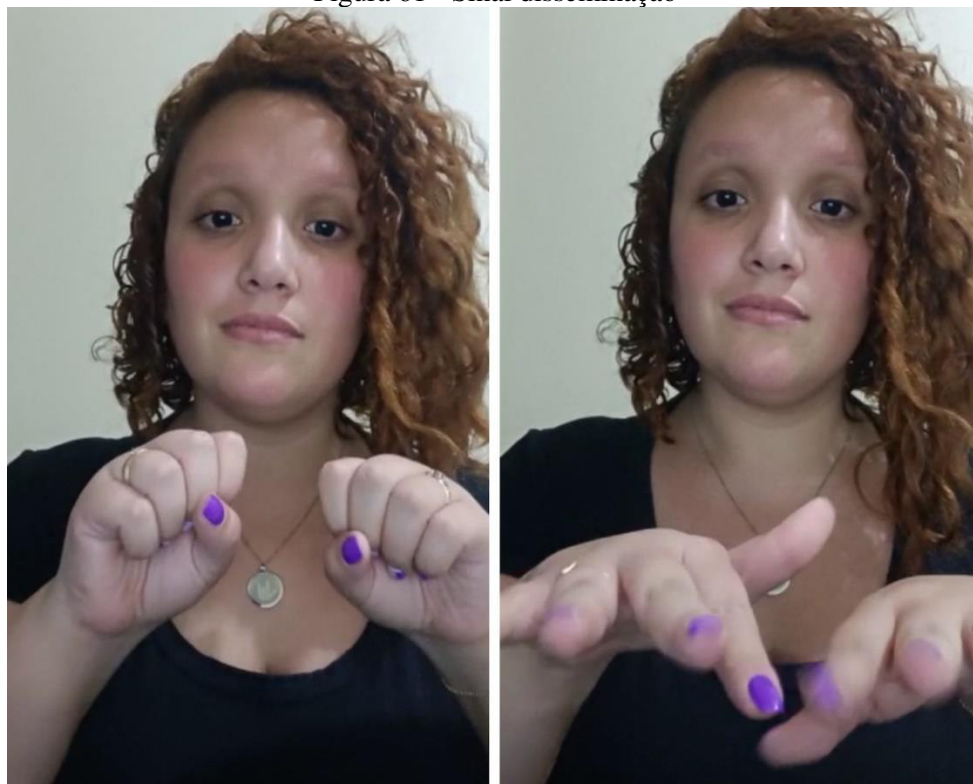
20 Disseminação Seletiva da Informação (DSI)

Perfil de interesse, perfil do utilizador. Perfil de documentos, refinamento do perfil (CUN-CAV p.297)

[...] Modificação do perfil do usuário pela eliminação de palavras-chave ou descritores que deixaram de ser relevantes, pela incorporação de novos termos e pela modificação da estratégia de busca, com vistas a aperfeiçoar a recuperação da informação (CUN-CAV p.312).

A seguir a descrição do sinal-termo:

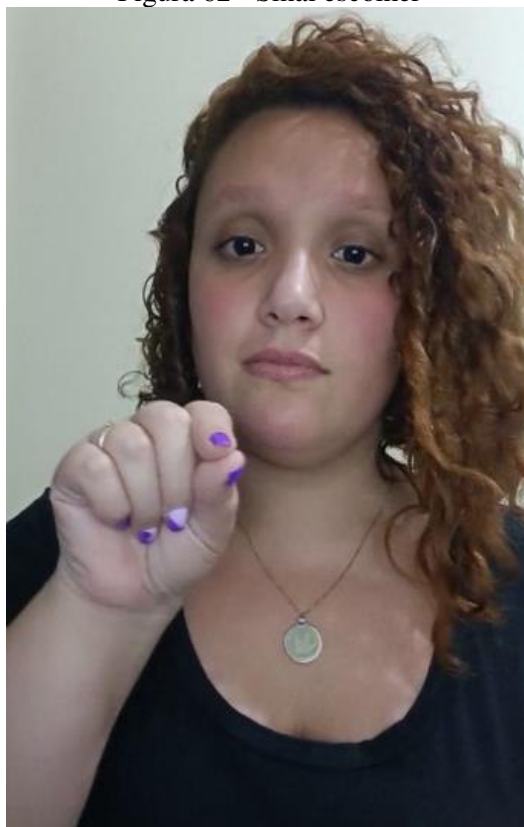
Figura 61 - Sinal disseminação



Fonte: A autora (2023)

Mãos em “S”, mão fechada com o polegar à frente dos demais dedos. As mãos abrem-se e movimentam-se para frente, com as palmas voltadas para baixo e os dedos movimentando-se alternadamente para cima e para baixo (figura 61).

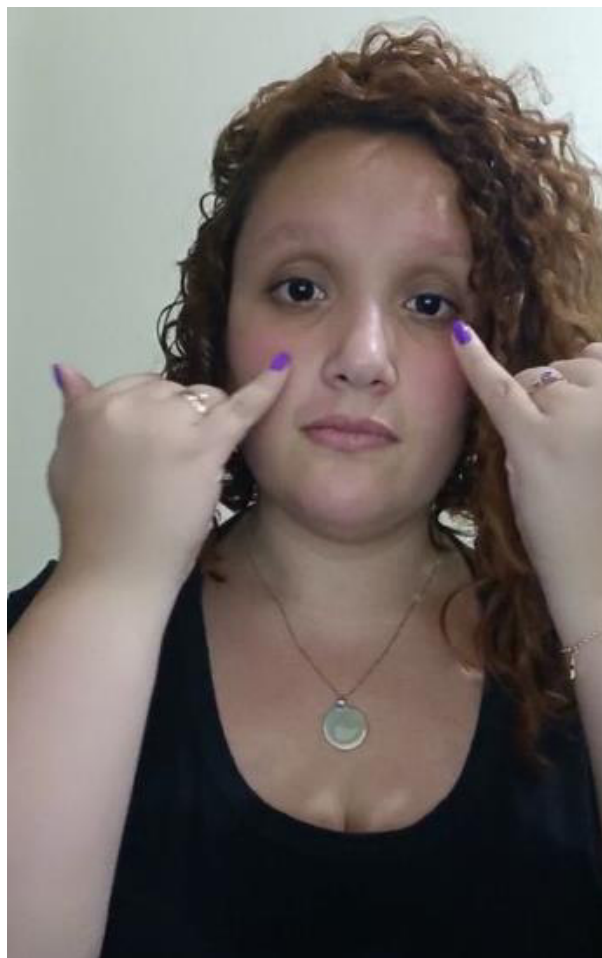
Figura 62 - Sinal escolher



Fonte: A autora (2023)

Com a mão direita dedos indicador e polegar estendidos, em formato de “pinça”, movendo-se para frente, unindo as pontas dos dedos, e movendo-as para trás em direção ao corpo. Esse é sinal de escolher (figura 62).

Figura 63 - Sinal de informação



Fonte: A autora (2023)

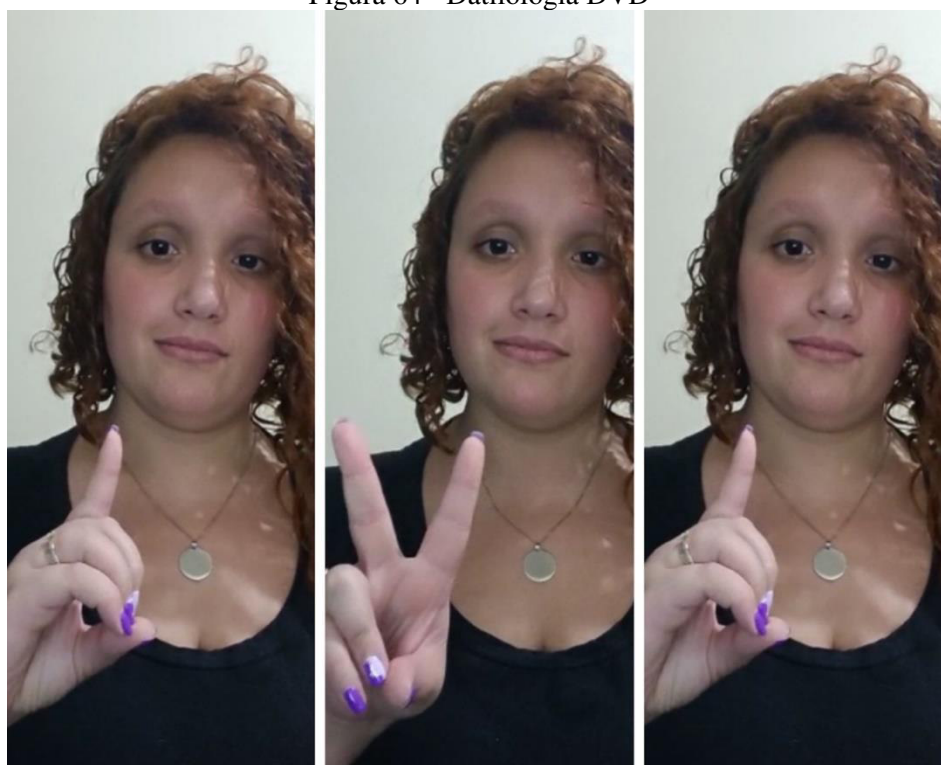
Mãos em “Y”, dedos mínimos e os polegares esticados, demais dedos fechados. Os dedos mínimos tocam no rosto alternadamente. Esse é o sinal de informação (figura 63).

21 DVD

Abreviatura de *Digital Versatile Disk (DVD)*, disco digital versátil, um suporte com capacidade para armazenar sete vezes mais informações do que o disco compacto comum; pode ter texto e imagens interativos (FAR-PER p. 345-346).

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 64 - Datilologia DVD



Fonte: A autora (2023)

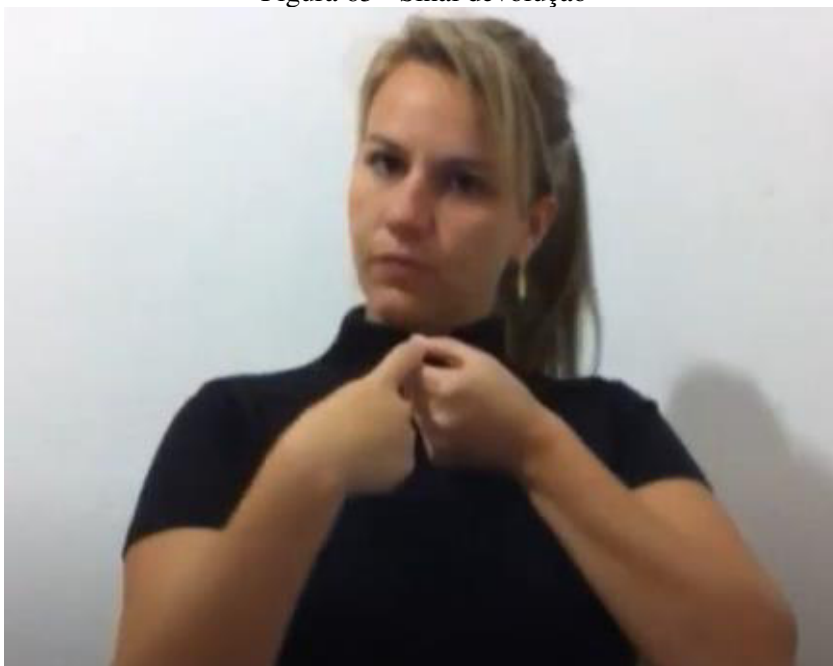
Para representar o sinal de DVD, utilizamos a datilologia, como podemos constatar na figura 64, estão representadas as letras “D” (imagem à esquerda), mão com o indicador apontado para cima e os demais dedos formando um círculo. A letra “V” (imagem ao centro), palma com a mão para frente, com os dedos indicador e médio apontados para cima, estendidos e separados, demais dedos dobrados e juntos à frente da palma. Em seguida, novamente, a letra “D” (imagem à direita).

22 Devolução

No caso de empréstimo de obras numa biblioteca, *etc.* É permitido o uso temporário de um livro ou de um outro documento durante um determinado período de tempo, passado o qual é exigida sua devolução (FAR- PER p.376).

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 65 - Sinal devolução



Fonte: SPERB (2015)

Mão esquerda em “O”, os dedos fazendo formato de um círculo, palma para dentro. A mão direita em “X” com o indicador flexionado, enquanto os outros dedos ficam dobrados. A mão direita em “X”, é colocada ‘dentro’ da letra “O” (figura 65).

23 Empréstimo

Cedência gratuita de um ou vários documentos a um indivíduo ou instituição por um período de tempo limitado (FAR-PER p.18).

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 66 - Sinal empréstimo



Fonte: A autora (2023)

Mão esquerda em “S” mão fechada com o polegar à frente dos demais dedos, e a palma da mão é voltada para baixo. A mão direita configurada em “V”, dedos indicadores e médios apontados para frente, esticados e separados, demais dedos dobrados; palma virada para dentro. A mão direita toca repetidas vezes a mão esquerda (figura 66).

24 Estudo de usuário

Aquele que se fundamenta na recolha de dados acerca das pessoas que usam uma biblioteca, arquivo, serviço de documentação, *etc.* como consulentes, para a partir dele estruturar, criar, melhorar a organização do serviço que lhes é destinado; baseia-se na necessidade de fundamentar teoricamente as opções tomadas em nome do utilizador e na recolha de orientações metodológicas práticas (FAR-PER p.510).

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 67 - Sinal de estudo/estudar



Fonte: A autora (2023)

Mãos na horizontal abertas, palma para cima, inclinadas para dentro. Dedos inclinados uns para os outros. Bate-se duas vezes o dorso da mão dos dedos direitos sobre a palma dos dedos esquerdos (figura 67).

Figura 68 - Sinal usuário



Fonte: A autora (2023)

Mão direita em “U” dedos indicadores e médios apontados para cima, esticados e juntos, demais dedos dobrados; palma voltada para frente. A mão desce em “U”, em linha reta ao lado do corpo (figura 68).

25 Entrada secundária

A entrada secundária pode ser de coautor, editor, tradutor, título, ilustrador, série, assunto, *etc.* Num índice, palavra, conjunto de palavras ou de símbolos subordinados ao ponto de acesso, tornando-o mais específico (FAR-PER p.475). Como podemos ver na figura 69.

Figura 69 - Entrada secundária

Biblioteca escolar. 2. Biblioteca multinível. 3. Jogos.
4. Gamificação. I. Gonçalves, Renata Braz.

CDU: 027.8

Fonte: A autora (2022)

Figura 70 - Sinal entrada



Fonte: A autora (2023)

Mão esquerda aberta na horizontal, palma para baixo, dedos para a direita; mão direita aberta na horizontal, palma para a esquerda, atrás da mão esquerda. Então, move-se a mão direita para frente, passando sobre o dorso da mão esquerda (figura 70).

Figura 71 - Sinal secundária



Fonte: A autora (2023)

Mão direita com a palma para dentro, dedos indicador e médio esticados e os demais dedos fechados e unidos, movimentando-se para cima e para baixo (figura 71).

26 Estante

Móvel, com frequência metálico, com tabelas apoiadas em suportes laterais, ajustáveis, de face simples ou dupla, onde se colocam livros, publicações periódicas, caixas, pastas rolos, *etc* (FAR-PER p.503).

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 72 - Sinal estante



Fonte: A autora (2023)

Mãos na horizontal de frente uma para outra com os dedos flexionados, movendo-se de cima para baixo diversas vezes, para sugerir a ideia de prateleira/estante (figura 72).

27 Ficha catalográfica

Suporte de informação com forma de ficha, em geral com dimensões normalizadas (12x5 7,5 cm) onde é inscrita uma notícia bibliográfica (FAR-PER p.536). Conforme a figura 73.

Figura 73 - Ficha catalográfica

A849a Associação Nacional de História (Brasil). Seção Rio Grande do Sul. Encontro Estadual de História (16. : 2022. ; on-line)
 Anais [recurso eletrônico] : 16º Encontro Estadual de História da ANPUH- RS : História agora: ensinar, pesquisar, protagonizar, 02 a 29 de julho de 2022 / Organizadoras: Rosane Marcia Neumann, Marluce Dias Fagundes, Marcelo Vianna. – Porto Alegre: ANPUH-RS, 2022.

Modo de acesso: <https://www.eeh2022.anpuh-rs.org.br/>
 ISSN 2179-6475

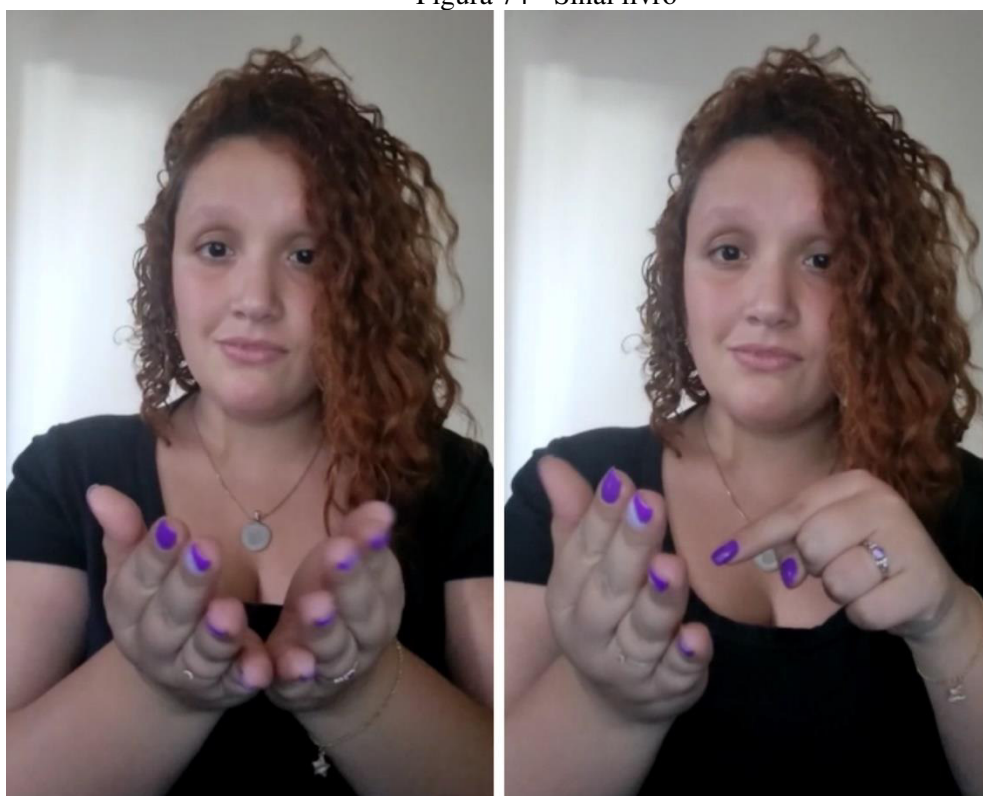
1.História - Congresso. 2. Historiografia. 3. Ensino e pesquisa históricos I. Neumann, Rosane Marcia. II. Fagundes, Marluce Dias. III. Vianna, Marcelo. I. Título.

Catologação na fonte elaborada pela Bibliotecária Mariana Briese da Silva CRB10/2665

Fonte: A autora (2022)

A seguir a descrição do sinal-termo:

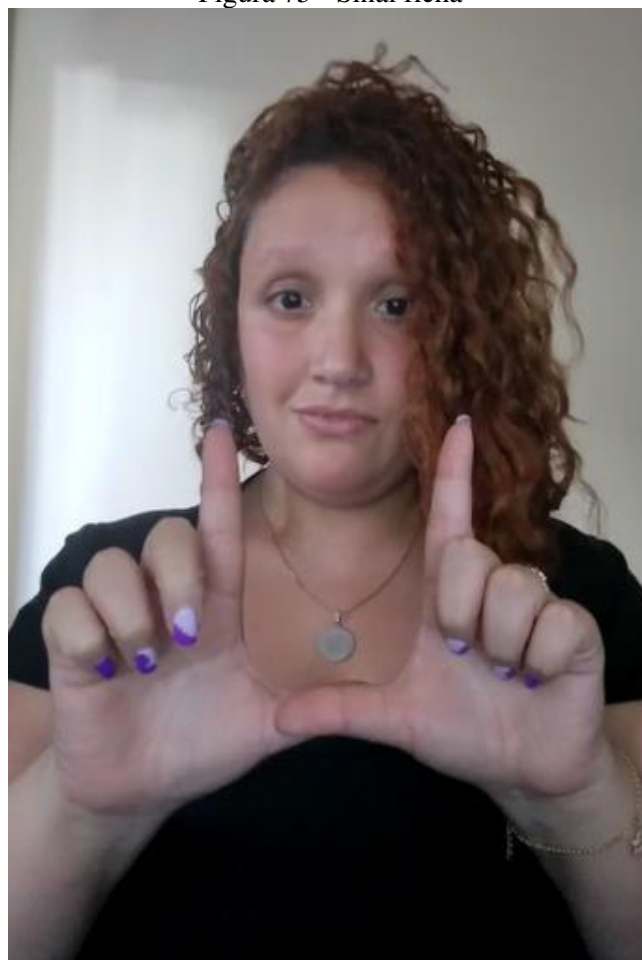
Figura 74 - Sinal livro



Fonte: A autora (2023)

Mãos na horizontal abertas, palma a palma tocando-se. As mãos separando-se com as palmas inclinadas, mantendo-as unidas pelas laterais dos dedos mínimos. Este é o sinal de livro figura 74 (imagem à esquerda). Logo em seguida, a mão direita fica com a palma virada para cima, aberta e inclinada; com a mão esquerda, e o indicador estendido, aponta-se para a parte inferior da palma da mão direita.

Figura 75 - Sinal ficha



Fonte: A autora (2023)

Mãos em “L”, dedos indicadores e polegares esticados, demais dedos dobrados. Palmas das mãos viradas para fora. Um polegar sobre o outro, formando uma espécie de “quadrado”, para fazer alusão ao espaço destinado a ficha catalográfica (figura75).

Figura 76 - Sinal detalhe/detalhado



Fonte: A autora (2023)

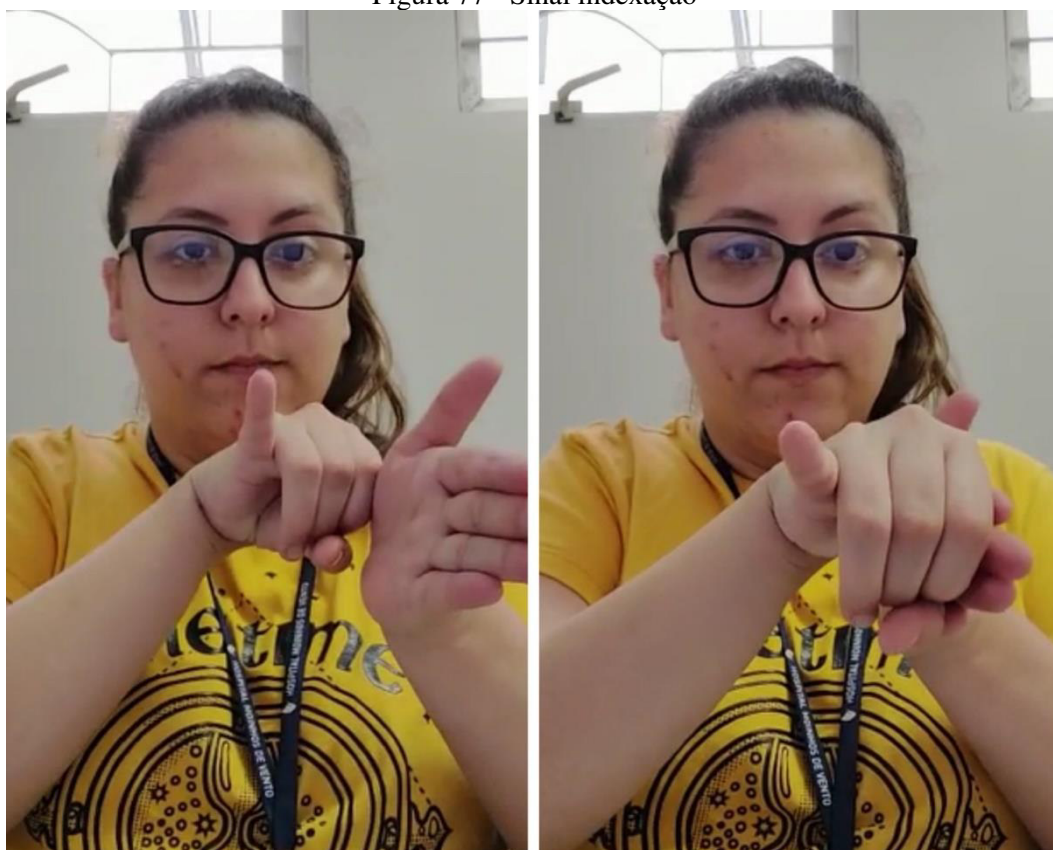
Mãos na altura da cabeça, com a palma virada para fora, dedos esticados e abertos. Dedos indicadores e polegares tocam-se repetidas vezes, enquanto ambas as mãos descem ao lado do corpo. Esse é o sinal de detalhe e/ou detalhado, que faz referência às informações contidas na ficha catalográfica (figura76).

28 Indexação de assunto

Operação que consiste em recuperar, selecionar e exprimir os conceitos contidos nos documentos; trata-se de uma operação de descrição interna, cujo objecto é o conteúdo intelectual dos documentos; através dela, as informações selecionadas nos documentos são expressas por meio de termos de indexação pertencentes a uma ou várias linguagens documentais (FAR-PER p.652).

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 77 - Sinal indexação



Fonte: A autora (2023)

Mão direita em “I”, mão fechada, com o dedo mindinho esticado, apontando para frente. Mão esquerda aberta na horizontal, com a palma virada para o lado direito (figura 77, imagem à esquerda), enquanto a lateral da mão direita passa pela palma da mão esquerda (figura 77, imagem à direita).

Figura 78 - Sinal tema/assunto



Fonte: A autora (2023)

Ambas as mãos fazendo sinal de “aspas” no ar, para indicar tema e/ou assunto (figura 78).

29 Informação

Informação, na sua definição mais ampla, é uma prova que sustenta ou apoia um fato.; com a informação podem-se realizar diversas operações, tais como: luz, som, ondas de rádio, corrente elétrica, campos magnéticos e marcas sobre o papel (CUN-CAV p. 201).

Ato ou efeito de informar ou de informar-se.; facto de se documentar acerca de determinado assunto histórico, econômico, político, literário, científico, *etc.*; Pesquisa; Instrução, conhecimento. Elemento ou sistema que pode ser transmitido por um sinal ou uma combinação de sinais.; Comunicação de fatos; Mensagem utilizada para representar um fato ou conceito num processo de comunicação, a fim de incrementar o conhecimento (FAR-PER p. 664).

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 79 - Sinal informação



Fonte: A autora (2023)

Mãos em “Y”, dedos mínimos e os polegares esticados, demais dedos fechados. Os dedos mínimos tocam-se no rosto alternadamente. Esse é o sinal de informação (figura 79).

30 Número Internacional Normalizado do Livro (ISBN)

Conjunto de treze dígitos precedido por um prefixo alfabético, dividido em quatro partes separadas por hífen: o identificador do grupo (determinado por considerações de ordem nacional, geográfica, linguística e outras); o identificador da editora, o identificador do título, o dígito de verificação ou de controle (o décimo), que dá ao computador (FAR-PER p.689). Como podemos constatar na figura 80.

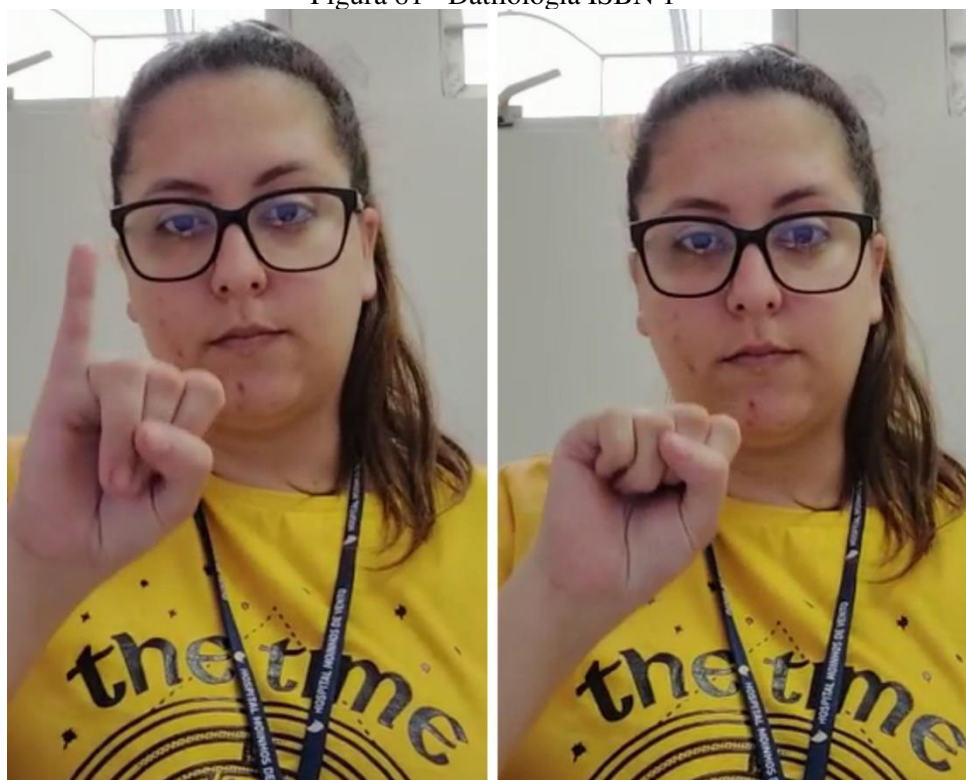
Figura 80 - ISBN



Fonte: Letra Capital Editora (2022)

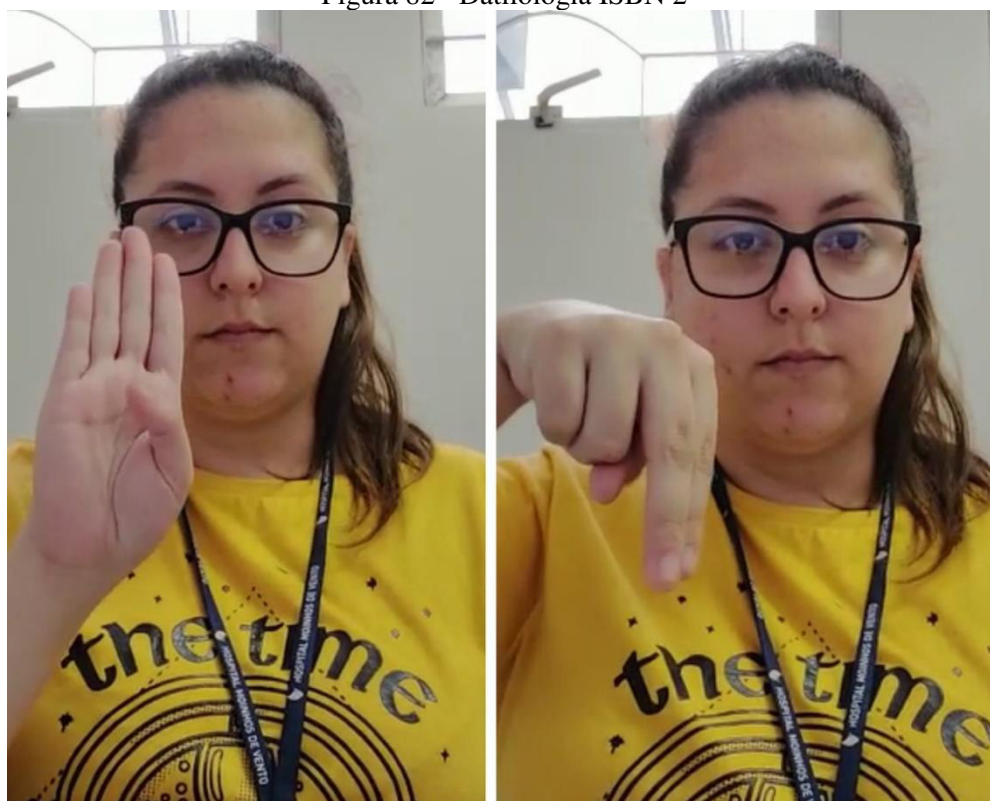
A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 81 - Datilologia ISBN 1



Fonte: A autora (2023)

Figura 82 - Datilologia ISBN 2



Fonte: A autora (2023)

Para representar o sinal de ISBN, utilizamos a datilologia, como podemos constatar nas figuras 81 e 82. Na figura 81 estão representadas as letras “I”, mão fechada, com o dedo mindinho esticado (imagem à esquerda) e a letra “S” (imagem à direita) - mão fechada com o polegar à frente dos demais dedos, palma da mão voltada para frente. Já na figura 82, estão representadas as letras “B” (imagem à esquerda) mão aberta com os dedos apontados para cima e unidos com a palma para a frente, enquanto o polegar fica dobrado tocando a palma da mão. Para a letra “N” (imagem à direita), os dedos indicador e médio ficam estendidos e juntos apontando para baixo, e os demais dedos permanecem dobrados.

Figura 83 - Sinal ISBN



Fonte: A autora (2023)

Após a datilologia, utiliza-se a mão na horizontal, dedos polegar e indicador curvados, apontando para cima, enquanto os demais dedos ficam dobrados, para fazer alusão ao retângulo que é disposto o ISBN (figura 83).

Figura 84 - Sinal número



Fonte: A autora (2023)

Em seguida, o sinal de “número”, visto que o ISBN é composto por treze números. Mão em “S”, mão fechada com o polegar à frente dos demais dedos na horizontal, palma para cima, tocar o lado esquerdo e o direito do peito (figura 84).

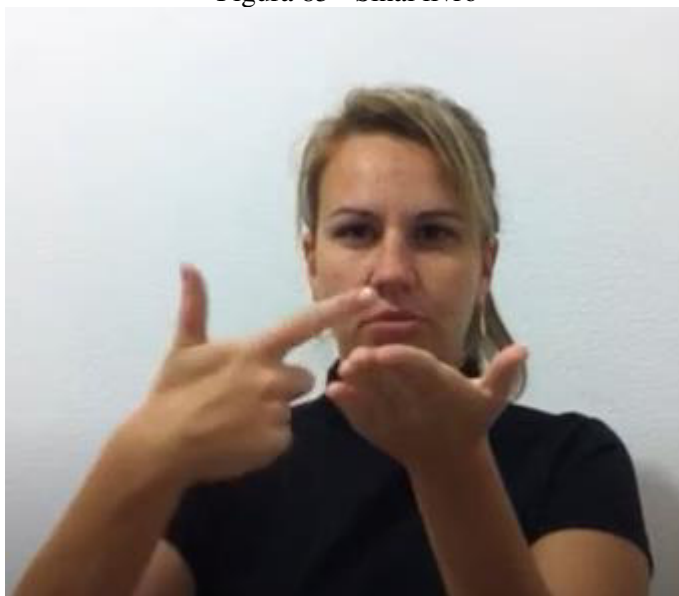
31 Livro

Documento impresso ou não impresso.

Segundo a ISO (*International Standards Organization*) é uma publicação impressa, não periódica, com mais de quarenta e oito páginas, sem incluir as da capa, que constitui uma unidade bibliográfica (FAR-PER p.761).

A seguir a descrição do sinal termo:

Figura 85 - Sinal livro



Fonte: SPERB (2015)

Mão esquerda aberta com a palma voltada para cima, movimentando a mão direita configurada em “L”, com o dedo indicador e polegar estendidos, como se estivesse folheando um livro (figura 85).

32 Multa

Pena pecuniária, aplicada por uma biblioteca, arquivo ou serviço de documentação a um utilizador que infringiu a lei neles vigente, em geral por não devolver a tempo o material que lhe foi emprestado (FAR-PER p. 848).

A seguir a descrição do sinal termo:

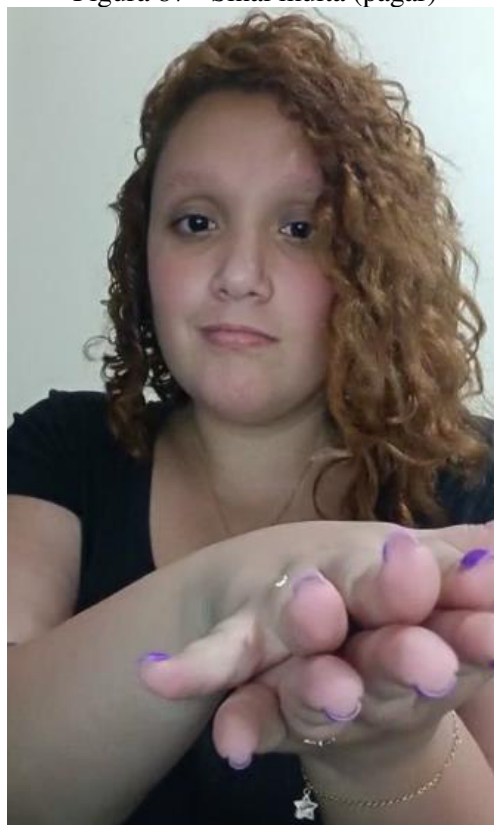
Figura 86 - Sinal multa



Fonte: A autora (2023)

Mão direita abre, e fecha em “S”, mão fechada com o polegar à frente dos demais dedos. Mão esquerda aberta, com a palma voltada para cima. A mão direita, quando fecha em “S”, vai ao encontro da palma da mão esquerda (figura 86).

Figura 87 - Sinal multa (pagar)



Fonte: A autora (2023)

Mão esquerda aberta com a palma voltada para cima, a mão direita aberta com a palma voltada para baixo, tocando na palma da mão esquerda (figura 87).

33 Número de chamada

Referência fornecida para permitir ao utilizador a localização de um documento dentro de um repositório.

Em classificação, símbolo que individualiza o livro dentro de uma coleção, quando existem livros que versam o mesmo assunto e conseqüentemente terão a mesma notação; ao conjunto das duas notações, numérica e alfabética chama-se número de chamada (FAR-PER p.873).

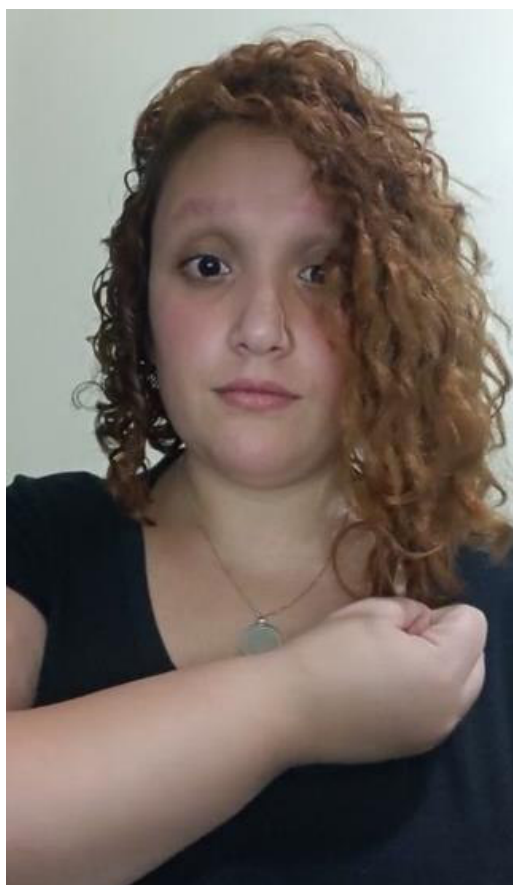
Figura 88 - Número de chamada



Fonte: –Instituto Federal Sertão (2022)

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 89 - Sinal de número



Fonte: A autora (2023)

Mão em “S” na horizontal, mão fechada com o polegar à frente dos demais dedos na horizontal, palma para cima, tocar o lado esquerdo e o direito do peito (figura 89).

Figura 90 - Sinal termo número de chamada



Fonte: A autora (2023)

As mãos com os dedos indicadores e polegares esticados, de frente um para o outro, se afastando. Fazendo alusão a etiqueta que é colocada na lombada dos livros para a sua identificação e localização (figura 90).

34 Palavra-chave

Palavra ou expressão da linguagem natural extraída durante a análise de um documento e que caracteriza o seu conteúdo; as palavras-chave são objeto de uma seleção que elimina os sinônimos e os quase-sinônimos, os termos polissêmicos, as siglas, as abreviaturas e as palavras estrangeiras que têm uma equivalente na língua da palavra-chave escolhida (FAR-PER p.91).

Figura 91 - Palavra chave

Título:	Aula de Libras: Sinalização das Cidades
Produtor:	ACERP
Palavras-chave:	Libras; Sinais de trânsito; Operação Lei Seca; Sinalização de rua; Documentos; Carteira de Habilitação; Detran; Placa de Sinalização

Fonte: INES (2022a)

A seguir, a descrição do sinal termo:

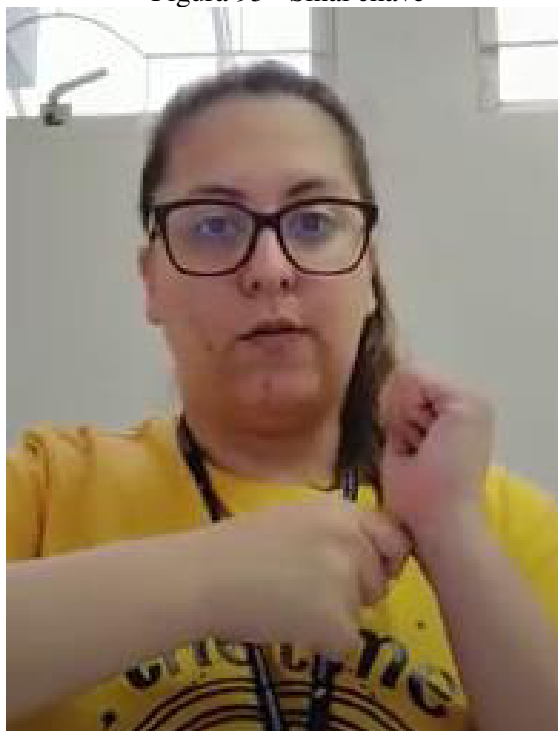
Figura 92 - Sinal palavra



Fonte: A autora (2023)

Utiliza-se a mão na vertical fechada, dedos polegar e o indicador curvados, apontando para cima. Este é o sinal de palavra (figura 92).

Figura 93 - Sinal chave



Fonte: A autora (2023)

Logo em seguida, utiliza-se a mão direita para fazer o sinal de chave, com a CM em “A”. A mão direita move-se em círculos, como no movimento de girar a chave em uma fechadura, utilizando a base do pulso esquerdo, como ‘fechadura’ (figura 93).

35 Periódico

Designação dada à obra ou publicação que aparece em tempos determinados.

Publicação que sai em dias fixos. Publicação periódica de informação geral, na qual o texto predomina sobre a ilustração (FAR-PER p.955).

A seguir a descrição do sinal-termo:

Utilizamos a datilologia da palavra periódico, ou seja, soletramos letra por letra. E em seguida acrescenta-se o sinal de revista, conforme a imagem a figura 94.

Figura 94 - Sinal periódico



Fonte: A autora (2023)

Mão esquerda na horizontal aberta, palma para cima. A mão direita em “R”, com dedos mínimos, anelar e polegar dobrados, unidos na frente da palma da mão, enquanto os dedos médio e indicador ficam cruzados com o indicador à frente. A mão direita permanece em “R”, tocando a palma da mão esquerda, dando a ideia de “folhear” de uma revista.

36 Ponto de acesso secundário

Nome, termo ou código pelo qual se pode pesquisar e recuperar a informação contida nos registros bibliográficos.

Em composição tipográfica, palavra ou palavras que servem de cabeçalho ao texto que se segue e são um resumo dele (FAR-PER p.979).

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 95 - Sinal ponto



Fonte: A autora (2023)

Mão esquerda aberta na vertical, com a palma voltada para o lado direito. Mão direita na horizontal, com o dedo indicador esticado, tocando a palma da mão esquerda (figura 95).

Figura 96 - Sinal acesso



Fonte: A autora (2023)

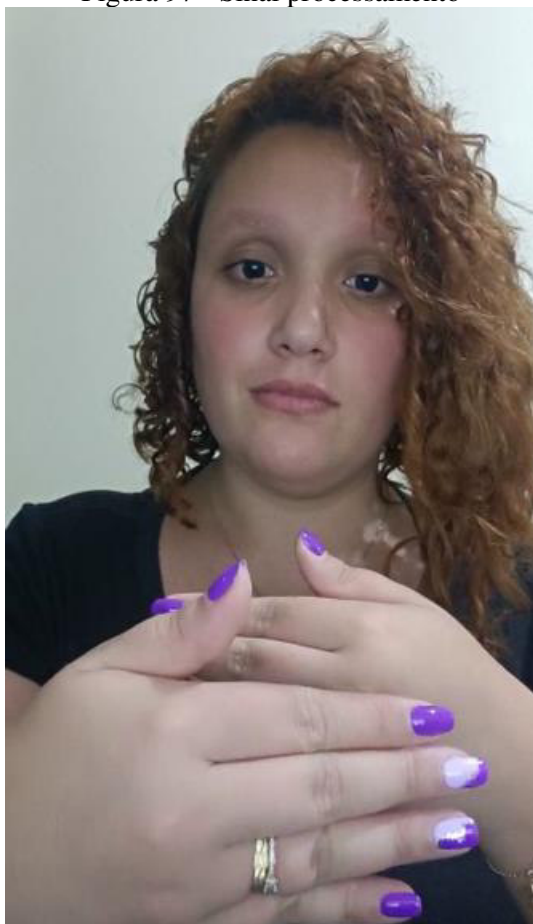
Mão esquerda em “C”, com os dedos curvados e unidos. Mão direita aberta na horizontal, palma virada para o lado esquerdo. A mão direita passa por ‘dentro’ da letra “C”, sugerindo a ideia de acesso, entrada (figura 96).

37 Processamento técnico

Conjunto de trabalhos referentes à preparação de um livro ou documento, desde que o mesmo entra na biblioteca, arquivo, serviço de documentação, *etc.* até o que se considera disponível nas estantes para ser utilizado (FAR-PER p. 1.209).

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 97 - Sinal processamento



Fonte: A autora (2023)

Mãos abertas, na horizontal, com a palma virada para dentro, fazendo movimentos para frente repetidamente (figura 97).

Figura 98 - Sinal técnico



Fonte: A autora (2023)

Mão direita em “T”, mão com os dedos mínimo, anelar e médio apontados para cima. Dedo indicador flexionado, apontado para frente. Dedo polegar encostado do lado de dentro do dedo indicador. A mão, em “T”, encosta no ombro esquerdo (figura 98).

38 Recuperação da informação

Conjunto de processos, geralmente automáticos, pelos quais os dados contidos em documentos que dizem respeito a um determinado assunto podem ser indexados, armazenados e extraídos para o utilizador (FAR-PER p.1.141).

Figura 99 - Recuperação da informação

Resultado 1-10 de 174.		
Anterior 1 2 3 4 ... 18 Próximo		
Conjunto de itens:		
Título	Autor(es)	Data do documento
LIBRAS V e VI UN1: Morfologia da LP e da Libras: Sinais Icoônicos e Sinais Arbitrários.	Cruz, Luciane; Ximenes, Nívea; Silva, Rafaela	2019
Metodologia do Ensino de Libras: Introduzindo Instrumentos de avaliação em Língua de Sinais. 3.	Gonçalves, Simone; Rezende, Patrícia; Gonçalves, Simone	2020
LIBRAS V e VI UN2: Flexão verbal: Composição e Incorporação de Negação.	Cruz, Luciane; Ximenes, Nívea; Silva, Rafaela	2019

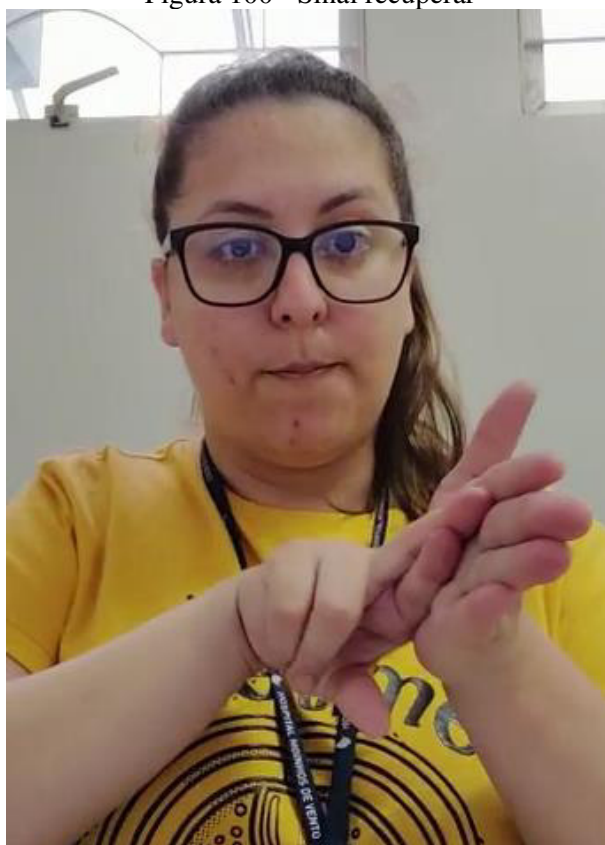
Gonçalves, Simone	3
Lopes, Mara Aparecida de Castilho	3
Rezende, Patrícia	3
próximo >	

Assunto	
Libras	36
Educação de Surdos	18
Língua de Sinais	18
Surdos	12

Fonte: INES (2022a)

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 100 - Sinal recuperar



Fonte: A autora (2023)

Mão esquerda aberta com a palma virada para o lado direito. Mão direita em “R”, com os dedos mínimos, anelar e polegar dobrados, unidos na frente da palma da mão, enquanto os

dedos médio e indicador ficam cruzados com o indicador à frente. A mão direita em “R” faz um semicírculo e encosta na palma da mão esquerda (figura 100).

Figura 101 - Sinal de Informação



Fonte: A autora (2023)

Mãos em “Y”, dedos mínimos e os polegares esticados, demais dedos fechados, tocando com os dedos mínimos no rosto alternadamente (figura 101).

39 Renovação

Ato de prorrogar a cedência de um livro ou documento.

Registro repetido de um livro ou outro documento em nome do mesmo requisitante por um novo período de cedência, previsto pelo regulamento de empréstimo (FAR-PER p. 1.069).

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 102 - Renovação



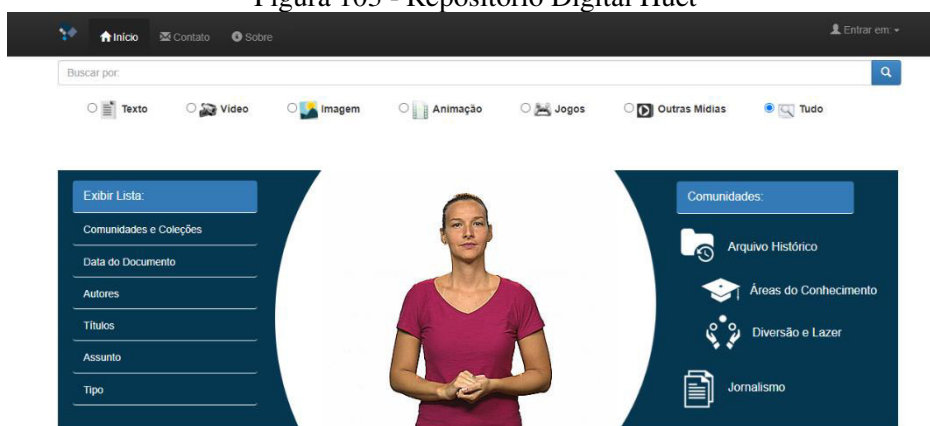
Fonte: A autora (2023)

Mão direita em “L”, dedo indicador e polegar esticados, demais dedos dobrados. Palma para dentro, na altura do ombro direito. A mão move-se para frente enquanto a palma da mão vira-se para frente (figura 102).

40 Repositório digital

Sistema de informação que permite gerir e armazenar material digital (FAR-PER p. 1.072). Como podemos ver na figura 103, o exemplo do Repositório Huet.

Figura 103 - Repositório Digital Huet



Fonte: INES (2022b)

A seguir a descrição do sinal-termo:

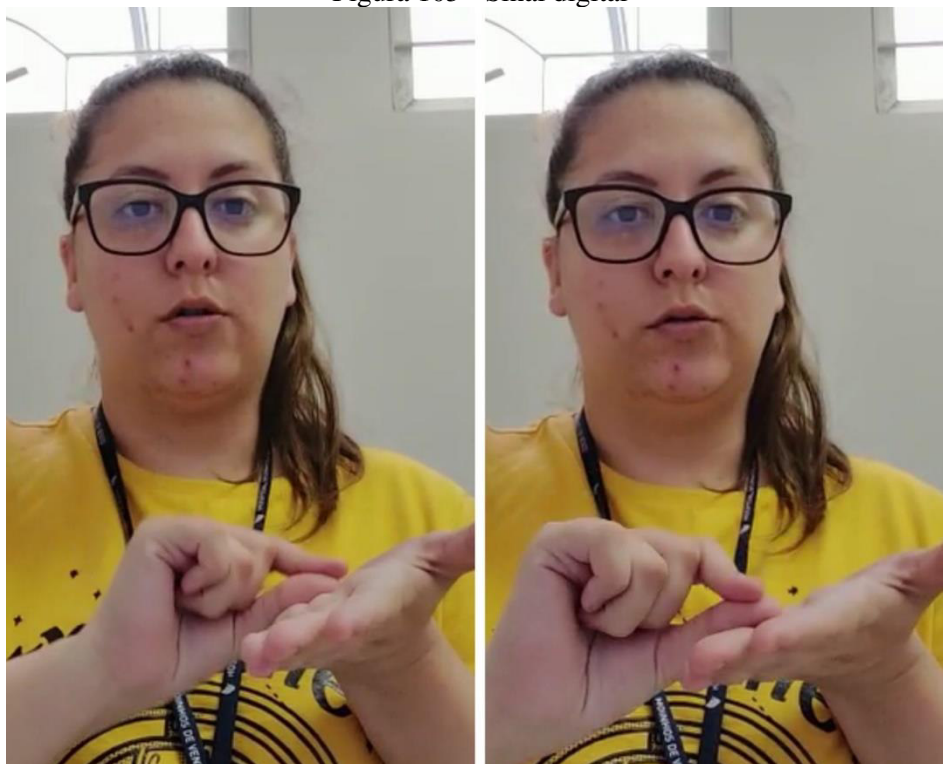
Figura 104 - Sinal repositório



Fonte: A autora (2023)

Mão esquerda em “C”, dedos curvados e unidos. Mão direita em “O”, dedos fazendo formato de círculo. A mão direita move-se dentro do “C”, para frente, esticando os dedos e separando-os, duas vezes (figura 104).

Figura 105 - Sinal digital



Fonte: A autora (2023)

Mão esquerda aberta com a palma voltada para cima e dedos unidos. Mão direita com os dedos indicador e polegar estendidos, em formato de “pinça”, sobre a palma da mão esquerda (figura 105, imagem à esquerda). Unindo as pontas dos dedos, enquanto a mão direita move-se para o lado em direção a parte da frente da palma da mão esquerda (figura 105, imagem à direita).

41 Revista

Publicação periódica, de frequência não diária, editada ou não em cadernos, que tem por objetivo selecionar, resumir, comentar e desenvolver fatos e informações atuais ou históricos considerados de interesse para a sua área específica (FAR-PER p. 1.086).

A seguir a descrição do sinal termo:

Figura 106 - Sinal revista



Fonte: A autora (2023)

Mão esquerda na horizontal aberta, palma para cima. A mão direita em “R”, com dedos mínimos, anelar e polegar dobrados, unidos na frente da palma da mão, enquanto os dedos médio e indicador ficam cruzados com o indicador à frente. A mão direita permanece em “R”, tocando a palma da mão esquerda, sugerindo a ideia de “folhear” de uma revista (figura 106).

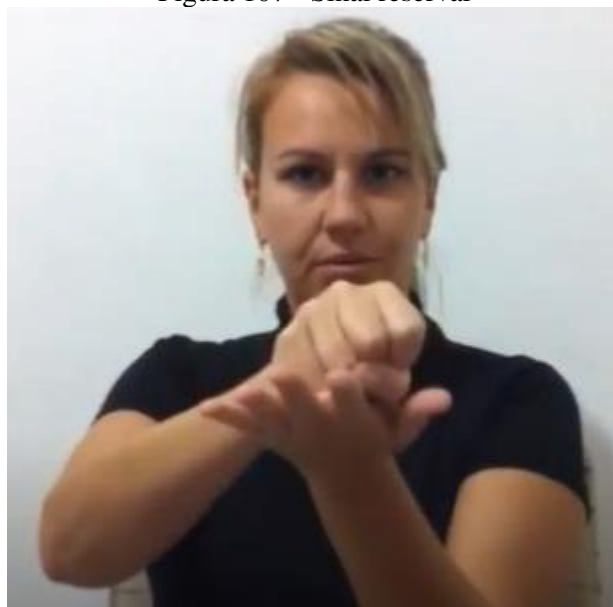
42 Reservar

Pôr de parte.

Restringir a certa pessoa ou pessoas quaisquer direitos (FAR-PER p. 1.076).

A seguir a descrição do sinal termo:

Figura 107 - Sinal reservar



Fonte: SPERB (2015)

A mão esquerda aberta, com a palma voltada para cima. A mão direita em “garra”, palma voltada para baixo, como se estivesse “agarrando/ guardando” algo. A mão direita, configurada em “S”, vai ao encontro da palma da mão esquerda (figura 107).

43 Serviço de referência

Serviço ou departamento ao qual cabe a tarefa de orientar o leitor no uso de uma biblioteca, arquivo, serviço de documentação, *etc.* e no aproveitamento dos recursos que podem ser proporcionados pelo acervo existente no próprio local. Dessa orientação faz parte o fornecimento de informações sobre a documentação à disposição, condições de consulta, instrumentos de pesquisa disponíveis, condições de obtenção de reproduções, *etc* (FAR-PER p. 1.126).

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 108 - Sinal de serviço de referência



Fonte A autora (2023)

Para compor esse sinal, utilizamos a combinação dos sinais de “ajudar” e “referência”, uma vez que o serviço de referência serve para ajudar os usuários da unidade de informação a encontrar as informações que procuram. Para realizar o sinal de ajudar (figura 108, imagem à esquerda), a mão esquerda fica na horizontal aberta, palma para baixo, dedos para a direita; mão direita vertical aberta, palma para frente tocando a base da palma na lateral do indicador esquerdo, movendo-as para frente. Já para o sinal de referência (figura 108, imagem à direita), a mão esquerda fica em “R”, com os dedos mínimo, anelar e polegar dobrados. Dedos médio e indicador são cruzados com o indicador à frente. Quanto à mão direita, permanece aberta com a palma da mão virada para dentro, indo ao encontro do “R”.

44 Tabela de Cutter

Qualquer dos dois esquemas alfabeticamente ordenados inventados por C.A. Cutter, constituídos por números decimais combinados com letras iniciais ou letras de apelido ou palavras; uma destas tabelas utiliza dois elementos e a outra três (FAR-PER p. 1161).

Hoje em dia, temos disponíveis tabelas cutters de modo *online*. Por exemplo, Monteiro Lobato. Conforme a figura 109.

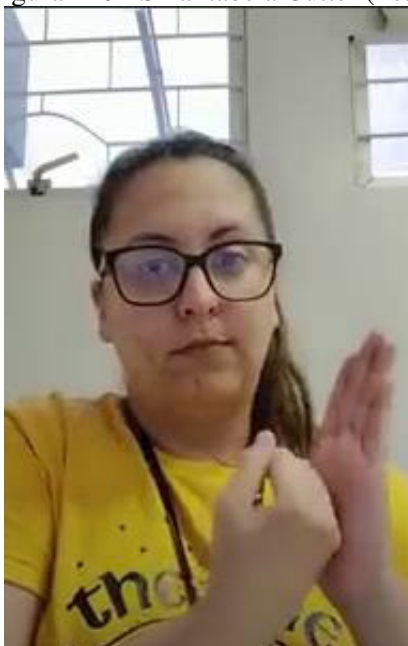
Figura 109 - Tabela Cutter



Fonte: A autora (2022)

A seguir a descrição do sinal-termo:

Figura 110 - Sinal tabela Cutter (lista)



Fonte: A autora (2023)

Mão esquerda aberta na vertical, palma virada de lado; mão direita na vertical, dedos flexionados com o lado do dedo mínimo tocando a mão esquerda. A mão direita move-se para baixo, tocando várias vezes a palma esquerda, como que sugerindo a ideia de listar algo (figura 110).

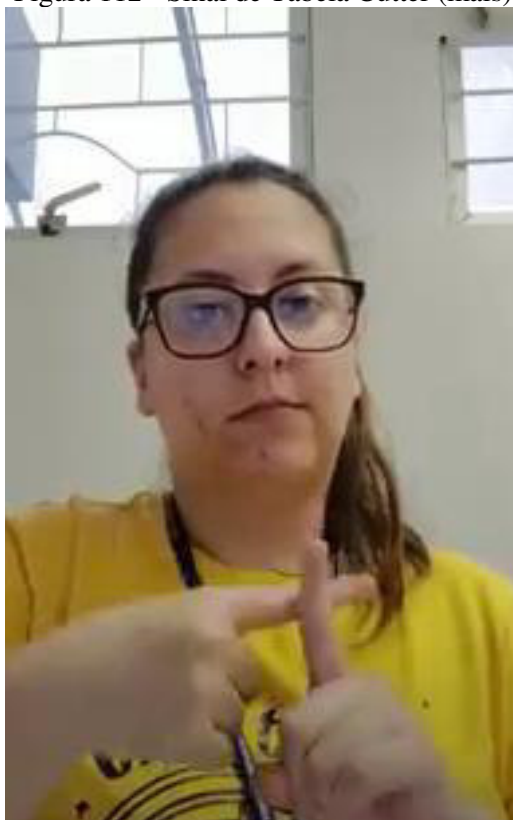
Figura 111 - Sinal de Tabela Cutter (letra)



Fonte: A autora (2023)

Mãos em “L”, mão esquerda com a palma voltada para frente, enquanto a mão direita fica voltada para baixo. O indicador da mão direita toca no polegar da mão esquerda, repetidas vezes (figura 111).

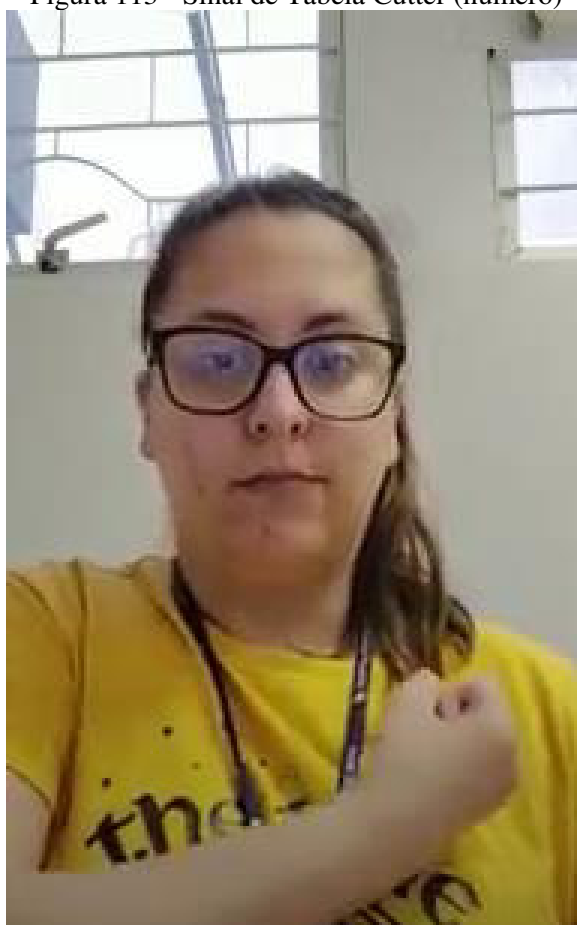
Figura 112 - Sinal de Tabela Cutter (mais)



Fonte: A autora (2023)

Com os indicadores, faz-se o sinal de adição (figura 112).

Figura 113 - Sinal de Tabela Cutter (número)



Fonte: A autora (2023)

Mão em “S”, mão fechada com o polegar à frente dos demais dedos na horizontal, palma para cima, tocar o lado esquerdo e o direito do peito (figura 113).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho pretendeu criar um glossário de Biblioteconomia traduzido para Libras visando contribuir para ampliar o leque de possibilidades de formação em nível superior das pessoas surdas, facilitar o seu acesso a assuntos relacionados à área biblioteconômica, e assim, ajudar a promover a inclusão da pessoa surda no ambiente acadêmico e profissional. A proposta do glossário também tem o objetivo de auxiliar tradutores-intérpretes de Libras no momento da tradução, para que não seja necessário o uso excessivo da datilologia, e profissionais da área na busca e acesso aos novos conceitos e sinais.

Para fundamentar a construção do glossário, primeiramente foi realizado um extensivo estudo bibliográfico acerca do surgimento da Libras, da natureza dessa língua, da legislação que garante direitos linguísticos ao surdo, do trabalho dos tradutores-intérpretes e dos dicionários e glossários. A revisão dos dicionários impressos de Libras analisou obras como: o Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em Suas Mãos, do ano de 2017, de Fernando César Capovilla, Antonielle Cantarelli Martins, Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo, que é composto por três volumes, que contam com mais de 13 mil sinais. No que se refere ao estudo de materiais no meio digital, foi dado destaque a glossários e outras ferramentas digitais, como por exemplo, o dicionário bilíngue do INES, o glossário de Libras da UFSC, e aplicativos como, *HandTalk*, *VLibras*, dentre outros, todos de acesso e/ou *download* gratuito.

Para definir os termos que comporiam o glossário, fez-se necessário um levantamento de termos relativos à Biblioteconomia. Para isso, foram utilizados três glossários da área, foram eles: ciência da informação, vinculado ao software de acesso aberto Tesouro Semântico Aplicado (THESA); glossário de termos *biblioteconômicos*, da Biblioteca AE Barcelos e, glossário da Área de Organização e Tratamento da Informação. Os glossários foram submetidos à análise do *software Voyant Tools*, que permitiu identificar de maneira quantitativa os termos que eram mais recorrentes nesses materiais. Dessa maneira, foram selecionados 25 termos para compor o glossário, devido ao trabalho minucioso que se faz necessário para a criação de novos sinais.

Dando continuidade às etapas deste trabalho, fizemos um levantamento bibliográfico de glossários de Biblioteconomia em Libras, a partir do qual não encontramos qualquer resultado satisfatório. Ainda que seja possível encontrar sinais em Libras para termos mais gerais, como por exemplo: livro, biblioteca, revista, entre outros que também fazem parte do universo da Biblioteconomia, termos mais específicos não foram identificados. Tendo em vista os termos

mais genéricos, decidimos agregar ao glossário esses termos já convencionados em Libras, que somaram 19 ao total, utilizando-os como base para a criação dos novos sinais. Ao fim, o glossário produzido apresentou 44 termos em Libras para a área de Biblioteconomia.

Uma das maiores contribuições deste trabalho é auxiliar na vida acadêmica dos alunos surdos que ingressam no ensino superior, visto que, é cada vez maior a necessidade de sinais específicos para as áreas de formação do ensino superior, no caso do presente glossário, a Biblioteconomia. Outra contribuição, é para o serviço do tradutor-intérprete, visto que eles são “pontes” entre duas línguas, transferindo as ideias das mais diversas áreas do conhecimento, ao passarem o *sentido* da mensagem da língua-fonte, no caso o português, para a língua-alvo, que é a Libras. Por este motivo, buscamos ressaltar, no contexto desse trabalho, o quanto o tradutor-intérprete tem a somar em sala de aula, no ensino e aprendizagem do aluno surdo e no auxílio pedagógico aos professores.

Dito isso, reiteramos que é preciso que mudanças institucionais, infraestruturais, discursivas e pedagógicas aconteçam para que possamos proporcionar e garantir uma inclusão de qualidade e efetiva dos alunos surdos nas universidades, uma educação que priorize a construção de identidade surda numa perspectiva afirmativa, reconhecendo a surdez como diferença, não como deficiência. Tal mudança deve abarcar também mudanças no pensamento da comunidade como um todo, de modo que a sociedade civil e acadêmica passe a enxergar o surdo não como alguém que precisa ser **consertado**, mas como uma pessoa que tem tantas capacidades quanto os alunos ouvintes.

O tradutor-intérprete é um **direito** do aluno surdo para que esse aluno possa usufruir do ensino por meio da Libras. Para além disso, é preciso que se garanta materiais acessíveis, a exemplo do glossário desenvolvido neste estudo, entre outros glossários técnicos das mais diversas áreas, traduzidos para Libras. Faz-se também necessário que os professores repensem as aulas e metodologias utilizadas, afim de levar em consideração as especificidades dos alunos surdos. Da mesma forma, são necessárias ações afirmativas e políticas institucionais para que as pessoas que fazem parte do convívio dos alunos surdos tenham a disposição e boa vontade de aprender a se comunicar com esse aluno em sua língua materna, para que assim o surdo se sinta mais autônomo, sem precisar a todo o momento do tradutor-intérprete por perto. No entanto, para que isso seja possível, é preciso que o ensino de Libras se torne obrigatório não somente nas Licenciaturas, mas que seja ensinada desde o ensino da educação básica, para que os surdos se sintam de fato incluídos nos contextos em que vivem.

O glossário aqui apresentado constitui um material inédito, visto que articula duas áreas (Libras e Biblioteconomia) que até então não tinham se articulado de modo acessível. O

material visa facilitar o entendimento dos conceitos na área de Biblioteconomia e, assim, auxiliar futuros estudantes surdos que possam vir a se interessar pela área biblioteconômica. Entendemos que a nossa proposta também pode vir a servir de base para futuros trabalhos e/ou estudos na mesma área, como por exemplo, o glossário gerenciado pela UFSC, anteriormente referido. Um dos intuitos deste glossário é ser acessível ao maior número de pessoas, tanto aqueles que já tem conhecimento da Libras como os que a estão aprendendo, razão pela qual preocupamo-nos em disponibilizá-lo em formato *online* e de acesso aberto. Além disso, nosso intuito é que outros profissionais bibliotecários tomem conhecimento não apenas da IFLA de atendimento a usuários surdos, mas que possam oferecer atendimento de qualidade para os usuários surdos que frequentam as unidades de informação. Nesse sentido, o que seria mais “acessível” do que um material *online*? Afinal, estamos conectados 24 horas por dia, seja para trabalhar, estudar ou para alguma forma de lazer.

O glossário *online* permite estudar a qualquer momento e em qualquer lugar. Visualizar o *vídeo* digital do sinal-termo é melhor do que recorrer a fotos, uma vez que mostra o espaço-visual, onde é possível ver a configuração de mãos, orientação, movimento, qual o ponto de articulação, expressão facial e corporal, além de permitir rever o sinal quantas vezes for necessário.

Em pesquisas futuras, pode-se rever o glossário a medida que for sendo utilizado, pois entendemos que melhorias são sempre necessárias para que se possa mantê-lo atualizado, além de ampliar o repertório de termos biblioteconômicos, a partir da contribuição de pessoas das áreas. Como também, espera-se que esse trabalhado sirva de base para futuros pesquisadores com estudos similares e/ou na mesma direção do glossário realizado. Quem sabe, até mesmo uma possibilidade para o doutorado, ser feita uma análise desses sinais-termos do glossário, na prática em um contexto social real.

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG - INSTITUTO DE LETRAS E ARTES - ILA - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - MESTRADO EM LETRAS - ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

BREVE APRESENTAÇÃO:

A pesquisa intitulada GLOSSÁRIO DE BIBLIOTECONOMIA EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) POR MEIO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO, realizada pela pesquisadora Mariana Brieze da Silva, residente da rua três norte, 23, apartamento 201, Bairro Centro Administrativo, Teutônia- Rio Grande do Sul. Sob orientação da Prof^ª. Dra. Camila Lawson Scheifer e coorientação do Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), pretende elaborar um glossário de Biblioteconomia traduzido para Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) por meio das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC's). Seu problema de pesquisa busca sanar dúvidas tais como: Existem materiais informacionais em Libras na área da Biblioteconomia no Brasil que exploram os recursos das tecnologias digitais? ; Qual o formato e natureza desses materiais?; Como o glossário proposto neste estudo poderá contribuir para o ensino de surdos, especialmente na área de Biblioteconomia?; Quais os efeitos do uso desse tipo de material para o aprendizado do surdo/ou para os processos de aprendizagem do surdo?.

OBJETIVO DA PESQUISA:

O objetivo desta pesquisa é: elaborar um glossário de Biblioteconomia em Língua Brasileira de Sinais por meio de tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs), procurando facilitar o contato inicial de pessoas surdas com a área de Biblioteconomia, apresentando desta maneira uma outra opção de formação em nível superior, além de contribuir para o trabalho dos tradutores e intérpretes.

1. Natureza da pesquisa: o sra (sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade elaborar um Glossário de Biblioteconomia em Língua Brasileira de Sinais – Libras.

2. Participantes da pesquisa: Os participantes desta pesquisa são serão os tradutores-intérpretes e os participantes surdos.

3. Envolvimento na pesquisa: ao participar deste estudo a sra (sr) permitirá que o (a) pesquisador (a) considerando a natureza da Libras, utilize de gravações dos participantes. A sra (sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (a) pesquisador (a) do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

4. Riscos e desconforto: a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. O possível desconforto causado durante a pesquisa pode ser o cansaço, devido ao fato de ser uma pesquisa detalhada que exige atenção e demanda tempo. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

5. Confidencialidade: todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o (a) pesquisador (a) e o (a) orientador (a) terão conhecimento dos dados. As gravações serão usadas sem identificação por nome dos participantes. Os dados serão

mantidos durante 5 anos em um Hardware. Após esse período mínimo excluiríamos toda e qualquer informação.

6. Benefícios: ao participar desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a junção da Biblioteconomia e da Libras, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa contribuir para que as pessoas surdas compreendam o universo da Biblioteconomia e quem sabe tenham interesse de se aprofundar em tal área do conhecimento, onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

7. Pagamento: a sra (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação. (Resolução CNS Nº 510 DE 2016, art.17, item VII.

8. Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida. (Resolução. 466/2012-CNS, IV.I.c).

9. Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica (Item IV.3.e, da Resolução CNS nº. 466 de 2012).

10. Asseguramos ao(à) Sr(a) o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo, pelo tempo que for necessário. (Itens II.3.1 e II.3.2, da Resolução CNS nº. 466 de 2012).

11 Também asseguramos o acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado pelo participante (resolução 510/2016.2, item III do art. § 2, do Capítulo 1).

12. Será entregue o TCLE em duas vias/ garantindo também a acessibilidade ao registro sempre que solicitado (Resolução CNS Nº 510 DE 2016, Cap.II, Seção I, art 17, item X. 12. É garantido ao participante o seu anonimato, confidencialidade, privacidade e sigilo (Resolução CNS nº 510 de 2016, item 17.IV.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos (Capítulo VII.2 da Resolução Nº 466/2012). A pesquisa envolvendo seres humanos é aquela que tem como participante o ser humano, e que o envolva de forma direta ou indireta, incluindo o manejo de seus dados, informações ou materiais biológicos (Capítulo II.14 da Resolução Nº 466/2012). Todas as pesquisas envolvendo seres humanos devem ser submetidas à apreciação do Sistema CEP/CONEP, que, ao analisar e emitir o parecer, se torna corresponsável por garantir a proteção dos participantes. ENDEREÇO CEP (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE): Avenida Itália, Km 08 - Campus Carreiros - Caixa Postal 474 - Rio Grande - RS - CEP: 96203-900: Rio Grande. Telefone: (53) 3237-3013 ou pelo e-mail:cep@furg.br Informações sobre o CEP: <https://propesc.furg.br/pt/comites/cep-furg>.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo. Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, não devo ser identificado por nome ou qualquer outra forma. As gravações ficarão sob a responsabilidade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Assinatura do Orientador

O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é Mariana Briese da Silva (Fone: (53) 99184-9419). E-mail: briesemariana@gmail.com

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

Data __ / __ / ____

REFERÊNCIAS

ACESSIBILIDADE BRASIL. **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3**. Disponível em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/Libras_3/ Acesso em: 02 dez. 2022.

ADAMS, Telmo *et al.* Tecnologias digitais e educação: para qual desenvolvimento?. **Educação Unisinos** v.17, n.1, p.57-65, jan. – abr. 2013. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2013.171.07> Acesso em: 21 nov. 2021.

ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima. Tecnologias digitais: novo espaço interativo na produção escrita dos surdos. **Cad.Cedes**, Campinas, v.26, n. 69, maio/ago,2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/XxVb7nrhMqFKwVPJbZyp4Qg/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 26 jan. 2021.

AUROUX, S. Listas de palavras, dicionários e enciclopédias. O que nos ensinam os enciclopedistas sobre a natureza dos instrumentos linguísticos. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, v.10 n. 20. Campinas, 2008, p. 9-23.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988.

BRASIL. **Lei nº 4084**. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício de 30 de junho de 1962. [S.l.: s.n],1962. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L4084.htm. Acesso em: 26 jan.2021.

BRASIL. **Decreto Nº 5.626**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000. [S.l.: s.n],2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 20 jan. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.436**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. [S.l.: s.n],2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em:20 jan.2021.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. [S.l.: s.n],2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192. Acesso em: 23 jan. 2021.

BRASIL. **DECRETO Nº 3.956, DE 8 DE OUTUBRO DE 2001**. Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2001/d3956.htm Acesso em: 08 maio 2023.

BRASIL. **Decreto nº 7.611**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. [S.l.: s.n],2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm. Acesso em: 20 jan. 2021.

BRASIL. **Lei nº 12.319.** Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. [S.l.: s.n], 2010. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-

[2010/2010/lei/l12319.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2012.319%2C%20DE%201%C2%BA%20DE%20SETEMBRO%20DE%202010.&text=Regulamenta%20a%20profiss%C3%A3o%20de%20Tradutor,Art.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2012.319%2C%20DE%201%C2%BA%20DE%20SETEMBRO%20DE%202010.&text=Regulamenta%20a%20profiss%C3%A3o%20de%20Tradutor,Art.) Acesso em: 20 jan. 2021.

CAMPELLO, A. R. Pedagogia Visual / Sinal na Educação de Surdos. *In:* QUADROS, R. M. e PERLIN, G. (Orgs.), **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2007. p.100-131.

CAMPOS, Lília. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Da Língua Brasileira De Sinais. *In:* **Blog Lília Campos**. 06 nov. 2010. Disponível em:

<http://liliacamposmartins.blogspot.com/2010/11/dicionario-enciclopedico-ilustrado.html>
Acesso em: 07 dez. 2022.

CAPOVILLA, Fernando *et al.* **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em Suas Mãos - 3 Volumes**. *In:* MAGAZINE LUIZA. São Paulo: Magazine Luiza, 2022. Disponível em: <https://www.magazineluiza.com.br/dicionario-da-lingua-de-sinais-do-brasil-a-Libras-em-suas-maos-3-volumes/p/jbd6510ecb/li/otli/> Acesso em: 20 ago. 2022.

CAPOVILLA, F. C. *et al.* **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

CAPOVILLA, Fernando C. Filosofias Educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilingüismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.6, nº1, 2000, p.99-116.

COLL, César; MONEREO, Carlese. Educação e aprendizagem no século XXI: novas ferramentas, novos cenários, novas finalidades. *In:* COLL, C.; MONEREO, C. (Orgs.), **Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação**. p. 15-46. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA - 4ª REGIÃO. **Carreira**. Belo Horizonte: CRB4, [2021]. Disponível em:

<http://www.crb4.org.br/carreira.php#:~:text=%20profissional%20de%20Biblioteconomia%20desenvolve,da%20sociedade%2C%20ao%20avan%C3%A7o%20cient%C3%ADfico%2D> Acesso em: 28 jan. 2021.

CRISTIANO, Almir. **O Congresso de Milão**. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em:

<https://www.Libras.com.br/congresso-de-milao> Acesso em: 30 jul. 2021.

CRISTIANO, Almir. Sign Writing. [S.l.: s.n], 2020. *In:* CRISTIANO, Almir. **Libras**. Disponível em:

<https://www.libras.com.br/signwriting#:~:text=SignWriting%20%C3%A9%20um%20sistema%20que,espec%C3%ADfico%20da%201%C3%ADngua%20de%20sinais.> Acesso em: 20 maio 2023.

CUNHA, Murilo Bastos; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DANTAS, Marcela. Alfabeto em Libras: infantil, para imprimir, numerais em Libras. *In: Blog Profissão Mestre*. 8 dez. 2020. Disponível em: <https://profissaomestre.com.br/alfabeto-em-Libras/> Acesso em: 28 nov. 2022

DELORS, J. *et al.* **Educação um tesouro a descobrir**: relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998.

ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA. **Introdução à Libras**. Brasília: ENAP, 2016.

ESTADOS UNIDOS. **Convenção Interamericana Para A Eliminação De Todas As Formas De Discriminação Contra As Pessoas Portadoras De Deficiência**. 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/guatemala.pdf> Acesso em 26 dez. 2022.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. Coimbra: Almedina, 2008.

FELIPE, Tania. A. De Flausino ao grupo de pesquisa da FENEIS – RJ. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DO INES*, 5., Rio de Janeiro, 2000. **Anais...** Rio de Janeiro: INES, 2000, p. 87-89.

FÉLIX, Rayanne. Os cinco parâmetros. *In: FÉLIX, Rayane. Blog Libras.itz*. 27 jul. 2010. Disponível em: <http://Librasitz.blogspot.com/2010/07/os-cinco-parametros.html> Acesso em: 02 dez. 2022.

FERNANDES, Sueli de Fátima; TERCEIRO, Francisco Martins Lopes. Deafhood: um conceito em formação no campo dos Estudos Surdos no Brasil. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 32, p. e86/ 1–23, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/38455>. Acesso em: 20 nov. 2022.

FERRARI, Luciana. **Caminhos para a inclusão no ILA- Mesa: Linguagem e Inclusão**. 6 out. 2022. Youtube: ILA – Instituto de Letras e Artes. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AVikd2w1SYk> Acesso em: 12 fev. 2023.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA, L; LANGEVIN, R. Sistema Ferreira Brito-Langevin de transcrição de sinais. *In: FERREIRA, L. Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, [reimpressão] 2010.

FRIEDRICH, Márcio Aurélio. **Glossário em Libras**: uma proposta de terminologia pedagógica (Português-Libras) no curso de Administração da UFPel. 2019. 262f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

FREITAS, D.A.; EULÁLIO, W. E.S. Surdos e o Ensino Superior no Brasil: uma reflexão. **Revista Eletrônica Nacional de Educação Física**, v. 10, n. 15, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.46551/rn.2020101500039>. Acesso em: 28 jan. 2021.

GALLAUDET. **About**. Washington: [s.n.], 2022. Disponível em: <https://gallaudet.edu/about/glance/> Acesso em: 20 nov. 2022.

GUARINELLO, Ana Cristina. O papel do outro na escrita de sujeitos surdos São Paulo: Plexus, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**.4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. [E-Book]. Disponível em: <http://home.ufam.edu.br/salomao/Tecnicas%20de%20Pesquisa%20em%20Economia/Textos%20de%20apoio/GIL,%20Antonio%20Carlos%20-%20Como%20elaborar%20projetos%20de%20pesquisa.pdf>. Acesso em: 22 set. 2021.

GOETTERT, Nelson. As tecnologias como ferramentas auxiliares na comunicação em língua portuguesa para usuários de língua brasileira de sinais. In: CORRÊA, Ygor CRUZ, Carina Rebello. (org.). **Língua brasileira de sinais e tecnologias digitais**. Porto Alegre: Penso, 2019.

GOLDFELD, Marcia. Breve relato sobre a educação de surdos. In: GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. São Paulo: Plexus, 2001.

HANDTALK. **Hand Talk Aplicativo**. 2022. Disponível em: <https://www.handtalk.me/br/aplicativo/> Acesso em: 22 set. 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Livro ilustrado de língua brasileira de sinais**. Jandira: Ciranda cultural, 2020.

HONORA, Marcia. **Kit com 3 livro ilustrado língua brasileira de sinais**. In: MERCADO LIVRE. São Paulo: Mercado Livre, 2022. Disponível em: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1027147196-kit-com-3-livro-ilustrado-lingua-brasileira-de-sinais-Libras-_JM Acesso em: 20 ago. 2022.

INSTITUTO FEDERAL SERTÃO . **GUIA DO USUÁRIO: Como localizar um livro na Biblioteca?** Pernambuco: IF Sertão, 2022. Disponível em: https://www.ifsertao-pe.edu.br/images/Campus_Salgueiro/1-Editais/2016/agosto/Como-localizar-um-livro-na-Biblioteca.pdf Acesso em: 09 jan. 2023.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS. **Diretrizes para serviços de biblioteca para surdos**. 2.ed. 2000. Disponível em: <http://especial.futuro.usp.br/documentos/guiaifla.rtf> Acesso em: 29 nov. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Caderno pedagógico - estudo 2**. [2022]. Disponível em <https://moodle.ifsc.edu.br/mod/book/view.php?id=216523&chapterid=26517> Acesso em: 02 dez. 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE ENSINO. **Introdução à Língua de Sinais**. 2021. Disponível em: https://institutoine.com.br/arquivos/_introducao_a_lingua_de_sinais_6019493820616.pdf Acesso em: 20 out. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. **Página de busca**. 2022a. Disponível em: <http://repositorio.ines.gov.br/ilustra/simple-search?query=SINAIS&site=Tudo> Acesso em 09 jan. 2023.

INEP. **Censo da Educação Superior 2021 – Divulgação dos resultados**. Brasília: MEC, 2022a. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2021/apresentacao_censo_da_educacao_superior_2021.pdf Acesso em: 30 maio 2023.

INEP. **Censo Escolar 2021 – Divulgação dos resultados**. Brasília: MEC, 2022b. Disponível em: https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2021/apresentacao_coletiva.pdf Acesso em: 30 maio 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. **Repositório Digital Huet**. 2022b. Disponível em: <http://repositorio.ines.gov.br/ilustra/> Acesso em: 09 jan. 2023.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. **Metodologia de Pesquisa: um guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010. p.26. [E-Book]. Disponível em: <http://197.249.65.74:8080/biblioteca/bitstream/123456789/713/1/Metodologia%20da%20Pesquisa.pdf>. Acesso em: 22 set. 2021.

KENSKI, Vani Moreira. Aprendizagem mediada pela tecnologia. **Revista Diálogo Educacional**, n. 14, v.10, 2003, p. 47-56. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/6419/6323> Acesso em: 28 ago. 2021.

KUMADA, Kate Mamhy Oliveira. **Libras – língua brasileira de sinais**. Londrina: Editra e Distribuidora Educacional S.A., 2016.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. A inclusão de alunos surdos: o que dizem os alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Caderno Cedes**, Campinas, v.26, p.163-184, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/KWGSm9HbzsYT537RWBNBcFc/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 13 jan. 2023.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos; CAETANO, Juliana Fonseca. **Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos**. São Paulo: Ufscar, 2013. Disponível em: <http://ufscarLibras.blogspot.com/2016/08/estrategias-metodologicaspara-o-ensino.html> Acesso em: 26 dez. 2022.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; POLETTI, Juliana E. **A escola inclusiva para surdos: a situação singular do intérprete de língua de sinais**. [S.l.: s.n.], 2004. Disponível em: <https://www.anped.org.br/sites/default/files/t151.pdf> Acesso em: 20 out. 2022.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. Experiência Visual e Surdez: Discussões sobre a Necessidade de uma “Visualidade Aplicada”. **Revista Forum**, Rio de Janeiro, n. 29-30, jan/dez, 2014. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-forum/article/view/385/355> Acesso em: 30 maio 2023.

LEMKE, Jay L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n.49, v. 2: 455-479, Jul./Dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/pBy7nwSdz6nNy98ZMT9Ddfs/abstract/?lang=pt> Acesso em: 10 fev. 2023.

LETRA CAPITAL EDITORA. **International Standard Book Number**. 2022. Disponível em: <https://www.letracapital.com.br/o-que-e-o-isbn-international-standard-book-number/> Acesso em: 09 jan. 2023.

MARTINS, Diléia Aparecida. **Trajetórias de formação e condições de trabalho do intérprete de Libras em Instituições de Educação Superior**. 2009. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/190438/MARTINS%20Dileia%20Aparecida%202009%20%28disserta%20c3%a7%20c3%a3o%29%20PUC-CAMPINAS.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 26 dez. 2022.

MASNY, Daiana. Multiple literacies theory: discourse, sensation, resonance and becoming. **Discourse: studies in the cultural politics of education**, v. 33, n. 1, p. 113-128, fev. 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Declaração De Salamanca**. [S.l.: s.n.], 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> Acesso em: 05 dez. 2022.

MINISTÉRIO DA GESTÃO E DA INOVAÇÃO EM SERVIÇOS PÚBLICOS. **V Libras**. [S.l.: s.n.], 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/governodigital/pt-br/vLibras> 2022. Acesso em: 27 set. 2022.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma linguística aplicada Indisciplinar**. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA e PILAR (orgs.). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 11-24.

MOTA, F. R. L.; OLIVEIRA, M. Formação e atuação profissional. In: OLIVEIRA, M. (Org.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. 2.ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2011. p. 95-107.

MUSEU IMPERIAL. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos**. Petrópolis: Museu Imperial, [2022]. Disponível em: <http://dami.museuimperial.museus.gov.br/handle/acervo/7399> Acesso em: 07 dez. 2022.

NASCIMENTO, G.V.S.; SANTOS, R. **Educação, inclusão e TIC's**: legendas e janelas de Libras como recurso para inclusão da pessoa surda. São Leopoldo: Oikos, 2016.

NEGRELLI, Maria Elisabeth Dumont; MARCON, Sonia Silva. Família e criança surda. *In: Revista Ciência, Cuidado e Saúde*. Maringá, v. 5, n. 1, p. 98 -107, jan./abr. 2006 Disponível em: <https://doi.org/10.4025/ciencuidsaude.v5i1.5146> Acesso em: 08 abr. 2023

NOGUEIRA, Clélia Maria Ignatius *et al.* **Linguagem Brasileira de Sinais**. Maringá, PR: UniCesumar, 2017.

NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil**: análise e história. Campinas, SP: Pontes, São Paulo, SP: FAPESP; São José do Rio Preto, SP: PAPERP, 2006.

OATES, Eugênio. **Linguagem das mãos**. Aparecida, SP: Santuário, [1983].

OATES, Eugênio. **Linguagem das mãos**. *In: AMAZON*. São Paulo: Amazon, c2023. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Linguagem-das-M%C3%A3os-Eug%C3%AAnio-Oates/dp/8572000755> Acesso em: 07 dez. 2022.

ONU. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**, Brasília: [s.n], 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=424-cartilha-c&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 23 jan. 2021.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Curso de intérprete de Libras**. [s.l]: Educação a Distância Portal Educação, [2020].

PFEILSTICKER, Leopoldo *et al.* A investigação genética na surdez hereditária não síndrômica. **Revista Brasileira de Otorrinolaringologia**, v. 70, n. 2, p. 182-186, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-72992004000200007&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 23 jan. 2021.

PRODANOV, C.C. **Manual de metodologia científica**. 3. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2006.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.; SILVA, D. S. As comunidades surdas brasileiras. *In: ZAMBRANO, R. C.; PEDROSA, C. E. F. (Org.). Comunidades surdas em América Latina: comunidades Surdas na América Latina*. Florianópolis: Bookess, 2017.

QUADROS, R. M. **Libras**. Editora Parábola: São Paulo. 2019.

REILY, Lucia; REILY, Duncan Alexander. A constituição da língua de sinais e do alfabeto manual na igreja monástica. *In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED*, 26., 2003, Poço de Caldas. **Anais [...]**. Poço de Caldas: USP, 2003.

REILY, L. **Escola Inclusiva: linguagem e mediação**. Campinas: Papyrus, 2004.

ROSA, Andréa da Silva. Tradutor ou Professor? Reflexão preliminar sobre o papel do intérprete de língua de sinais na inclusão do aluno surdo. **Ponto De Vista**, Florianópolis, n. 8, p. 75-95, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1106/904> Acesso em: 24 jan. 2023.

SACKS, Oiver. **Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTANA, Ana Paula. A inclusão do surdo no ensino superior no Brasil. *Journal of Research in Special Educational Needs*, v. 16, n. s1, 2016 p. 85–88 Disponível em: <https://nasenjournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/1471-3802.12128#:~:text=Os%20alunos%20surdos%20apontam%20dificuldades,que%20se%20espera%20dos%20universit%C3%A1rios>. Acesso em: 31 maio 2023.

SANTOS, Lara Ferreira dos. **O fazer do intérprete educacional: práticas, estratégias e criações**. 2014. Tese (Doutorado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2930/6164.pdf?sequence=1> Acesso em: 26 dez. 2022.

SANTOS, L. F; LACERDA, C. B. F. Atuação do intérprete educacional: parceria com professores e autoria. **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, p. 78-112, 2015. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p505> Acesso em: 26 dez. 2022.

SEGALA, Sueli Ramalho. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [S.l.], 14 out. 2019. Disponível em: https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4444049Y5&tokenCaptchar=03AFY_a8XV-QUxR3plPxyXvZTkaw5i_Lpa4w6ooBk-DZeqHZHqDmeRkyIEjqnXx5cXFD6bljW2nxCY2gCipdXOdbzcJnSAaVATE82XtKNwJEBd8hlB0FjHc4ZaZKSfQ89_TEXyPc7N4f7w0i_TgZ1wyTwyIBdRhM2_fS5qA68zcOjSIgZXbsZGIoQgn8bJWWTqaSXZ24nllfRZk29rz8wWfwnYhf_-4UEvYPOs7aNU0ww6W3a8_FfK6oAdbclggsAK1xbQqLWSa931NigfWDPnMwkJT1jpARXLXox3uQ3oDkKB3GJARTjzB1RTcOGKb_uQBw1_CDUvV9AV3Ncjj5L_Sg_9BIu4OTdYG60CPCWcQRWjzyWxti8oAktIvSZiA8hlWj6GRsuhT1gSc9n1FUyteWf6x7xlgrdUafxLqzBkam-g0kuYXkTAg835m5rp1a2KE_XZbMXcFbKVcM6X0myVU-tRsOtN1prD07r3vZGHGU2ZpO2NZBSJ1T0Wlx0dsrVDTDXnFPEAJmizqUHIDN-weC0QdISD7qw4SEW9eHzIv37nAJfH6CAtcE8 Acesso em: 20 ago. 2022.

SUITE V LIBRAS. **Tradutor automático de conteúdos digitais em Libras – Suíte V Libras**. 6 abr. 2016. Youtube: Gov Br Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-g5jFhglAdU&t=37s> Acesso em: 21 set. 2021.

SCHEIFER, Camila Lawson; REGO, Marianna Collares Soares. Da redundância à gambiarra: reflexões para o ensino de línguas na era do digital. *In: LEFFA, Vilson J. et al. [Org.]*

Tecnologias e o ensino de línguas: uma década de pesquisa em linguística aplicada. Santa Cruz do Sul: EDUNISC,2020.

SCHOPENHAUER, Arthur. On Language and Words. *In:* SHULTE, Rainer; BIGUENET, John. (ed.). **Theories of Translation:** an anthology of essays from Dryden to Derrida. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

SCHLÜNZEN, Elisa Tomoe Moriya; BENEDETTO, Laís dos Santos Di; SANTOS, Danielle Aparecida do Nascimento dos. **História Das Pessoas Surdas:** da Exclusão à Política Educacional Brasileira Atual. São Paulo: UNESP, [2012]. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/65523/1/l02_t02.pdf Acesso em: 20 nov.2022.

SEGALA, Sueli Ramalho; KOJIMA, Catarina Kiguti. **A imagem do pensamento – Libras.** São Paulo: Lafonte, 2020.

SEGALA, Sueli Ramalho; KOJIMA, Catarina Kiguti. **A imagem do pensamento – Libras.** *In:* AMAZON. São Paulo: Amazon, c2022.. Disponível em: https://www.amazon.com.br/Imagem-do-Pensamento-LIBRAS/dp/8581864481/ref=sr_1_1?qid=1670390439&refinements=p_27%3ASueli+Ramalho+Segala&s=books&sr=1-1 Acesso em: 07 dez. 2022.

SILVA, Giselli Mara da. **Parâmetros da Libras.** Belo Horizonte: UFMG, [2016]. Disponível em:http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/dialogosdeinclusao/Parametros_da_Libras.pdf Acesso em: 02 dez. 2022.

SILVA, M. V.; SILVA, K. D. Proposta para a elaboração de um glossário português-inglês da disciplina Análise linguística de corpus do LEA-MSI. *In* UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Biblioteca Digital da Produção intelectual Discente.** BDM. Brasília: UNB, 2015. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/9578/1/2015_MarcosViniciusDaSilva.pdf. Acesso em: 23 jan. 2021.

SILVA, Edvaldo Feliciano da; CAMPOS, Marineide Furtado. O percurso dos surdos na história e a necessidade da Libras para a inclusão dos sujeitos na escola. *In:* Encontro Internacional de Jovens Investigadores Edição Brasil. 3., 2017, Campina Grande. **Anais [...]** Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/50000> Acesso em: 15 mar. 2022.

SKLIAR, C.(Org.). **A surdez:** um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SKLIAR, Carlos (org). **A Surdez:** um olhar sobre as diferenças, Porto Alegre: Mediação, 2005.

SOBRAL, Adail. **Dizer o “mesmo” a outros:** ensaios sobre tradução. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008.

SOFIATO, Cássia Geciauskas. **O desafio da representação pictórica da língua de sinais brasileira.** 2005. 123f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SOFIATO, Cássia Geciauskas; REILY, Lucia. Dicionários e manuais de língua de sinais: análise crítica das imagens. *In*: SOFIATO, Cássia Geciauskas *et al.* **Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS: aspectos linguísticos e históricos**. São Carlos: UFSCAR, 2012.

SOFIATO, Cássia Geciauskas; REILY, L.H. Dicionarização da língua brasileira de sinais: estudo comparativo iconográfico e lexical. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 1, p. 109-126, 2014.

SOFIATO, Cássia Geciauskas. Glossário virtual de língua brasileira de sinais: constituição e usabilidade. *In*: CORRÊA, Ygor CRUZ, Carina Rebello. (org.). **Língua brasileira de sinais e tecnologias digitais**. Porto Alegre: Penso, 2019.

SPERB, Carolina. **Sinais de Biblioteconomia**. 10 mar. 2015. Youtube: Carolina Sperb. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EV0XnDjL6W4&t=60s> Acesso em: 15 jan. 2023.

STROBEL, Karin. **As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em: https://www.Libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/historiaDaEducaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducaoSurdos.pdf Acesso em: 20 nov. 2022.

SWSIGNWRITER. **SwSignWriter Aplicativo**. [S.l.: s.n.], 2022. Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=pro.jonathanduncan.swsignwriter> Acesso em: 20 set. 2021.

TACOMA LIBRARY. **How Dewey Do?** December 10th Is Dewey Decimal System Day. [S.l.: s.n.], 2016. Disponível em: <https://www.tacomalibrary.org/blogs/post/how-dewey-do-december-10th-is-dewey-decimal-system-day/> Acesso em: 09 jan. 2023.

TRANSIÇÃO. Intérprete. O Teatro Mágico. Compositores: Fernando Anitelli. *In*: A Sociedade do Espetáculo. [S.l.]: Independente, 2011. Faixa 6 (4 min. 45s).

TEBEL SUPRIMENTOS. **Curiosidades - Bibliocanto**. São Paulo: [s.n.], 2019. Disponível em: <https://www.tebel.com.br/blog/curiosidades-bibliocanto/> Acesso em 09 jan. 2023.

TEC LIBRAS. **Tec Libras aplicativo**. [S.l.: s.n.], 2022.

TERRA-FERNANDES, C. L. **Neurociências na formação docente e implicações para a educação bilíngue de estudantes surdos**. 2018. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande, Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Rio Grande, 2018. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/8490/aa09836e76ff61d7c6498fd158ef7fbe.pdf?sequence=1>. Acesso em: 23 jan. 2021.

TIMETOAST. **História das Pessoas Surdas (PS's)**. [S.l.: s.n., 2019]. Disponível em: <https://www.timetoast.com/timelines/historia-da-educacao-especial-e-inclusiva-d30aab95-9886-46ff-bd2d-8130252e5902> Acesso em: 20 nov. 2022

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Currículo**. 2023. Disponível em: https://www.ucs.br/site/static/uploads/arquivo_curriculo/rYiBEZDjiz.pdf Acesso em: 20 fev. 2023.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. **Ementas**. Disponível em http://www.uel.br/prograd/catalogo-cursos/catalogo_2021/ementas/biblioteconomia.pdf Acesso em: 09 abr. 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. **Quadro de Sequência Lógica (QSL) - Biblioteconomia**. 2023. Disponível em: https://sistemas.furg.br/sistemas/paginaFURG/publico/bin/cursos/tela_ql_visual.php?cd_curso=180*883 Acesso em: 20 fev. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Biblioteconomia**. 2023. Disponível em: http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=304 Acesso em: 20 fev. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Libras a Distância**. 2022. Disponível em: <https://Libras.ufsc.br/Libras-distancia/> Acesso em: 20 dez. 2022.
United Nations Children's Fund (UNICEF). **Declaração Mundial Sobre Educação Para Todos**. 1990. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990> Acesso em: 06 dez.2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Glossário Libras**. [S.l.: s.n.], 2022. Disponível em: <https://glossario.Libras.ufsc.br/sinal/520> Acesso em: 22 set. 2021.

UNICEF. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos (Conferência de Jomtien – 1990)** Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990> Acesso em: 08 abr. 2023

VINI LIBRAS. Libras sinal - **Referência Bibliográfica**. 6 jan. 2022. Youtube: Vini Libras. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LD8L_YAY1kw Acesso em: 22 jan. 2023.

WITKOSKI, Silvia Andreis. **Educação de surdos e preconceito: bilingüismo na vitrine e bimodalismo precário no estoque**, 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/26125/SILVIA%20ANDREIS%20WITKOSKI.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 29 maio 2023.

WRIGLEY, Owen. **The politics of deafness**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.